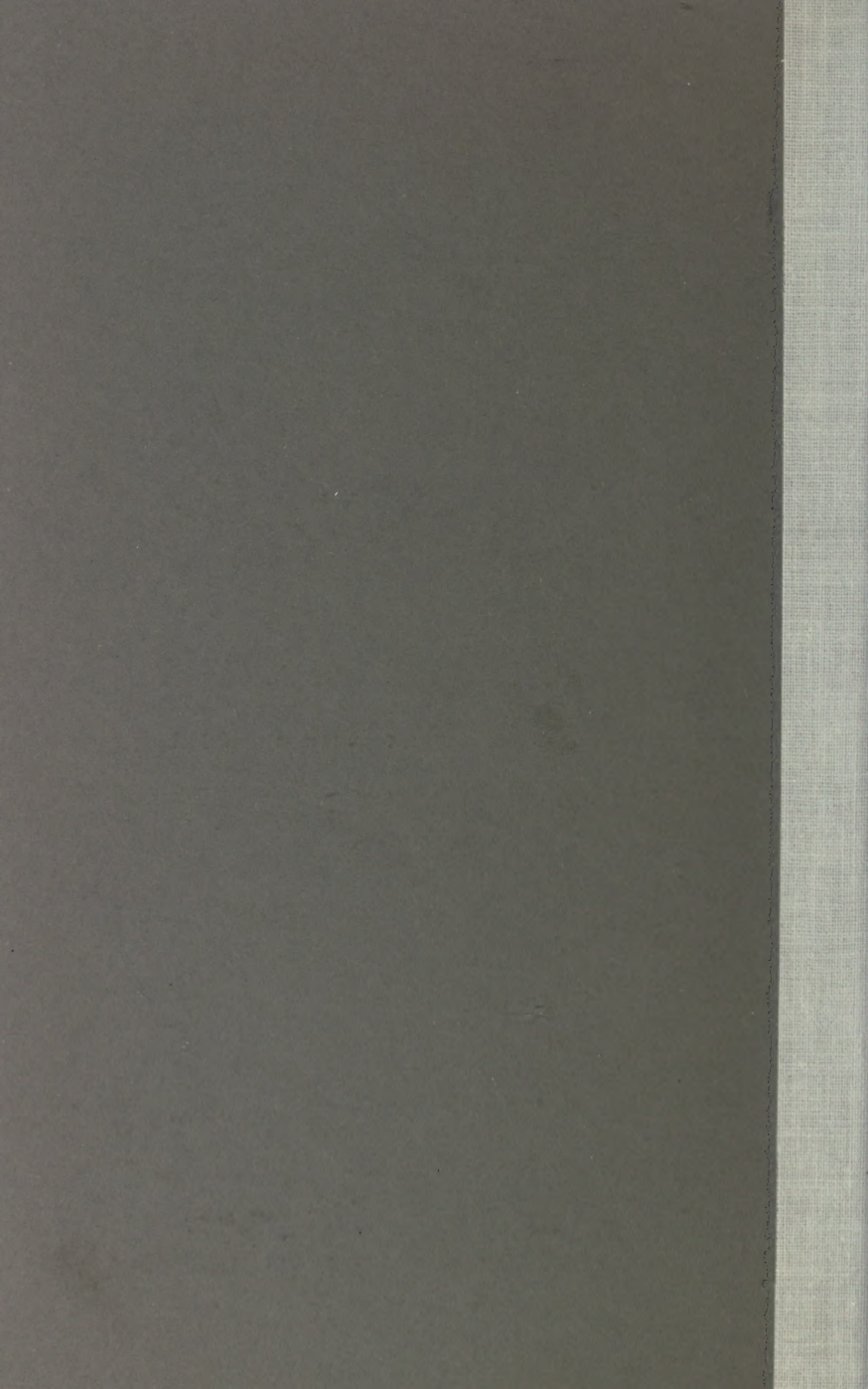




3 1761 06350542 4

Resende, Garcia de
Miscellanea e variedade
de historias, costumes,
casos, e cousas

PQ
9231
R4M5



João de Barros



LIVRO DAS

obras de Garcia de Resende, que tracta da vida & grandissima virtudes & bõdades: magnanimo esforço, excellentes costumes & manhas & muy raros feitos do christianissimo: muito alto & muito poderoso principe el rey dom Ioam ho segundo deste nome: & dos Reys de Portugal ho trezeno de gloriosa memoria: começado de seu nacimẽto & toda sua vida ate ha ora de sua morte: e outras obras q̃ adiante se lêguẽ. Vay mais acrescentado nouamente a este liuro hũa Miscellanea e trouas do mesmo auctor & hũa variedade de de historias, costumes, casos, & cousas que em seu tẽpo accõtecerã.



Mingos

415

LIVRO

Atlântida

COIMBRA

GARCIA DE REZENDE

MISCELLANEA

TRABALHO DE HISTÓRIA, COSTUMES,
LÍNGUA E LITERATURA DO BRASIL

MISCELLANEA



COIMBRA

EDITORA - ATLÂNTIDA

Impresso e publicado na Tipografia Fênix, Avenida
Rua Ferreira Borges, 103 - Coimbra

MISCELLANEA

Composto e impresso na Tipografia França Amado,
Rua Ferreira Borges, 103 — Coimbra.

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa
XIX

GARCIA DE RESENDE

MISCELLANEA

E VARIEDADE DE HISTORIAS, COSTUMES,
CASOS, E COUSAS QUE EM SEU TEMPO ACONTECERAM

Com prefácio e notas de Mendes dos Remedios



COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1917

Substituto para o estado de História de Literatura Portuguesa

717



GARGA DE

MISCELL

CAZOS E FORTUNAS DUR EM SEU TEMPO ACORREBAM
E FORTUNAS DE HISTÓRIAS ACORREBAM

Com prefácio e notas de Mendes dos Remedios

PQ
9231
R4M5



COIMBRA
LIVRARIA GARRAHO - EDITORA

1912

João de Castro

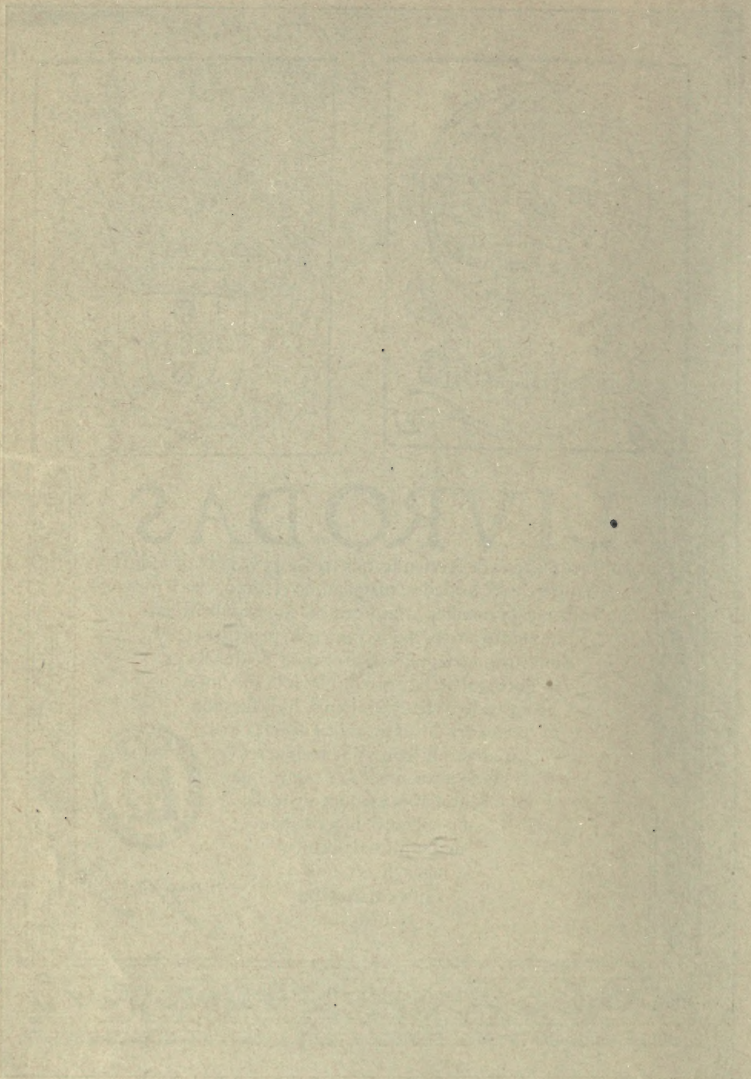


LIVRO DAS

obras de Garcia de Resende, que tracta da vida & grandiffi-
mas virtudes & bõdades: magnanimo efforço, excellentes
costumes & manhas & muy raros feitos do christiani-
ssimo: muito alto & muito poderoso principe el rey
dom Ioam ho segundo deste nome: & dos Reys
de Portugal ho trezeno de gloriosa memoria:
começado de seu nacimẽto & toda sua vida
ate ha ora de sua morte: cõ outras obras
q̃ adiante se seguẽ. Vay mais acre-
scido nouamente a este liuro hũa
Miscellanea e trouas do mel-
mo auctor & hũa variedade
de de historias, custu-
mes, casos, & cousas
que em seu tẽpo
accõtelcerã.



mingos



PREFÁCIO

I

O volume que agora vem enriquecer a nossa colecção dos *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, enfileirando ao lado dos dezoito já publicados, não causará decerto surpresa a nenhum dos amadores das boas letras, que teimam, máo grado a indiferença geral, em interessar-se pelos velhos e nobres padrões das nossas glórias passadas.

Não se trata duma alta e profunda locubração artística, estética ou literária, que se imponha à nossa atenção pela sublimidade dos seus vãos de inspiração, pela originalidade dos pensamentos, pela harmonia e vigor e beleza rítmicas. Não é um dêstes trechos lite-

rários notáveis nem pela grandeza épica, nem pela suavidade bucólica, frequentes no século em que o autôr viveu os últimos anos da sua vida.

Não.

É, ao contrário, uma obra simples, uma obra modesta, uma obra sem arrebiques nem feições de contorcido e arrendado lavor. E como o não seria se ela é feitura daquele mesmo Garcia de Resende, que escreveu a *Vida de D. João II* em pequeninos quadros, entrecortados de anedotas, de trechos episódicos, sem o fôlego das largas telas desenhadas pelo mais antigo artista da prosa histórica portuguesa, Fernão Lopes?

Garcia de Resende era, sim, um artista apaixonado por tudo que era belo, mas à sua psicologia repugnavam os longos trabalhos metódicos e seguidos, que sam o fruto de aturado estudo e só podem ser empreendidos por quem cerrou os olhos e os ouvidos às seduções mundanas da vida dissipadora dos que nascem ou sam criados e vivem em determinado meio social.

Resende não estava no caso dêstes últimos. E senão é lançar os olhos para os traços principais da sua biografia.

Garcia de Resende (por 1470 — † 3 de fevereiro de 1536) era natural de Evora, sendo seus pais Francisco de Resende e Beatriz Bóta. Seu pai pertenceu à casa do celebrado bispo D. Garcia de Meneses, o tam pôderoso como infeliz cortesão (1).

Desde 1491 que o vemos Moço da Escrevaninha ou secretário particular (2) do rei D. João II, cargo em que se houve de tal modo que ganhou a sua estima e afeição, que depois tambem grangeou por parte de D. Manoel.

Do quanto o estimava folgava D. João II de dar testemunho sempre que se oferecia ocasião, ou para isso apparecia pretexto. Assim « ao Moço da Escrevaninha competia ter sempre na

(1) Vid. a anotação à Est. 163.

(2) Vid. Aragão Morato, *Memoria sobre os Escrevães da puridade do reino de Portugal nas Mem. da Acad.*, t. XII, parte 1.^a E outra sobre os « *Secretarios dos Reis* » no t. I, parte 1.^a da 2.^a série das *Mem. da Acad.* 1844, de pgs. 27 a 79.

mão, enquanto D. João II escrevia, uma penna molhada e pronta para substituir aquela de que êle se estava servindo; sucedia portanto vêr Resende tudo quanto seu amo assentava no papel. Um dia estando El-rei a escrever a Fernando o Católico, percebeu Resende ser coisa de muita importancia e discretamente virou o rosto para o lado; D. João II deu por isso e disse-lhe: vira-te para cá que, se não me fiasse de ti, não te mandaria estar aí; e porém isto não te dê presunção, senão vontade para melhor servir e ser melhor ensinado » (1).

Outro facto não menos significativo e que nos é narrado, como o antecedente, pelo próprio Resende, é o de « numa noute, na cama já despejado » ter-lhe preguntado D. João II se êle conhecia as trovas de Jorge Manrique (1440? — 1479) que começam — *Recuerde el alma dorida*. Ao voto affirmativo, o monarca fez-lhas dizer de cór

(1) Cfr. Sr. A. Braamcamp Freire, *Crítica e historia. Estudos*. I, Lisboa, 1910, pg. 35.

e depois de ditas retorquiu, que folgava muito de lhas ouvir, pois « tam necessário era um homem sabê-las como saber o *Pater Noster*, acabando por gabar muito o trovar de « singular manha ».

E outros casos análogos (1).

E decerto a afeição que o monarca lhe consagrou, bem como os incitamentos com que aplaudio o seu gôsto de trovar, é que foram os motivos principais para que êle pudesse colleccionar as numerosas trovas que formam o seu *Cancioneiro*.

Álêm de poeta, Resende distinguiu-se tambem por outras *boas manhas* — debuxava, tocava e compunha música. Referindo-se a estas aptidões várias escrevia Gil Vicente :

E Garcia de Resende
Feito peixe tamboril
E inda que tudo intende
Irá dizendo por ende:
Quem me dera um arrabil!

(1) Vid. o cap. cc da *Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey D. João II*, etc.

Outro contemporâneo, D. Francisco
Biveiro

O-redondo do Resende
Bem m'intende,
Tange e canta muito bem,
E debuxará alguém
Se com isto não se ofende.

O alto apreço em que o tinha o Rei Venturoso demonstra-se pela escolha que dêle fez para Secretário, e parece que também Tesoureiro, da magnífica e ostentosa embaixada que mandou a Roma por Tristão da Cunha em 1514, ao tempo em que era Pontífice o magnânimo Lião X.

Foi cheio das lembranças de quem tinha sido tudo para êle, erguendo-o da mediania em que vivia, que Resende empunhou o cálamo de historiador para deixar à posteridade a *Vida e feitos de D. João II*, que o seu parente glorificava neste soneto

Heroicos feitos e saber profundo,
Virtudes, condição, primor, costume,
Vida, e morte, declara este volume
Do Lusitano Rei dom João Segundo.

Segundo em nome e a ninguém segundo
Em fama tam subida em alto cume,
Que apesar do tempo que consume
Toda cousa será clara no mundo.

Não consentio perder-se tal memoria
Garcia de Resende em seu polido
E doce estilo e verdadeira historia.

Mas a seu Rei e a sua patria agardecido
Dãdo-lhes digna fama e immortal gloria
Assi a deu, e fez seu nome esclarecido (1).

Todos nos lembramos ao lêr estes versos, por contraste, do que o nosso grande Herculano disse desta obra — « mesquinha colecção de historietas, onde apenas avultam algumas páginas com o suplício dum nobre, o assassinio de outro, e o mistério dum rei que morre, ao que parece, envenenado » (2).

Por outro lado Castilho demonstrou, que no seu trabalho Garcia de Resende copiou na maior parte a Crónica do mesmo rei, de Rui de Pina, usando servilmente as mesmas concepções, idéas e pensamentos, e até as próprias pala-

(1) É de André Falcão de Resende e precede a *Crónica* em todas as edições.

(2) *Opusculos*, v, pg. 27.

vas acrescentando, apenas, aqui e àlêm, alguns factos próprios (1).

É exacto ; mas o testemunho de duas autoridades como o abalisado Sr. Anselmo Braamcamp e Gabriel Pereira, não desfarão em parte aquella impressão de Herculano escrita em momento de máo humor, em « hora aziaga », diz aquele ilustre e perspicacíssimo investigador?

A Crónica está escrita com singelesa, mas oferece uma leitura a que não póde sêr extranho certo gôsto e encanto, dando-nos noticia de « usos, costumes, trajos, cerimonias, trechos de conversações, notícias de relações sociais e muitas outras informações interessantes, incluindo as anedotas, que nos revelam em parte o modo de viver da gente portuguesa daqueles tempos » (2).

(1) Cfr. *Garcia de Resende, excerptos seguidos duma noticia sobre sua vida e obras*. É o vol. III da *Livraria Classica*.

(2) Cfr. *Crítica e historia*, cit., pg. 30. G. Pereira adoptou inteiramente este modo de vêr no pequeno Prefácio, que escreveu para a ed. da *Crónica da Bibl. de Classicos Portugueses*, Lisboa, 1902.

II

É claro que ninguém pôde contestar sêr o *Cancioneiro* o mais alto serviço prestado às letras pátrias por Garcia de Resende. Aí a sua colaboração pessoal é limitadíssima, pois apenas figuram dêle de valor as *Trovas* à morte de D. Inês de Castro; também não é por esse trecho, embora duma grande importância artística e literária, que o *Cancioneiro* chama a nossa curiosidade. Quem assim trovava com tal gráo de sentimento e de emoção lírica bem podia transmitir à posteridade outros e mais variados trechos da sua inspiração. Não o quis. Avaro para si, não o foi para os outros. No *Cancioneiro* figuram 758 trovas de 286 autôres, quase todos da segunda metade do século xv e princípios do xvi. Anteriores sam sómente o rei D. Pedro I e o infante D. Pedro, filho de D. João I.

A maioria dêsses trovadores viveu nas côrtes de D. João 2.^o (1481-1495) e de D. Manoel (1495-1521).

Aí nos aparecem os nomes de Afonso de Albuquerque, de Bernardim Ribeiro, de Sá de Miranda, de Gil Vicente, que depois se tornaram assinalados por tam diversos feitos.

Tal variedade de nomes, firmando trovas, a que invariavelmente se ligavam lembranças dum ou outro acidente interessante da vida palaciana, deviam atrair a viva curiosidade dos contemporâneos para essa bela colecção. Todos ali encontrariam um fundamento, um pretexto, para anotar, sorrindo, o que o alegre e bom Resende conseguira reunir. Para muitos, longe da côrte, longe mesmo da Pátria, seria interessante passatempo, avivando ocorrências, lembrando pessoas, recordando locais, pondo em tudo uma nota de alacridade, por vêzes, de malícia.

Esses tais compreendiam tudo o que nós só adivinhamos pelas figuras veladas, que perpassam diante dos nossos olhos distantes e esquecidos. Gostariam de lê-lo, melhor ainda, de comentá-lo.

Algum dêsses curiosos o levou até à India onde, pelo menos, uma vêz, se-

gundo refere João de Barros, se jurou sobre êle, como sobre uns Evangelhos, ao celebrar-se um tratado com o Rei de Pegu! (1).

O seu valor poético, disse-o o grande Mestre Castilho, é bem insignificante. « Substância poética... pouca se espreme do corpulento volume do *Cancioneiro*, quase nenhuma fôra expressão mais exacta ».

Nem as empresas de África, nem as portentosas navegações do Oriente têm eco nesta retórica convencional e enfadonha, escreveu Menendez y Pelayo. Mas apontem-se como excepções a descrição da tomada da fortaleza de Azamor pelo duque de Bragança em 1513, pouco bela, mas dos poucos trechos históricos da colecção, podendo considerar-se como uma pequena epopeia com invocação à Virgem em lugar de sêr às Musas; citem-se os *planhs* de Alvaro de Brito e D. João Manoel à morte prematura do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II, falecido, em 1491,

(1) *Dec.* III, liv. III, cap. IV.

poucos dias depois do seu casamento; mencione-se o *Fingimento de amores* de Diogo Brandão « clara revelação de subido engenho e apurado gosto »; singularizem-se ainda as trovas já citadas, de Resende, à morte de Inês de Castro sôbre as quais Menendez y Pelayo formulou a pergunta « seriam inspiradas nalgum verso tradicional »? (1) e que o Sr. T. Braga afirma « serem tam bellas que se não existisse o episódio dos *Lusiadas* seriam a expressão artística dessa grandiosa tradição afectiva » (2).

E não encontramos nós ainda nesse escrínio as *Coplas* do Condestavel D. Pedro que, embora em espanhol, sam a clara revelação do mais elevado engenho poético do século xv? (3).

« Ninguno de los poetas portugueses que en el siglo xv escribieron en nues-

(1) Cfr. *Antologia de poetas liricos castellanos desde la formación del idioma hasta nuestros dias*, vol. ix, pgs. 284-288.

(2) *Hist. da Lit. Portug. I. Edade Media*, Porto, 1909, pg. 411.

(3) Na ed. da Impr. da Univ. de Coimbra, vol. II, pg. 229 e segs.

tra lengua hizo cosa mejor, ni quizá se encuentre en todo el *Cancionero Geral* poesia de más alto sentido y de más grave entonación, aún prescindiendo de la curiosidad que le da el nombre de su autor » (1).

Mas há outro aspecto pelo qual se póde encarar a fadigosa tarefa, que se impôs Resende — como subsídio histórico, como sciência auxiliar para o conhecimento das personagens a que se refere e do meio em que se desenrola a sua acção. « Ha aí minúcias interessantes, que em balde se buscariam nas chancelarias e nas crónicas, de usanças velhas, de trajos, de alfaias caseiras, de relações familiares do rei com a sua côrte, de amizades e inimizades dos cortesãos entre si, do papel que as senhoras representavam na sociedade alta, das liberdades, hoje inadmissiveis, então moeda corrente, do pendor epigramático e faceto do espírito nacional, da bonhomia do viver antigo, das tendências eruditas dalguns verzejadores, filhos da

(1) *Antologia*, já cit., pg. cxxvi.

Renascença, para o culto dos clássicos romanos, das microscópicas maledicências em que se entretinham os cavaleiros, quando descansavam em Evora ou Almeirim das frágoas de Arzila ou Azamor, e ha tambem embuçadas referencias genealógicas e históricas que, observadas com critério, dão luz à historia geral » (1).

E como se isto não fôsse já bastante para aquilatar no seu justo valor a rica colectânea organizada por Garcia de Resende, acresce ainda o aspecto, que podemos chamar técnico, das numerosas poesias lá reunidas. É variada a textura das estrofes, onde há muitas dignas de ser imitadas. E o lindo torneio dalgumas das ingénuas cantigas não será debalde lido e meditado por aqueles que aspiram a vasar a sua inspiração em moldes de requintadas formas rítmicas (2).

(1) Do *Prefácio* ao índice do *Canc. de Resende* e das *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1900. O paciente trabalho é fruto da diligência dos Srs. Julio de Castilho e A. Braamcamp Freire.

(2) Vid. Castilhos, *Livraria Clássica Portuguesa*, já cit., x, pg. 131.

Poderá talvez dizer-se que Resende não foi original na idéa que o levou a formar e organizar o seu *Cancioneiro*. E para tal acudirá citar Hernando del Castillo, que fez imprimir o seu chamado precisamente *Cancionero General* em Valencia em 1511, cinco anos, portanto, anterior ao do nosso compatriota, e que logo se reimprimiu em 1514.

Que importa!

Também Gil Vicente foi precedido em Espanha por Juan del Enciña e na sua piugada correram Lucas Fernández e Torres Naharro, e isso não obsta a que o nosso imortal autôr seja superior a qualquer dos seus competidores. A esse tempo a confraternização peninsular era, entre os bons espíritos, moeda corrente: E a prova está bem patente, calando outras fóra do meu escopo, no próprio Resende e no seu mesmo *Cancioneiro*. Lá figuram trovadores castelhanos como João Rodríguez de la Cámara e João de Mena, e lá há numerosos portuguezes trovando em castelhano, como se na sua própria língua trovassem — com todos os seus segredos de técnica e idiotismo.

É D. João de Meneses, mordomo-mór de D. João II e D. Manoel; é Fernão da Silveira, Alvaro de Brito Pestana, Duarte de Brito, D. João Manoel, o Conde do Vimioso, Antonio Méndez, de Portalegre, Fernão Brandão, Jorge de Resende, Duarte de Resende, Luís Enriquez, o próprio colecionador e esse nobilíssimo Condestavel D. Pedro, já por nós atrás memorado.

O *Cancioneiro* de Hernando del Castillo!

Outros fados o embalaram. Depois das edições de 1511 e 1514 acima citadas, sam logo a seguir as de Toledo de 1517 e 1520. Com acrescentamento do *Cancionero de obras de burlas provocantes á risa* (Valencia, 1519), de novo aparece em Toledo em 1527, e depois em Sevilha em 1535 e 1540, e mais acrescentado em Antuérpia em 1557. E ainda no século xvi em Zaragoça em 1552. A *Sociedade dos Bibliófilos* reimprimiu-o em 1882 incluindo a 1.^a ed. de 1511 e em apêndice tudo o que apareceu nas edições de 1527, 1540 e 1557, e por último a bizzarria multimi-

lionária de Sir Archer Houtington em 1904 dava-nos a edição fac-similada da de 1520. Não temos tanto que deletrear com o nosso *Cancioneiro* — 1516 a edição príncipe, 1846 a edição de Estutgarda, 1904 a edição *fac-simile* do benemérito Sir Archer Houtington, 1910 a edição da Imprensa da Universidade de Coimbra — um período de perto de quatro séculos entre as duas edições nacionais!

Deixemos, pois, Hernando del Castillo com as catorze edições do seu *Cancioneiro*, segundo quere Deping, e contemo-nos com as quatro do nosso. Se aquele suscitou a lembrança dêste, não o maldiguemos. Foi, antes, o inspirador duma grande e bellissima idéa, pois permitiu que nos poséssemos em contacto com o escol dos espíritos do período mais brilhante da nossa história — os da côrte de D. Afonso V, D. João II, e D. Manoel (1).

(1) Vid. Sr. Esteves Pereira, no *Bol. da Acad. das Sciencias de Lisboa*, VII (1913), pg. 209.

III

Mas é tempo de falarmos de *Miscelânea*, que pela primeira vêz appareceu publicada junto à *Crónica* na edição de 1554, geralmente considerada como primeira, mas que é na realidade a segunda, pois a edição príncipe appareceu nove anos antes daquela em 1545. Esta edição não incluia a *Miscelânea*, ignorando-se o fundamento de tal omissão, visto ella ser de certo mais interessante, que alguns dos opúsculos que nella fôram incluídos.

As edições seguintes de 1596 e 1607 também a não estamparam, até que veio a de 1622, que no-la deu, mas alterada com muitas e várias incorrecções, substituições de palavras e até omissões de estâncias inteiras.

Todos estes erros e todas estas omissões se reproduziram nas edições que se seguiram, mesmo na da Universidade de Coimbra, que é a 7.^a, de 1798.

Quem fizer o estudo comparado destas edições com a nossa, que é reprodu-

ção fidelíssima da edição príncipe, conservando até todas as irregularidades ortográficas, que aliás seria fácil uniformizar, mas que nem isso quisemos fazer para afastar suspeitas aos nimiamente escrupulosos, verificará o asserto que acima fizemos, e que achará comprovado nas anotações que se encontram no fim dêste volume.

As estâncias suprimidas fôram as que levam os números 13, 135, 136, 139 e 140. Têem, pois, os estudiosos deante dos olhos o texto da *Miscelânea* tal qual appareceu na primetra edição de 1554, exemplar da maior raridade da Bibliotheca Nacional, onde ocupa o logar nos *Reservados*, n.º 19, e que me foi gentilmente facultado mercê da intervenção do illustre Director Geral das Bibliotecas e Arquivos Nacionais sr. Julio Dantas e do Sr. Reitor da Universidade de Coimbra Norton de Matos, aos quais aqui, de novo, consigno os meus agradecimentos.

Vam reproduzidas em *fac-símile* a 1.ª pg. da *Crónica* e a 1.ª e última da *Miscelânea*.

Tam curioso documento literário não se impõe, já o disse, pela sua urdidura métrica, nem pela novidade da invenção. É como que uma crónica rimada de muitos dos acontecimentos mais interessantes que se deram nesse período agitadissimo, que fecha o século xv e abre o século xvi. Resende passa em revista o que mais lhe ferira a atenção nessa época dentro e fóra de Portugal. Êle entende não dever calar-se deante de tal e tanta magnitude de assuntos. Os maldizentes, os que tudo censuram e nada fazem, — estes sam de todos os tempos — poderíam censurá-lo. Ele prefere ouví-los a calar-se.

Determinei de sofrer
de ouvir antes glosadores,
que deixar escurecido
o que devia ser claro.

Diz êle no *Prólogo* para, de novo, voltar ao mesmo tema na *Conclusão*:

Mui poucos ajudadores
acha quem quer fazer bem,
e se alguém bem feito tem
sam tantos os glosadores,
que o não faz já ninguem.

Sam os mesmos zângãos, que zumbiam à volta de Gil Vicente, na sua faina de destruição.

Resende conhece-os, alveja-os e... teme-os, solicitando a protecção do monarca D. João III, a quem se dirige no Prólogo

... se Vossa Alteza (1) so
com seu favor lhe não val
bem em vão foi meu trabalho.

Mas Resende escuda-se com a verdade dos factos. Leia-se o *Livro* de Duarte Barbosa e verificar-se há como Resende seguiu meticulosamente a narrativa ingénua do ilustre e destemido navegador. As *Notas*, que esclarecem algumas passagens e que no fim dêste nosso trabalho vam inseridas, não podem deixar dúvidas a tal respeito. O que êle narra, pois, não é fantasia, não sam conjecturas. Estudou-o, viu-o, observou-o. Em parte do reinado de D. João II, nos vinte e seis anos do

(1) Era o título dado aos monarcas ainda nesse tempo. O de *Magestade* entrou em Portugal no tempo de Felipe 2.º

de D. Manoel e em quase metade do de D. João III, ele pôde, na cidade cosmopolita, que era a Lisboa dêsse tempo, encher a sua memória de numerosas e variadíssimas « histórias, costumes, casos e cousas », com que poderia tecer a sua *Miscelânea*. A sua obra é o fruto dessa longa observação, e escrita ao declinar da vida — Resende faleceu nos princípios de 1536 e a *Miscelânea* tem referências a factos succedidos em 1530 — não se encontra nela o que pudesse deliciar o espírito como amostra de arte ou subtileza, mas antes uma narrativa ingénua, simples, corrente, duma série de factos, que ele receiava se esquecessem e considerava um crime « não poer em lembrança ».

Sexagenário tem também prazer em recordar o que por ele passou. Afastado da côrte, das suas grandezas e das suas intrigas

descontente e ocioso
e fora de occupaões
não de paixões, nem cuidados

deita um olhar retrospectivo para o quase meio século decorrido e essa

vista panorâmica, não é de molde a aquecer as recordações que lhe bafejaram os bons tempos de outr'ora junto do grande Rei, de quem teve a ventura de escrever. Referindo-se à primeira época podia contar :

Vimos cadeas, colares,
ricos tecidos, espadas
cintos e cintas lavradas
punhais, borlas, alamares
muitas cousas esmaltadas
arrees quanto lustravam
duravam muito e honravam
só com vestidos frisados
com tais peças arraiados
os galantes muito andavam.

(Est. 177)

Tudo, porém, muda e essa vasta galaria de gentis homens soberbos, altivos, pundonorosos, vai-se sumindo e ao perto, já, espíritos perspicazes e clarividentes devisam no horizonte as orlas da decadência, que sobe e se avizinha.

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pelotinhos,
Golpinhos e çapatinhos,
fundas pequenas, mulinhas,
gibõeszinhos, barretinhos,
estreitas cabeçadinhas,

pequenas nominazinhas
estreitinhas guarnições,
e muito más invenções,
pois que tudo sam cousinhas.

(Est. 178)

É uma pequena tela que equivale a um grande quadro. E como esta outras, que não têm passado despercebidas aos historiadores dessa época, quer nacionais, quer estrangeiros (1).

Depois de tudo acharemos exagerado Gabriel Pereira quando chama à *Miscelânea* « admiravel documento de primeira ordem nas letras portuguezas » ?

Coimbra, Maio de 1917.

MENDES DOS REMEDIOS.

(1) Vid. Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, 8.ª ed., t II, pag. 26 e segs., e Ferdinand Denis, *Portugal*, Paris, 1846, em vários logares.

MISCELIANEA DE GARCIA DE REE
sende; & variedade de historias, costumes, casos & cou-
sas que em seu tempo acconterceram.

¶ Prologo.

Senhor.

¶ Has perdas nojos doencas
& fortunas tem remedio
mas que deixa perder tempo
nunca ho mais pode cobrar
cu naqueste em que me vi
descontente & ocioso
& fora de ocupações
non de paixões & cuydados
me occupei em cuydar
& recolher aa memoria
has muitas & grãdes cousas
que em nossos dias passaram
& has nouas nouedades
grandes accontercimentos
& desuairadas mudanças
de vidas & de costumes
tantos começos & cabos
tanto andar de andar
tanto sobir & descer
tantas voltas maas & boas
tanto fazer de fazer
tanto dar, tanto tomar
tãtas mortes, tãtas guerras
tam poucas vidas & pazes
tanto tẽer, tanto non ter
tantos descontentamentos
tantas & vãs esperanças

tanto mal, tam pouco bem
tanto fauor de fauor
tanto valer de ualer
tanto prazer, tantos nojos
tã pouco dar por virtudes
tantos falsos & mentiras
tam pouca fe & verdade
tantos soberbos & baixos
tanto saber sem dar fructo
tantos simples & errados
tam poucos hos que acertam.
tantos seruiços em vã
tãto mediar sem seruir
tanto soltar & prender
tantos enganos & modos
tantos bõos sem galardam
& tantos maos sem castigo
conselhos sem caridade
ingratidam sem razam
cobiças, pouco amor
& amizades fingidas
tam perseguida ha igreja
de christãos mais q̃ de mouros
tanto trabalhar por vida
tam pouco por bem morrer
tantos auaros tiranos
tantos cuydados do mundo
tantos descuydos de deos
por cousas que ham dacabar

MISCELLANEA
DE GARCIA DE REESEDE,

& variedade de historias, costumes,
cafos, & coufas
que em feu tempo accontesceram

PROLOGO.

SENHOR.

Has perdas, nojos, doenças,
& fortunas tem remedio;
mas quẽ deixa perder tempo
nunca ho mais pode cobrar:
eu naqueste, em que me vi
descontente, & ocioso,
& fora de occupaões,
non de paixões, & cuydados,
me occupei em cuydar,
& recolher aa memoria
has muitas, & grãdes coufas,
que em nossos dias passaram,
& has nouas nouedades,
grandes accontescimentos,
& desuairadas mudanças
de vidas, & de costumes,
tantos começos, & cabos,
tanto andar, & defandar,
tanto sobir, & descer,
tantas voltas maas, & bõas,
tanto fazer, desfazer,
tanto dar, tanto tomar,
tãtas mortes, tãtas guerras,
tam poucas vidas, & pazes,

tanto tēer, tanto non tēer,
tantos descontentamentos,
tantas & vāas esperanças,
tanto mal, tam pouco bem,
tanto fauor, desfauor,
tanto valer, defualer,
tanto plazer, tantos nojos,
tã pouco dar por virtudes,
tantos falsos, & mentiras,
tã pouca fe, & verdade,
tantos soberbos, & baixos
tanto saber sem dar fructo,
tantos simples, & errados,
tã poucos hos que acertam,
tantos feruiços em vaõ,
tanto medrar sem feruir,
tanto soltar, & prender,
tantos enganos, & modos,
tantos bõos sem galardam,
& tantos maos sem castigo,
conselhos sem caridade,
ingratidam sem razam,
cobiças, & pouco amor,
& amizades fingidas,
tã perseguida ha igreja,
de christãos mais q̃ de mouros,
tanto trabalhar por vida,
tam pouco por bem morrer,
tantos auaros tiranos,
tantos cuydados do mundo,
tantos descuydos de deos
por cousas que ham dacabar.
& quem verdadeiramente
estas todas bem sentir,
veeraa q̃ em muitos tēpos
nūca taes accontesceram.
Quando senhor me lēbrou
tã manho numero dellas,

& tam grãde esquecimẽto,
q̃ poucas veemos escriptas,
me pareceo que erraria
nõ has pôer em lembrança,
& tâbem outras pequenas
que sam dignas de notar:
& tanto foy o desejo
que tiue de ho fazer,
q̃ me esqueceo de q̃n pouca
sufficiencia tinha.
E porque tâmanhos casos
me fizeram têer em pouco,
quãto o mûdo agora pode,
& quãto pode poder,
determiney de soffrer,
de ouir antes glosadores,
q̃ deixar escurecido
ho que deuia ser claro.
& pois muitos gostam veer
libros, fabulas antiguas,
a que por auctoridade
dos escriptores dam fee,
muito mais deuem folgar
de leer estas, que tã certo
todos sabẽ, & algũos vjzã,
& esquecidas estauam:
mas ha natureza he tal,
que poucos querem ouir,
nem aprender, nem saber
coufas certas, nẽ verdades;
& mais vêdo esta obra
escripta por quẽ carece
de lingoajem, de duçura,
de saber, graça, eloquencia,
& em estilo tam baixo,
que se vossa Alteza soo
com seu fauor lhe nõ val,
bẽ ẽ vãõ foy meu trabalho.

Começa ha obra.

I

Vimos taes coufas passar
 em noſſo tempo & idade,
 q̃ ſe ſe ouuiram contar,
 por mentira & vaydade
 ſe ouueram de julgar;
 & pois las tēemos ſabidas,
 & eſtã tã eſqueecidas,
 q̃ nam lembrã a ninguẽ,
 veja voſſa alteza bem,
 que vijmos em noſſas vidas.

2

Vimos ho turco tomar
 grã parte da chriſtãdade,
 muitos mouros ſobjuſgar,
 vemos ſeu ſenhorear
 ſem tēer cõtriedade,
 tẽ dous imperios ganhados
 & muitos regnos tomados.
 & Rodes por derradeiro
 faz juſtiça por inteiro,
 os moores mais caſtigados.

ho Imperio
 e Coſtãti-
 noplã, & ho
 e Trapifon-
 a, & dizẽ
 ue xxviij.
 regnos.

3

Coufas muito despantar
tomando Rodes paffou.
deixo quanto ho cõquistou,
mas terra assi fez juntar
que mais q̃ os muros alçou,
dalli dentro lhe lançaum
quãtos mortos lhe matauã,
& de peste lhe morriam,
& fumos que assi fedião,
que hos de dêtro se afogauã.

4

He muy grã cõquistador,
tê grã força tê verdade:
quê se lhe daa per vontade
cõ quãto tem, com fauor
deixa em sua liberdade;
aos que toma pellejando
mata hos, nunca leixando
coufa viua no logar:
isto lhe faz conseruar
tantas terras, tanto mando.

5

Elle foo tem mayor rēda
q̃ os reys da christãdade,
paga junta sem contenda,
trazida sua fazenda
cõ muita seguridade:
tem quatorze cõtos douro
que mette em feu thesoro
cada ãno sem mingoar peça:
todos pagam por cabeça,
ho christão, judeu, & mouro.

6

Por culpa dos reys xpãos
fe faz tam grande fenhor,
que nã pode fer mayor,
pois não tem parelle mãos,
nem être si paz, & amor:
fam homicidas no mal
que faz faluo portugal,
q̃ por ser tam defuiado
a hũo mal tam mal olhado
non pode valer nem val.

7

Que ja fendo mais a jecto
tal empresa do que jaz,
elle ha tomara a pecto,
como em africa tem fecto,
& contino em Asia faz,
e toma villas, cijdades,
Regnos, & cõmunidades
com victoriosa mão.
este he vero christão
por seu esforço, & bõdades.

8

Constantinopla fundou
Imperador constantino,
filho de Elena que achou
ho lenho sancto diuino
da cruz que tantos saluou:
do Imperador coyado
Cõstantino era chamado,
& ha mãy tambem Elena,
q̃ ho imperio cõ grã pena
perdeo, & foy degollado.

9

E vimos ho Tamorlam
com grandissimo poder
tam gram senhor se fazer,
que tinha de sua mão
reys grandes a feu querer :
vijmos sua crueldade,
grã tirania, maldade
fobir em tam grãde estado,
q̃ era de muitos chamado
açoute da christãdade.

10

Ho gram cã tãbẽ mãdou
grãdes gêtes, muitas terras,
vijmos quanto prosperou,
& quantos desbaratou,
ẽ muitas, & grãdes guerras ;
como foy obedescido
de tantos, & tam subido,
tam temido, & acatado,
ẽ breue tempo acabado
foy, & ja nõ he sabido.

11

E vijmos por eleiçam
como papa se eleger
por vozes ho grã soldam,
de renegado christão
se auia de fazer :
quantos christãos renegarã
nossa fé, & se lançaram
no caíro com vãidade
de alcançar tal dignidade,
& has almas condemnaram.

12

Vijmos tambem leuãtar
 fem ninguẽ, se non por fi,
 ho xequẽ ismael sophi,
 & por amor adjuntar
 gente mais q̃ nunca ouui :
 deste mais a tento falo,
 duzentos mil de cauallo
 traz, & muitos reys cõfigo,
 he dos feus tã grãde amigo,
 q̃ ho mais, q̃ he muito, callo.

13

Estes infiees pagãos
 possuem mares & terras
 todo bẽ lhes vẽ aas mãos
 & vemos entre os xpãos
 pestes fames grãdes guerras
 parece que sam melhores
 pois com todos seus errores
 teẽm mais senhoream mais
 os juyzos humanaes
 nã penetram taes primores.

14

Vijmos ho muy poderoso
 rey de Napole & Aragam,
 dom Afonso; virtuoso,
 catholico, & grandioso,
 de muy real condiçam,
 em nobreza nomeado,
 em esforço signalado,
 prudente, gram vencedor,
 humano, merescedor
 de ser entre reys louuado.

15

Tam grandes factos fazer
vijmos em frãça ha pôcella,
que nõ sam cousas de creer,
nem se vijram antes della,
nē creo que se ham de veer :
em dous ãnos de hũo villão
vijmos duque de milam,
peffoa muy singular,
prosperamēte acabar
Esforça grande capitam.

16

Vijmos feu filho, q̃ herdou,
que foy duque Galeaço,
que Ioã Andree deshonorou,
de que Ioã Andree tomou
ha vingança ē breue espaço :
na see beisando lhe a mão
lhe deu hũa petiçam,
& em ha leendo tirou
de hũa daga, & ho matou,
& comprio sua tençam.

17

Ludouico feu hirmão
feus filhos mandou matar
com peçonha por herdar,
foy duque com tal auçam :
vijmollo mal acabar,
q̃ el rey de frãça ho prêdeo,
& em gayola ho metteo
de ferro forte & fechado,
onde esteue deshorado,
& assi preso morreo.

18

Dō Alonfo de
Móroy mef-
tre dalcátara.

Vijmos q̄ hũo caualleiro,
dalcantara cōmendador,
por lhe ho meeftrẽ mayor
em hũas cãnas & terreiro
fazer hũo foo desfauor,
contra ho meeftrẽ fe ergueo
e em batalha ho v̄ceco,
ho meeftrado lhe tomou,
& por meeftrẽ fe alçou,
meeftrẽ foy, meeftrẽ morreo.

19

Dō Aluoro
de luna.

Ho meeftrẽ tã grã priuado,
que castella affi mandou,
condestable prosperado,
que tanto senhoreou,
vijmos morto degollado:
& tambem em portugal
vijmos outro cafo tal
em outro muy gram feñor
de tal poder & valor,
que nõ tinha feũ yqual.

Dō Fernãdo
duq̄e de bra-
gança.

20

Muy poderoso e feruido
el rey dom Enrique era,
muy gram rico, muy q̄rido,
fora muy obedescido
fe gouernar se foubera;
mas vijmos lhe tanto dar,
& tanto deixar tomar
hos grandes toda castella,
que elles erã hos reys della,
elle fem ter que reynar.

21

Vijmos feu irmão mais moço
por rey fer alleuantado,
dos grãdes muy agoardado,
todo ho reyno é aluoroço,
& el rey mal acatado :
vijmos este grande estado
muy afinha derribado,
& sem porq̃, sem vergonha
ho mataram com peçonha
antes de hũo ãno acabado.

22

Vijmos el rey dõ fernãdo
rey de Sicilia & mais nam
fer tam-grande capitam,
& crescer tanto feu mando,
que ganhou logo Aragam,
depois Castella, & Liam
com guerras & deuifam,
Graada & Napoles tambem,
& nauarra, & em tremezem
tomou villas & Ouram.

23

Este foy ho que lançou
hos judeus & mouros fora
de Castella, & ordenou
inquifiçam, & formou
ha hirmandade tee agora,
& tomou os tres mestrados
pera si, & hos estados
dos muy grandes abaixou,
hos reynos pacificou
que achou muy leuantados.

24

E vijmos ha poderosa
 raynha dona Ifabel,
 tam prudente, virtuosa,
 tam real, tam grandiosa,
 gouernar bem per liuel:
 bem teuera que fallar
 de molher tam singular,
 q̄ nã foy tal haa mil annos
 raynha dos castelhanos
 muyto digna de louuar.

25

Elle & tres
 filhos mor-
 rerã jutos e
 hũo ãno, &
 ficou ho rey-
 no a el rey
 Luis seu pri-
 mo.

E vijmos el rey Luys
 de frãça muito mal quisto,
 cruo, auaro, muy prouisto,
 fazendo quanto mal quis,
 morrer bem velho foy visto,
 & seu filho muy amado,
 gram liberal, esforçado,
 carlos virtuoso, humano,
 com tres filhos em hũo ãno
 morreo moço, mal logrado.

26

Quãdo to-
 mou Alcacer
 ceguer, quã-
 do la tornou
 outra vez foy
 a noffa se-
 nhora Dagua-
 delupe a ver
 se cõ el rey
 dó Anriq: foy
 tomar Arzil-
 la & lãger,
 êtroy e Caf-
 tella, & foy
 a Frãça.

El rey dom afonso andou
 feys vezes fora da terra,
 Castella, Feez conquistou,
 em batalhas pellejou,
 seu fogro matou em guerra;
 depois veu, & morreo
 na casa em que nasceo,
 em Sintra, ondẽ acabou
 seus trabalhos, & deixou
 gram filho que sobcedeo.

27

Vijmos el rey dom Ioam
 muy cristão, muy esforçado,
 virtuoso em perfeçam,
 no mundo muy estimado,
 de muy grã veneraçam,
 de seus pouos muy querido,
 & dos grãdes muy temido,
 q̃erã cõtrelle adjunctados,
 os quaes vijmos justiçados,
 & elle por sancto auido.

28

Tinha liuro e quefcreuia
 feruiços, merecimentos,
 & nunca distribuhia
 sem ver a que mais deuia,
 & hos mais justos, & isentos;
 muitas vezes deu officios,
 comêdas, & beneficios
 a homês muy descuidados,
 & delle bem alongados,
 por ferẽ bõos & feruicios.

29

Vijmos as festas reaes
 que em euora forão factas,
 nã se vjrá outras taes,
 tam ricas, nẽ tã perfectas,
 nem gastos tã desiguaes:
 que multidad de borcados,
 chaparias, & borlados,
 que justas, momos, torneos?
 que touros, cãnas, q̃ arreos?
 que banquetes esmerados?

30

E que fala da madeira,
 que ficaraa por memoria,
 real em tanta maneira,
 de perfeições tam inteira,
 de tanta mūdana gloria?
 touros inteiros affados,
 nao, batees apendoados
 por ingenho nella entrauã,
 entremeses que espantauã,
 hūs ydos, outros entrados.

31

Que Raynha, q̃ grã Rey?
 que principe singular?
 Princefa, damas sem par?
 & dos nobles que direi?
 do fey amor, do gastar,
 das merces que el rey fazia?
 dos pouos quanta alegria?
 como tudo pereceo?
 que triste morte morreo
 ho principe em hũo soo dia.

32

Era de dezateis annos,
 & casado de octo meses,
 perfectõ ẽtre os mūdanos,
 muy quisto dos castelhanos,
 descansõ dos portuguezes,
 hũa triste terça feira
 correndo hũa carreira
 em hũo cauallo cahio,
 nũca fallou, nem bollio,
 & morreo desta maneira.

No ãno de
 cccxcj a xiiij
 de Iulho.

33

Por sua gram fermofura
foy no mundo nomeado
angelica criatura,
nũca foy tal defuentura,
nem principe tam amado,
em castella & portugal
foy tam sentido feu mal,
tã chorado em toda eſpaña,
que foy tristeza tamanha,
que ſe nam vio outra tal.

34

Vij la Princeſa tornar
bem a reues do que veo,
couſa muyto deſpantar,
tam grã preſſa, tal mudar
do tẽpo, tam grã rodeo:
entrou ha mais triumphoſa,
mais real, mais grandioſa,
que nunca ſe vio entrada,
ſahio muy deſeſperada,
muy triste, muyto choroſa.

35

Entrou com mil alegrias,
ſahio com grandes tristezas,
tanto ouro, & pedrarias
nam ſe vio em noſſos dias,
nẽ taes gaſtos, taes riquezas:
has galantes enuencões
ſe tornaram em paixões,
hos borcados em fayal,
ho prazer grande geeral
em nojos, lamentações.

36

El rey dō
Afonso, ho
principe dō
Afonso, ho
rey dō Ma-
noel, ho pri-
cipe dō Mi-
guel.

Vijmos portugal, castella
quatro vezes adjunctados,
por casamentos liados,
principe natural della
q̄ herdaua todos reynados,
todos vijmos falleſcer,
em breue tempo morrer,
& nenhū durou tres annos,
portugueſes, castellanos
nō hos quer deos jutos ver.

37

No año de
1536, né ho
papa né ho
imperador,
né rey algū
da chriſtãda-
de chegaua
a ciquoenta
ãnos.

Principes da chriſtãdade,
papa, imperador, reys
veemos de pouca hidade,
& com muita autoridade
gouernar per fuas leys,
todos quantos elles ſam
na melhor hidade eſtam,
na mayor força da vida,
deos lha de muyto cõprida,
& em tudo perfeiçam.

38

Vijmos em bruges p̄nder
el Rey Maximiliano
toda ha cijdade por crear,
que lhe queria fazer
com ſua gente algum dãno,
muitos dos ſeus degollarã,
& a elle nam ouſaram,
por vijr logo com rigor
ſeu pay ho imperador,
com medo ſeu ho ſoltaram.

39

Ha Raynha
dona Isabel.

Vijmos la guerra de graada,
nũca se vio outra tal,
ha gram raynha esmerada
de damas acompanhada
andaua no arrayal,
affi aas pellejas hia,
a quẽ ventagẽs fazia
daua logo galardam,
entre has damas no feram
merces, honras, recebia.

40

Quem nam feria valente,
desforçado coraçam,
estando sempre presente
raynha tam excellente,
damas de gram perfeiçam?
ha raynha ũo tomou
graada, & ella ganhou
ha honra de tal victoria:
ella mereſce mais gloria
que quem muyto pellejou.

41

Foy ferir aho
fenhor dõ
Aluoro de
portugal,
cuydãdo q̃
era el rey.

Tambẽ os mouros fezerã
muitas & grandes finezas,
muito grandes gentilezas,
& se ho reyno perderam
nã foy por suas fraquezas:
hũo ũo quis a el rey matar,
como Sceuola foy errar,
outros muitos ſignalados
foram taes tam arriſcados,
que ſam dignos de louuar.

42

Ho alcayde
de baça sa-
zerim.

Hũo foy faluar os mininos,
porq̃ corriã hos mouros,
outros namorados finos,
de honra, de fama dignos,
em esforço liões & touros,
cohim foram descercar
por suas damas laa estar,
& diziam muy inteiros
por mingua de caualleiros
nam se ha graada de tomar.

43

Vijmos a el rey duarte
de ingraterria hũ fo hirmão,
bom, virtuoso que farte,
leal fem manha, fem arte,
de singular condiçam:
tam bêquisto, tam amado,
que el rey de desconfiado
com meo lhe leuanto
que era tredor, & ho matou
em hũa pipa affogado.

44

Ho duque va-
lentino.

Vijmos ha corte e folgar
que ho papa alexandre teue,
& ho filho seu mandar,
seu vencer, & triumphar,
que neste tempo fosteue:
matou ho duque de Gãdia,
senhores de senhoria,
quantas terras que tomou,
como tam cedo accabou
preso & morto sem valia.

45

Ho duque de
borgonha.

Hos reys defcoccia & vngria
vijmos mortos em batalha,
ho duque charles de hũ dia,
de quẽ frança medo auia,
foy morto cõ grã mortalha.
Napoles tam triumphante,
tam linda, tam abastante,
vijmos affi destrujda,
que he toda çonfumida
fem lembrar ho ã foy ante.

46

El Rey dõ
Ioã ho segun-
do, el rey dõ
Ioã terceiro
noſſo Señor,
& hos filhos
ãbos aſonſos.

E vijmos em Sanctarem
dous principes nomeados
aſonſos, hos paes tambem
ambos Ioãnes chamados,
non em hũo tempo porem,
he couſa para nam creer
virem ambos a morrer
no mes de julho & hũo dia,
nos quaes tempos non auia
mais filho que ſobceder.

47

El Rey dõ
Ioã, ha ifãte
dona Ioãna,
ho principe
dõ Afõfo, &
tres hirmãos
feus mais ve-
lhos que el
Rey.

El rey dom manœl era
filho mais moço do iſſante,
teue por deuifa eſphera,
eſperou, foy tanto auante,
quanto ſua honra proſpera:
he muito para eſpantar,
que por elle vjr herdar
feys herdeiros falleſceram,
hos quaes todos ouueram
antes delle, de reynar.

48

Foy jurado
em toledo
no ãno de
ccccxciij.

Rey & principe se vio
de Castella, & laa andou,
dij a pouco descobrio
ha India, & ha tomou,
como todo ho mūdo ouuio,
tomando reynos, & terras
per muy guerreadas guerras,
ganhādo toda ha riqueza
do soldam & de Veneza,
sobjugando mares, ferras.

49

Vimos lhe fazer Belem
cō ha gram torre no mar,
has casas do almazem
com armaria sem par
fez soo el rey que deos tem :
vijmos feu edificar,
no reyno fazer alçar
paços, igrejas, mosteiros
grandes, pouos caualleiros,
vij ho reyno renouar.

50

Per ho Cō-
de Almirāte
dō vafco da
gama.

Outro mūdo encuberto
vijmos entã descobrir,
que se tinha por incerto :
pafma homē de ouir
ho que sabe muito certo,
q̄ coufas tam grandes sam
hos da India, & Iucatam,
& quam na china espātofas,
que façanhas façanhofas
no brasil & Peru vaam ?

51

Nisto que posso dizer,
que nō seja todo dicto?
tambem nō posso escreuer
taes cousas sem se fazer
hũo processo infinito.
que grandes pouoações?
que grandes nauegações?
q̄ grãdes reys? q̄ riq̄zas?
q̄ costumes? q̄ estranhezas?
q̄ gentes, & que nações?

52

Por nō parecer a alguem,
que sam a mi encubertas,
escondidas ou incertas,
contarey das que sey bem,
que sam publicas abertas,
muitas sam de admiraçam,
sem ordem, regla. razam;
sem fundamento, verdade,
se nam costume, vontade,
natureza, & condiçam.

53

E começo em Guinee,
& Manicôgo, por tēer
costume de se comer
hũs a outros, como he
muy notorio se fazer.
cōprã homēs como gaados,
escolhidos, bem criados,
& matam hos regateiras,
& cozidos em caldeiras
hos comē tambem affados.

54

Por muito mais faborofa
carne das carnes hã tẽem,
por melhor & mais goftofa,
mais tenra, doce, cheirofa,
que quantas na terra veem.
nos que trazem a matar
nam ha chorar nem fallar,
mas como mãfos cordeiros,
ou ouelhas, ou carneiros,
fe deixam espedaçar.

55

Ho cõde anda laa cingido
cõ hũa pelle de carneiro,
& por iffo he conhecido ;
ho duque traz guarnecido
hũo rabo de caualo inteiro.
fe parecer coufa eſtranha,
em italia, frança, eſpanha
por pelles ſam conhecidos
de pergaminho, & ſabidos,
& tambem em alemanha.

56

Em Benij de antigamẽte
tem por coſtume, por ley
matarem da nobre gente
& pricipal, que he presente,
qndo quer q̃ morre ho rey
para la ho acompanharem
no outro mũdo, & eſtarem
com elle ſempre presentes,
& aſſi morrem contentes
ſem has vidas eſtimarem.

57

Dixe al rey hũo fecticeiro,
que feu pay guerra fazia
no outro mũdo, & queria
gente, que fosse primeiro,
& mais da q̄ elle pedia:
quinze mil homẽs juntou,
degollar todos mandou
em hũo poço por jũtos yrẽ,
& a feu pay accodirem,
& desta arte lhos mandou.

58

Hũos aos outros se vêdẽ,
& haa muitos mercadores,
que niffo foomẽte entẽdem,
& hos engãnam, & prẽdem,
& trazem aos tratadores.
muitos se vendem na terra,
se tẽ hũos cõ outros guerra,
feruemse de bêstas delles
pollas nõ auer entrelles,
a mais terra he chãõ fẽ ferra.

59

Vẽ grã fomma a portugal
cadãno, tãbẽ aas ilhas,
he coufa que sempre val,
& tres dobra ho cabedal
em castella, & nas antilhas:
por ha terra fer muy queẽte
anda nua toda ha gente,
descalços todos a pee:
muitos delles tẽ ja fee,
tẽ marfim, ouro excellente.

60

Tem elefantes pasmosos,
 coobras de grãde grandura,
 lagartos muy espantosos,
 gatos dalgalia cheirosos,
 aruores de grande altura,
 arroz, inhames, palmeiras,
 gatos de muitas maneiras,
 & papagayos de fortes,
 cauallos marinhos fortes,
 q̃ andã fora das ribeiras.

61

Sã bestiaes,
 e entêdemse
 per affouios.

Hos do cabo desesperança
 ferro sobre tudo estiman,
 por hũo dardo, ou hũa lâça,
 postos em hũa balança
 quintaes douro defestimã:
 ouro nã tomã nas mãos,
 & hij mataram christãos,
 armas, ancoras tomaram,
 cadeas douro deixaram,
 & ãnees nos dedos sãos.

62

E na india, em geeral
 haa costumes desuairados,
 hũos dos outros desuiados,
 tanto como bem & mal,
 entrelles muy costumados:
 terra bem auenturada,
 de grandes dotes dotada,
 nã tem peste nẽ tem fome,
 ha gente barato come,
 viue sãa, rica, abastada.

63

Ha nella toda auondança
de maçãs, crauo, canella,
noz, gengibre em abaftãça,
& pimenta de fi lança,
que se enche ho mûdo della,
ambar, almizcre, tincal,
lenhe loes, cordial,
licorne, ruy barbo tem,
cassia, fandalos tambem,
canfar, aguila, & isto tal.

64

Tem robijs, diamãtes taes,
que nã tem preço ou contia,
esmeraldas muy reaes,
perlas de muy gram valia,
espinellas, & tem mais
carbunclos, Ametiftas,
turquefas, & chryfolitas,
çafiras, olhos de gato,
jagõças, de tudo ha tracto,
& outras mais q̃ nõ sã dictas.

65

Tẽ ouro, prata, borcados
de mil feições, muy fermosos,
entretalhos, & borlados,
muytos & fotijs chapados,
muy ricos, pouco custosos:
ricas sedas de mil fortes,
alcatifas, chamalotes,
porcelanas, beijoijs,
finabafos, rambotijs
delgadiffimos & fortes.

66

Muitos damascos da China,
cofres de rede dourados,
mefas, lectos marchetados,
& muy rica prata fina
de bestiães bem laurados :
& quanto aljofar tem.
quanta feda de laa vem ?
que policias tam polidas ?
riquezas, coufas sabidas,
q̄ antes nō soube ninguem ?

67

Tem cijdades populosas
de grandes pouoações,
cercadas, fortes, pompofas,
de pedra, cal muy lustrosas
casas de mill perfeições :
ha aij outras de madeira,
& cubertas de palmeira,
que se fogo entra nellas,
arde tam forte per ellas,
que se faz tudo em fogueira.

68

He de arroz muy auõdada,
trigos, fructas como caa,
& outras muitas que ha laa,
de peixe, carne abaftada,
tudo barato se daa :
galinhas sam infinitas.
& outras aues nãõ ditas,
de qué auondança tem :
sam muy sãos, tē muyto bē,
coufas dignas fer escriptas.

69

Tem infinitas palmeiras
por fuas terras, herdades
de infinitas nouidades.
fructos, panos de maneiras,
& de muitas qualidades :
dam vestir, calçar, comer,
agua, vinho que beber,
azeyte, açucar, mel,
casas, cordas, & papel,
& camas em que jazer.

70

Haa cãnas de grãde altura,
cheas dagoa excellente,
de tres palmos de grossura,
de muito grande grandura,
de que bebe ho rey, & gête,
& sam pollo pee cortadas,
assi inteiras leuadas
longe per terra, per mar,
sem agua nũca minguar,
estam muito conseruadas.

Em Maluco
as ha, & tẽ
mea pipa da-
gua a cada
hũa. Gaffafe
cãnudo & cã-
nudo.

71

Tem Elefantes ensinados,
de muito grande entender,
em gram preço estimados,
muy forçosos, bẽ mãdados,
que tem como homẽs saber :
& muy certo se prouou,
que hũo elefante fallou
em Cochim palauras certas,
claras, altas, descubertas,
do qual se ca fee mandou.

72

Tractam ricas pedrarias,
 fã muy grãdes mercadores,
 tem ricas mercadorias,
 drogas, especiarias,
 sam niffo muy fabedores:
 tractam na terra, no mar,
 sabem tudo bem guardar
 ho que na terra se cria,
 para quando tem valia;
 per dedos he seu contar.

73

Querẽ ouro, prata, cobre,
 vermelhã, querem coral,
 azougue tambem la val,
 quẽ tẽ vinho nõ vẽ pobre,
 se he de almada, ou Sexal:
 nõ vendẽ nada algũs mefes,
 tee q̃ vaã hos portugueses,
 por vèderem jũto, & bem:
 mais modo no tracto tem
 q̃ Veneza, & Genoefes.

74

Grandes arteficiaes,
 em tudo muy entendidos,
 muy sotijs officiaes
 de toda forte & metaes,
 muy prestes, muito sabidos,
 baratos para fallar;
 ver ouriuez trabalhar
 hũo dia por hũo vintem
 & fazem tudo tam bem,
 que nam haa que melhorar.

75

Sã moores volteadores,
que nũa foram fabidos,
muy grandes esgrimidores,
archeiros, trefectadores
moores que vjã nascidos :
hã por grãde hõra ãgordar,
& fazem muito por alargar :
quem me dera laa viuer,
para por isso valer,
pois qua nã posso medrar.

76

He muito perã louuar
has suas nauegações,
quẽ nas bem quer esperar,
muy seguro nauegar,
dous vêtos, duas mouções :
vaam sempre a popa, & vẽ,
grande segurança tem
de virem a saluamento,
polla certeza do vento,
se os tempos tomam bem.

77

São gentios & acatam
ydolos com grande amor,
haa em algũos tanto feruor
& deuaçam, que se matam
por sua honra & louuor :
quando os querem festejar,
em grandes carros mostrar
com grãdes Rodas daceiro,
muitos vã tomar' marteiro,
& deixam se espedaçar.

78

Deytãfe no chãõ tētidos,
 hos carros passam por elles,
 ficam por meo partidos,
 da vida & mūdo esq̃cidos,
 matãfe assi muitos delles :
 enganada deuaçam,
 & esta condenaçam,
 & martijro hos tristes tem,
 por seu mal nō por seu bem,
 por sua moor perdiçam.

Em Cãbaya.

79

E outros vam esgrimãdo
 com hos lōbos traueffados
 cō ganchos de ferrō, alçados
 por cordas altas, cantando,
 em carros assi leuados,
 coufas muy duras de creer,
 de contar & descreuer,
 se nã foram tam fabidas,
 tam vistas & tam ouidas,
 que bem has posso dizer.

Em Cãbaya.

80

Ha aij rey cō cōdiçam
 de quatorze ãnos regnar,
 hos quaes tanto que acabar,
 por seu deos de obrigaçam
 se haa per si de matar.
 per ante todos despido,
 em hūo cadafalso subido,
 com facas muy aguçadas
 daa per si taes cutilladas,
 que cae morto estendido.

No cabo de
 Camo rim
 quãdo se faz
 ha festa ao
 seu ydolo co-
 mo jubileu de
 xiiij. em xiiij.
 annos.

81

Acabado de morrer,
logo elejem outro rey,
q̃ outro tal haa de fazer,
acabados de correr
os ãnos que tem por ley:
isto se faz em hũo dia
de muito grande alegria,
de perdões & jubileu,
quãdo mostrã ho deos feu,
que lhes daa tal oufadia.

82

Na jaaua, Narfinga tem
costume de se matarem,
quando morre ho rey tãbẽ
como em Benij, & tomarem
morte sem temer ninguem:
homẽs per si aas dagadas,
mulheres no mar lançadas,
muitas cõ pedra ao peçoço,
& queimadas com esforço,
outras viuas foterradas.

Fiz que se mataram em Narfinga muitas pessoas, porque se matã as mãcebas do rey q̃ sam muitas.

83

E mulheres por vontade,
quãdo morrẽ seus maridos,
com amor, & lealdade,
se matã com crueldade,
seus corpos ã poos ardidos:
cõ seus paes, mães, & irmãos,
amigos, & cijdadãos
são cõ grãde hõra trazidas,
da cinta acima despidas,
com joyas, anees nas mãos.

Em Narga. E primeiro q̃ se lãce no togo, tira as joyas, e reparteas per seus parentes, q̃ tẽ todos panelas dazeite q̃ lãça jũtamẽte q̃ndo ella se lãça.

84

Esta hũa grã fogueira
 em hũa grã coua ardendo,
 & ella com verdadeira
 vontade, liure, & inteira,
 anda derredor dizendo
 palauras de obrigaçam
 aos homẽs por razam
 da morte que toma assi,
 entam se lança por si
 no gram fogo sem paixam.

85

E se nam querem morrer,
 ficam como infamadas,
 dos paes & maes desprezadas,
 sem as ninguẽ querer veer
 por baixas, & abiltadas.
 molheres de tal primor,
 que por honra & amor
 de seus maridos padecem
 tal morte & honra merecem,
 & sam dinas de louuor.

86

Haa outras tam desuiadas,
 muito perto destas taes,
 que sendo muy bẽ casadas,
 honrradas & abastadas,
 sam a todos muy geraes:
 lança-se com quãtos querẽ,
 sem lhe os maridos tolherẽ
 quantos querem escolher,
 deixam-lhe tudo fazer,
 sem lhe nada reprehenderem.

No Malabar.

87

No Malabar.

Como chegam a hidade
moças de dez ou onze ãnos,
has mães fora da ciedade
mancebos de autoridade,
de linhajẽ, sem enganos
buscam, & mãdam chamar,
para has filhas ensinar;
& perdida ha virgindade
cada hũa tem liberdade
de a quem mais quer tomar.

88

Em Pegu.

Ha tambem costumes tais
em pegu, q̃ homẽs cõpetem,
a qual delles teraa mais
em seus membros genitais
cascaueis, onde hos mettem,
ha sua carne cortando;
e por tempo se soldando
ficam dentro entremetidos:
dizem q̃ sam mais queridos
das femeas affi vfando.

89

Em Cábaya.

E moças vam prometer
a ydolos virgindade,
& se vam offerecer,
& por si mesmas corrõper
em final de castidade.
em hũas lajeas polidas,
muito limpas, muy luzidas,
em hũ corno muy polido,
que no meo estaa metido,
se rompem nelle sobidas.

90

Em Meçua.

Differentes marauilhas
 de vſo & variedade,
 q̃ has mãis em tenra hidade
 em Meçua cofem has filhas
 por guardar virgindade.
 fica ha carne tam foldada,
 q̃, quando vê fer cafada,
 cõ faca ſe ha de romper,
 fem doutra arte poder fer
 ha tal virgem violada.

91

Em Cama-
tra.

Haa reys q̃ ſam coſtumados
 peçonha ſempre comerem,
 de meninos enſinados,
 em muy pequenos bocados,
 tee ſe nella conuerterem ;
 & ſe lha dam a comer
 nam lhe pode empeecer,
 & ſe alguê bebe ſeu vinho,
 ou moſca come ſeu coſpiño,
 morre fem poder viuer.

92

Em Syam, e
Paacer.

Outros reys nã tẽ cuidados
 de reger nẽ de mandar :
 eſtam ſempre despejados,
 cõ as molheres criados,
 fem fazer mais que folgar.
 & tẽ hũs governadores
 rejaos q̃ ſam regedores,
 tudo mandam, ſoo lhe dam
 aos reys diſſo razam,
 como a ſeus ſuperiores.

93

Hos aceptos & priuados,
q̄ el rey de Maluco feruem,
sam todos muy corcouados,
de meninos tam quebrados,
q̄ as cabeças nam erguem :
estes sam seus sabidores,
& vã por embaixadores
a elle hos mais aceptos,
nã se ferue de direitos
em casa por mais primores.

94

Os reys dormuz nã mãdauã,
mas hos seus governadores ;
se algũa cousa falauam,
logo lhe os olhos quebrauã,
por serem sempre señores :
em hũa casa os mettiam
assi cegos, & elegiam
outro rey de sua linha,
ho qual nenhũ mãdo tinha,
& elles tudo regiam.

95

Quãdo forã sobjugados
hos dormuz de nossas gētes,
foram quinze reys achados
cegos cõ os olhos q̄brados
per mãos de seus presidētes :
ho capitam moor tòmou
todos, & dij hos leuou
a Goa onde hos teue,
& ho rey liure fosteue,
& seu regedor matou.

96

Em Calecu.

Hos reys do malabar,
 senhores, & nobre gente,
 seus filhos nã hã de herdar,
 por das mães nam confiar,
 & ha derdar hũo parente
 filho de yrmãa, ou de prima
 mais chegada: este estima,
 & declara por herdeiro
 como filho verdadeiro,
 hos seus todos defestima.

97

Como he por rey alçado
 ho rey, & obedecido,
 he por principe jurado
 ho sobrinho mais chegado,
 por herdeiro conhecido:
 & como hẽ confirmado,
 & por filho nomeado,
 logo ho mandam apartar,
 sem na corte mais entrar
 atee el rey ser finado.

98

Nã mandã embaixadores
 reys a reys, gentes a gentes,
 nem senhores a senhores,
 sem lhe mādarem presentes,
 por ser bõs negociadores:
 costumam dar, & prestar,
 por melhor se aproueitar,
 sam muy cheos de respecto,
 de interesse & prouecto,
 de aquirir & adjuntar.

99

Dizē q̄ q̄rē
pedraria,
porq̄ ôde q̄rē
h̄r leuã na
mão cê mil
ducados.

Ha laa reys de grã poder,
de grandes gentes; & terras,
que sabem muy bẽ reger,
& grandes tesouros tẽer,
jũtos na paz pera as guerras:
outros de menos estados,
porem muito acatados,
& entre todos haa mouros,
grandes ricos com tesouros
em pedraria ajuntados.

100

Estes fazem imizade
entre indios e christãos,
porque tem autoridade,
ordenam sempre maldade,
lançam pedras, cobrẽ mãos:
quantos casos la passaram,
tudo mouros ordenaram,
como maos, secretamẽte,
em que morreo muita gẽte,
muitos delles ho pagaram.

101

Sam tam reuerenciados
hos fidalgos dos villãos,
tam grandemente acatados,
que se delles sam tocados
sam logo mortos aas mãos;
& quando vem caminhãdo,
haãde vjr sempre bradãdo,
dizendo fastar, fastar,
por ninguẽ a elles chegar,
& elles longe se afastando.

No Malabar.

102

Em Calecu.

E se honrada molher
 a homẽ vil se abaixar,
 feus parentes tem poder
 de ha matar qual quiser,
 fem ninguẽ lho demandar,
 & el rey, se ho souber,
 logo ha manda vender
 por captiua desterrada;
 desta forte he castigada,
 fe acerta de nam morrer.

103

Em Calecu,
e no Mala-
bar.

Todos hos officiaes
 nunca deixam feus officios,
 nem hã de sobir ja mais
 que feus auos & feus paes,
 nẽ ter moores beneficios:
 & sam tam desfistimados
 os baixos dos mais hõrados,
 que se lhos vijrem tocar
 hos pode quẽ quer matar,
 fem ser por isso acusados.

104

No Malabar.

Ha aij Naires caualleiros
 como homẽs dordenança,
 q̃ pellejam por dinheiros,
 muy leaes, muy verdadeiros,
 muy destros de frecha, & lâça,
 & de adargas & espadas,
 & affi aas cutilladas
 pellejam atee morrer,
 fem se deixarem vencer,
 fazem coufas signaladas.

105

Em Narfin-
ga.

Haa outros como prelados,
que sam muy obedescidos,
& sam bramanes chamados,
muy feruidos, & louuados,
por homēs sanctos auidos :
mostram grãde sanctidade,
& tēer muita caridade ;
carne ; pescado, nō comē,
nē menos em camas dormē,
& tem muita autoridade.

106

Em Maluco.

E quē quer fer caualleiro
nam ha de fer sem perigo,
que haa de cortar primeiro
a cabeça de hūo ïmigo
com esforço verdadeiro,
ha qual traz assi cortada
ao pesçoço pendurado :
como isto tem acabado
he caualleiro armado
com ha sua mesma espada.

107

Em Maluco,
& dizē que
como isto fa-
zem ho ēfer-
mo se acha
bē.

Os homēs que tē doēte
de doença prolongada,
dizē q̄ ho demo he presente,
mettido em baixa gente,
q̄ lhe faz nam ser curada,
& entam mandam matar
cinco ou seis q̄ vam topar,
homēs baixos, sem olharem
por isso, nem castigarem,
por ho doente saarar.

108

Na ilha de
Ceilam.

Em Ceilã tem pêdurados
feus finados em fumeiros,
& depois de bem secados
sam em casa agafalhados
hos corpos assi inteiros.
tê seus paes, mães, decêdêtes,
& os chegados parentes,
em casa juntos guardados,
muito limpos, muy hōrados
hos tê sempre assi presentes.

109

Em Syã. co-
mo, morre ho
parente logo
o affam todo
inteiro. & ef-
tãdo cõ facas
a ho redor
chorãdo cor-
tam e comê
atee ficarem
fomête os of-
fos, q̃ fazem
é cinza.

Se morre pay ou hirmão,
ou filho, sam logo affados,
& comidos com paixam
dos parêtes mais chegados;
isto se faz em Syam.
dizê que por mais honrar
querê em si sepultar
sua carne & natureza,
comêse com gram tristeza,
hos ossos mãdam queimar.

110

E outros se
vã vender a
si mismos.

Hos de Choromãdel vêdê
feus filhos & suas filhas,
por pouco nã se arrepêdem,
nê se estranha, nê defendê
taes erros & marauilhas,
hũos por duzêtos reaes,
& trezentos he ho mais
mayor preço, & contia,
q̃ os dam, & moor valia,
porq̃ hos vêdê seus paes.

111

Em amboino, & no brafil,
em çamatra, e paacer,
& em outras partes mil,
entre nobres gêtes vil,
gentios que nam tem fee,
hũos aos outros se comem,
como quer q̄ matã homem
em pelleja ou em guerra,
hos de fora & da terra
depois de comidos dormẽ.

112

Junto com
Maluco.

Hos celebres por mostrar,
que tem muytos feruidores,
mandã aas portas lançar,
eferco de homẽs juntar,
por verẽ que fam ſenhores,
& quẽ tem moor cãtidade
haam por moor autoridade:
competem niſto a porfia,
mais eſforço, moor valia,
mais limpeza ha fugidade.

113

Ha rayz ſe
chama Baça-
ragua, & ha
fructa Mira-
bexi.

No reyno de Deli haa
arbores daqueſta forte,
que ha raiz he tam maa
peçonha, que ſe ſe daa
a comer, da logo morte:
ha fructa tem tal virtude,
q̄ comendoha daa faude
a todo peçonhentado,
he fructo muy eſtimado,
cõ q̄ ſe aa peçonha acude.

114

Has ylhas de
Maldiua.

India grande coufa he,
tê grãdes coufas eſtranhas,
ha nella ilhas tãmanhas,
ſam lourenço, & paacer,
como França, & as eſpanhas:
tem juntas onze mil ilhas
repartidas por partilhas
entre reys, entre ſenhores,
pequenas, mēaas, maiores,
outras muitas marauilhas.

115

El rey de Narſinga veo
conquiſtar ho Idalcam,
trouxe de omēs cõto & meo:
Idalcam ſem receo,
com eſforço, & coraçam,
com trezentos mil q̄ tinha
- foy a elle onde vinha:
deſque ãbos ſe encõtraram
hos mais hos menos matarã,
& venceram muy aſinha.

116

Ho Idalcam ſe ſaluou
vendo ſua perdiçam,
com muy poucos eſcapou,
nunca gente ſe ajuntou
em tam grande multitudam:
cauallos, artelharia,
non abaſta ha fantaſia
a ho que dizem eſcreuer,
crea ho quē o quiſer crer,
que he coufa de longa via.

117

Ho rey era muito mal-
quisto, & hos
grãdes nã no
podia matar,
porq̃ se guar-
dava, e co-
metterã ao
barbeiro q̃ ho
mataffe, &
que ho fa-
riam rey, &
assi foy.

Hũo barbeiro degollou
ho grande rey poderoso
de Narsinga, & se alçou
por rey, & por rey ficou,
fecto mao & espantoso,
em sua vida reynou
em paz, tee que se finou,
& reynou logo apos elle
este rey, que filho delle,
que pacifico deixou.

118

Este he hũ dos reys do mũdo
de mais ouro, & pedraria
tãta de tam gram valia,
que nam tem cabo nẽ fundo,
nem se estimar poderia:
em seu reyno tem as minas,
onde se acham pedras finas:
ninguẽ has pode vender,
sem has primeiro trazer,
sob graue pena & doctrinas.

119

Hos grandes, q̃ em corte stã,
haã destar sempre no paaço,
com medo de trayçam,
nam tem cõmunicaçam
hũos cõ outros hũo espaço,
nam se podem visitar
hũos aos outros, nem fallar
em prazer, nojo, doença,
sem el rey lhes dar licença,
sobpena de hos matar.

120

Quando quer, q̄ vā comer,
vā sempre muy apressados,
sem se poderem detēer,
nē preguntar, responder,
foo dos seus acōpanhados :
terra de pouca verdade,
de pouca fidelidade,
pois viuem tam sospetosos,
temidos, & temerosos,
& cheos de falsidade.

121

Ainda podera contar
outras cousas doutras fortes,
que haa na terra, & no mar,
defferentes no casar,
nos costumes, vidas, mortes,
tambem nos mādos, poder,
em seus nojos, & prazer,
em reger, & governar,
das quaes por non enfadar
muitas deixo descreuer.

122

De Indios se nos pegou
tractar, & mercadoria
dantes non se costumou,
por baixesa se auia,
em alteza se tornou :
a muitos aprouectou,
a outros muytos custou
has fazēdas, & as vidas :
cō muitas naos la perdidas
muita honra se ganhou.

123

Vijmos dō Philipe entrar
em castella grande, forte,
feu sogro fora lançar,
bē pouco ho vijmos durar,
& acabar de maa morte:
nesses dias, que reynou,
tudo mandou, gouernou
dom Ioam manoel soo,
que se desfez como poo,
no que era se tornou.

124

Ha Raynha
filha del rey
dó Fernádo,
& da raynha
dona Ifabel
de Castella.

Vijmos el rey dingraterra
em Frãça com grã poder,
& entrarlhe sua terra
el rey descocia a fazer
com grã gēte grãde guerra,
vijmos sayr ha raynha
cō bē poucos muy afinha,
& com elle pellejou,
& em batalha ho matou,
tomoulhe ho reyno q̄ tinha.

125

Andou em
Portugal este
moço, & foy
paje de Pero
Vaz Vifagu-
do.

Vijmos alçar brãca rosa
pōr rey muitos dos igleses,
foy coufa marauilhosa
q̄ em dias e no em meses
juntou gente muy fermosa:
chamouse rey natural,
a el rey batalha campal
deu, mas foy desbaratado,
& por justiça enforcado,
por acharem non fer tal.

126

f. Frãça, Caf-
tella, Portu-
gal, Iglater-
ra, Napoles,
Aragã, Vn-
gria, Dina-
marca, Poloa-
nia, Boemia,
Cecilia, Chy-
pre, Scocia,
Nauarra, rey
dos romãos.

Quíze reys, quíze reynados
vijmos ja na christandade,
hũos dos outros sã tomados
per força ou falsidade,
em foos septe sam tornados.
Ho gram poder do soldam
& do grande tamorlam
vijmos tomar para fi
ho Turco & ho sophi
com poder & sem auçam.

127

Por enueja, por cobiça
de reynar, senharear,
vijmos ordenar soyça,
artes de guerra inuentar,
que cada vez mais se atiça:
tantos modos dartilheiros,
de minas fazer outeiros,
inuenções dartelharia,
foram mais em nossos dias
q̃ em todos têpos primeiros.

128

Non deixa de auer agora
taes homẽs comos passados;
mas, se sam auantajados,
sam mortos em hũa ora
ante de ser affamados:
que ha muita artelharia
destruy ha caualleria,
& depois que se vsou,
nos homẽs se nã fallou,
como dantes se fazia.

129

Castelhanos, & Francefes,
alemães, vnezeanos,
Nauarros, Aragõefes,
Napolitanos, Ingleses,
Romanos, Cezelianos,
Italianos, Milanefes,
Soyços, & Escorceses,
vimos todos batalhar,
hũos com outros se matar,
faluou ungnos, & portuguefes.

130

Eftas muy ijuftas guerras
fazê ho Turco prosperar
nos mares, câpos, & terras,
reynos, imperios, & terras
tudo fer a feũ mandar,
sem hos christãos q̃rer veer,
quanto lançam a perder,
por se nam quererem bem:
nem lembra Ierufalem,
q̃ hos mouros tẽ em poder.

131

Nõ fey como Deos cõfente
tantos males caa na terra,
& que moirra tanta gente
sem cauza & innocente
per mandado de quẽ erra:
viuẽ em guerra, & contenda,
sem auer quẽ se rrependa,
de quanto mal faz fazer,
nem ha aij fatisfazer,
nẽ correger, nem emenda.

132

Quãdo dous Reys guerra tẽ,
 hũo haa de tẽer ho directo,
 ho que ho tem eſtaa bem,
 ho outro por tẽer mao fecto
 concerto & paz lhe cõuem:
 ſe ſe non quer concertar,
 com razam juſtificar,
 por cobiça ou contumaz,
 quanto mal niſſo ſe faz
 he obrigado pagar.

133

Veede que conta dara
 a Deos, quando lha pedir,
 quem cõ tal cargo ſe vijr?
 nã ſey, q̃ razã tẽeraa
 de repicar repetir:
 conta muy mal tenteada,
 mal viſta, mal concertada,
 maa recepta, maa deſpeſa,
 maa razam, & maa deſeſa,
 quitaçam lhe nõ he dada.

134

Guerra digna de louuor,
 de perpetua memoria,
 de honra, fama, de gloria
 tem el rey noſſo ſenhor
 com muito grande victoria
 com os mouros africanos,
 & gentios Afianos,
 Turcos, Rumes, & pagãos,
 & muyta paaz cõ chriſtãos
 inimigo de tirannos.

135

Vijmos ẽ roma hũ villão
 pobre com bem pobre capa
 de muy baixa geeraçam
 veer papa hũo seu hirmão
 & tambem hũo filho papa
 q̃ foy julio muy timido
 acatado, obedescido
 mais q̃ papa, Imperador
 ho moor edificador
 que se vio, nem foy sabido.

Hirmão do
 papa fisto &
 pay do papa
 julio & ãbos
 vio ẽ sua vida
 papas.

136

Em hũo mes tres papas fer
 vijmos, & outro elegido
 sem ho terem conhescido
 nem ho veerem, mas viuer
 em Castella esqueecido
 dahi ho vijmos leuado
 em barcelona embarcado
 sem tẽer mais outro primor
 que meestre do imperador
 & por isso ouue ho papado.

Alexãdre &
 pio. ho de
 Sena, q̃ viueo
 xvij dias &
 julio & Ha-
 driano.

137

Vijmos obras espantofas,
 que Papa Iulio fundou,
 tam grandes, tã sumptuofas,
 sem comparaçam famofas
 has fez, & has ordenou.
 vij sam pedro começar,
 obra tanto despantar,
 que outra tal non se sabe,
 nẽ sey Papa que ho acabe,
 ẽ ho deos non acabar.

Fazia jũta-
 mẽte Sã Pe-
 dro, & as
 casafas para
 todos os offi-
 cios, & ha
 varãda de
 Belueder, &
 as obras dos
 paços, & ha
 fortaleza de
 Eruiiu, & ou-
 tras.

138

Vimos Chipre é poucos anos
 muytos Reys nelle reynar
 com reuoltas, mortes, dãos ;
 tanto que os Venezianos
 oſvieram gouernar ;
 e tanto que gouernaram
 polla Raynha, lançaram
 mão dos filhos, que meteram
 em priſam, os eſconderam,
 e com o Reyno fe alçaram.

139

Vij em Florêça adjûtado
 pouoo contra ha clerizia
 com gram furia indignado
 fem ordem todo yrado
 combatteo ha fee hũo dia.
 & tanto que ha entraram
 hos clerigos fe ſaluaram
 ho arcebiſpo ficou
 no coro õde ho pouo êtrou
 & no coro ho enforcaram.

140

Vijmos ha grã maldiçam
 ho grã mal & grã vergonha
 de tantos deſtruyçam
 que matam aa trayçam
 em Italia com peçonha
 matam papas, cardeaes
 Reys, ſeñores principaes
 nobres, ricos, ſabedores,
 baixos, meãos & maiores
 eſtrangeiros, naturaes.

141

El Rey dō
Ioã segundo,
no ãno de
ccccxcj dia
de Sctã Cruz
de Mayo.

Ho mayor rey de ethiopia,
de manicōgo chamado,
vijmos christão ser tornado,
& com elle grande copia
de gente de feu reynado:
mandou por religiosos,
& por frades virtuosos
q̃ lhe el rey de caa mãdaua,
& elle mesmo prégaua
nossa fee a hos duuidosos.

142

No ãno de
ccccxcvij per
el Rey dō
Manoel.

Hos judeus vij caa tornados
todos nũo tempo christãos,
hos mouros entã lançados
fora do reyno passados,
& ho reyno sem pagãos,
vijmos synogas mezquitas,
em q̃ sempre erã dictas
e prégadas herefias,
tornados em nossos dias
Igrejas sanctas benditas.

143

Per el Rey
dō Fernan-
do, & Ray-
nha dona Ha-
bel. No anno
de cccccij.

Vijmos ha destruyçam
dos Iudeus tristes errados,
que de castella lançados
forã cõ gram maldiçam
a ho reyno de Feez passados
de Mouros fourã roubados,
deshonrados, abiltados,
q̃ filhos, filhas, & mães
lhe incestauão esses caães,
moças, & moços forçados.

144

Vijmos grãdes judarias,
 judeus, guinolâs, & touras,
 tambẽ mouras, mourarias,
 feus bailos, galantarias
 de muitas fermosas mouras,
 fempre nas festas reaes,
 ferão hos dias principaes,
 festa de mouros auia,
 tambem fecta se fazia
 que non podia ser mais.

145

A xx de abril
 de D. vj. ẽ
 dia de Paf-
 coela.

Vij q̃ em Lixboa se alçarã
 pouoo baixo & villãos
 contra hos novos christãos,
 mais de quatro mil matarã
 dos q̃ ouerã aas mãos.
 hũos delles viuos queimarã,
 mininos espedaçaram,
 fizeram grandes cruezas,
 grandes roubos, & vilezas
 em todos quantos acharam.

146

Estando soo ha cijdade,
 por morrerem muito nella,
 se fez esta crueldade ;
 mas el rey mãdou sobrella
 cõ muy grande breuidade,
 muitos foram justicados,
 quãtos acharã culpados,
 homẽs baixos & bragantes :
 & dous frades obseruantes
 vijmos por isso queimados.

147

El Rey teue tanto a mal
ha cijdade tal fazer,
q̄ ho titulo natural
de noble & sempre leal
lhe tirou, & fez perder.
muytos homēs castigou,
& officios tirou:
depois que Lixboa vio,
tudo lhe restituyo,
& ho titulo lhe tornou.

148

Hũo frade pobre abaixado
vijmos tam alto erguer,
que ho gram arcebispado
de Toledo lhe foy dado
primeiro de nada tēer,
& logo foy cardeal,
& senhor tam principal,
gouernador de Castella,
que morreo como rey della,
tomou Ouram fendo tal.

149

Vijmos hos grãdes estados,
q̄ em Castella se fizeram,
tantos duques tã honrados,
tã grãdes, tam prosperados,
tanto moores do que eram:
que casafas que se juntaram?
que rēdas que alcançaram?
vassallos, villas, riqueza?
jurdições, mando, nobleza?
que senhorios herdaram?

150

Vijmos ho grã fabedor
dom anrique de vilhana,
Ioam de Mena ho trouador
no cume, & ho primor
do Marqs de Santilhana,
que faber, cauallaria,
que honra, que fidalguia,
que grandes filhos deixou,
de que casaf hos herdou,
de que rendas, & valia.

Hos fillos
forã ho Car-
deal dô Pero
Góçalez, de
q̃ veo ho Mar-
qs de Cenete,
& ho Duq̃ do
Iffantado, &
ho Cõde de
Tédilha, &
ho Cõde da
Curunha, &
dous outros
mo orgados,
f. dô Inhigo,
& dô Furta-
do, & deixou
feys morga-
dos.

151

Vimos o muy liberal
grande Duque de Seuilha,
assi chamado em gêral,
muy quisto, muy principal,
muito noble a marauilha.
vijmos feu filho herdeiro
com grã gête, grã dinheiro,
por feu rey, por sua fama
descercar dêtro em Alfama
hũo imigo verdadeiro.

152

E vijmos hos dous hirmãos
meestres, q̃ tanto mãdaram,
Pachecos, q̃ assi medraram,
que grandes, pouo, meãos
hos mais delles gouernarã,
ho moço determinou
de fer rey, e adjuntou
cinco mil lanças possante
para casar com ha Iffante,
no caminho se finou.

Dô Ioã Pa-
checo meef-
tre de. San-
tiago ho mais
velho, & dô
Pedro Girõ
meestre Dal-
cátara, dona
Habel, q̃ foy
ha Raynha
poderosa.

153

Ho mais velho mais hōrado
 cō cōtas na mão & cāna
 deixou grãdemēte herdado,
 feu filho muy estimado,
 grande marques de vilhana :
 quarenta contos herdou
 de renda, e mais ficou
 com taes villas, tãta terra,
 que com el Rey teue guerra,
 & depois se concertou.

154

Outro meestre singular
 vijmos, q̄ he bē q̄ non fique,
 femp̄re vencer, pellejar,
 cō mouros, terras tomar ;
 foy dom Rodrigo Mārique ;
 por feu filho assi dizer
 fua vida, & escreuer
 em estilo tam subido,
 & de todos tam sabido,
 ho deixo eu de fazer.

155

E vijmos a grãde empresa
 do conde de Ribadeo,
 polla qual el rey lhe deu
 comer com elle aa mesa,
 tambem ho vestido feu :
 este valeo tanto em frança,
 sendo homē de hũa lança,
 que dez mil lanças mādou,
 & em Castella alcançou
 ho que quem tal faz alcãça.

Ho palãç q̄
 fez e Toledo
 em q̄ saluou
 el Rey.

156

Quando el
Rey dō Fernãdo
se foi de castella
pera Napoles,
estes tres señores
foos seguirá seu
partido.

Vijmos outros tres señores,
condestable, almirante,
duque dalua, seruidores
del rey dō Fernãdo moores
nas fortunas q̄ nõ ante:
em tẽpo de aduersidade
mostrarã gram lealdade
por tam singular senhor,
coufa de grande primor,
de esforço, honra, bõdade.

157

Ho duque dō
Gõçalo Fernandez
da guilar.

Vijmos ho gram capitam,
que tanto honrou castella,
que bondade, que razam,
em tudo que perfeçam!
outro tal nõ vijmos nella:
que batallas que venceo,
que senhores que predeo!
meresceo ter triũphal carro:
vijmos ho conde nauarro
quẽ foy, & como se ergueo.

158

Que hõrados caualleiros
para per si pellejar,
para capitanear,
conselhar, ser verdadeiros,
vijmos haa pouco accabar!
ficou tal necessidade
de homẽs desta qualidade,
q̄ para ha india mandar
se non pode hũo achar
sem muita difficuldade.

159

Ho Marçs de
villa real, ho
Bpo da Guar-
da, ho Bpo
de Vifeu, ho
Cõde prior,
ho Baram
daluito, ho
Conde de
Mófancto.

Vimos fallefcer na corte
fenhores velhos honrados,
todos muy apressurados
hos vijmos leuar ha morte
fem falla, nem confeffados.
& hos outros que isto veem
muy pouca emmenda têm;
antes andam tam mūdanos,
como se foſſem feus annos
como de Matufalem.

160

Vimos bẽ breues medrãças,
& outras bem vagarofas,
vijmos ja muytas priuãças
ficar cõ vãas eſperanças,
& outras bem prouectofas:
& vijmos ha grauidade,
prefunçam. auctoridade,
q̃ os reys dam cõ fauor,
& tambem feu defauor
deffaz muyta vãidade.

161

Dõ Iemes
Duque de
Bragãça &
de Guima-
rães.

Ho Duque vijmos chegar
a Azamor, logo tomallo,
vijmos sobrelle leuar
mais de dous mil de cauallo
tantas legoas fobre mar:
nõ haa nenhũa memoria,
nem ſeſcreueo em historia
de tantos cavallos yrem
fobre mar tam lōge e virjẽ,
& nam fallo da victoria.

162

Dó George
da Cofta.

Hũo clerigo natural
da villa de alpedrinha
vijmos caa fer Cardeal,
em pouco tempo & afinha
cardeal de portugal:
teue dous Arcebiſpados,
abadias, & biſpados,
fez dous hirmãos arcebpos,
parentes, amigos biſpos,
& criados muy honrados.

163

Bpo Deuora
& da Guar-
da.

Vij ho bpo dom Garcia
Biſpo de taes dous Bpados:
que honra, que gram valia,
que grandes merces fazia
a parentes & chegados!
nas guerras fronteiro moor,
nas letras gram ſabedor:
que caſa, que conuerſar!
como foy triste acabar
cõ tanta tristeza & door!

164

Dó Francisco
Dalmeida.

Ho Bpo dó
Garcia, ho
Conde de
Loulee, ho
Cõde de Ta-
rouca, ho Cõ-
de de Canta-
nhede, & dó

Vij o viſorey primeiro,
q̃ aa India foy mādado,
muy valente caualleiro,
ſem cobiça, verdadeiro,
muy ſefudo, muy auifado:
hos rumes desbaratou
cõ que ha india ſegurou;
tomou Quiloa & Mõbaça:
pareſce couſa de graça
veer de que morte accabou.

165

Ioã de Mene-
fes. Ho Bpo
de Coimbra, ho
Bpo de Cei-
ta, ho Cõde
Dabrãtes, ho
Prior do Cra-
to, ho Vifo-
rey, & o
Comédador
mor.

Vijmos muyto prosperados
hos almeidas, & meneses,
muitos fenhores hõrados,
tantos hirmãos, tã prezados
na corte & nos arneses:
tantos condes, & prelados,
& no reyno tam liados,
& capitães tam sabidos,
em quã pouco cõsumidos
vijmos tãmanhos estados.

166

Dõ Aluoro
de Castro.

Ho grã Cõde de Mõfancto
em honra, cauallaria,
em faber, galantaria,
vijmos priuar, valer tanto,
que a todos precedia:
vijmos ho conde almirante
com tantos medos diante
non recear, fenon yr
tee as indias descobrir:
quanto quis leou auante.

Dõ Vasco da
Gama.

167

Diogo dazambuja vij
de muitos mouros cercado,
com poucos quasi tomado
fayr, & tomar çafij;
foi fecto muy signalado.
malaca, ormuz, & goa
tomou cõ Reys de coroa
foo Afonso dalbuquerque,
que nã fey cõ q̃ se merque
hũa memoria tam boa.

168

Pero Mazca-
renhas.

E vijmos tomar Bintam
com bombardas affestadas
quatrocentas, & estacadas,
e hũo rey labedor cam,
& estancias muy armadas,
& bem cinco mil pagãos ;
& tam poucos os christãos,
q̃ a trezêtos nõ chegaram,
& aas lançadas tomaram
ha cijdade assi aas mãos.

169

Dous reys na india matar
george dalbuquerque ouuij,
em Malaca hũo degollar,
ho de paacer lancear,
& agora anda per hij :
vijmos duarte brandam
tam valente capitam,
e valer tanto na guerra
em ho reyno de Ingraterra,
que honrou ha gêeraçam.

170

Vijmos outros q̃ podera
escreuer ho que tẽem fecto,
de que lououres dera
muito grandes se quifera,
mas chamarã-me fospecto :
tambem por non agrauar,
hũos & outros contentar,
nõ querõ louuar presentes
pollos inconuenientes,
que nisso podem entrar.

171

Se fallara dos passados
 dinos de grãdes memorias,
 capitães tam esmerados,
 de fectos tam signalados
 fezera grandes historias;
 has quaes deixo de fazer,
 pois ninguẽ non quer dizer
 lououres de portugal;
 que fora fecto immortal,
 se ouuera quem escreuer.

172

No anno de
 D.xiiij.

Has terças da clereizia
 vijmos papa Liam dar
 a el rey, pera gastar
 na conquista que fazia:
 vimollas el rey soltar,
 darlhe igrejas & mõeiteiros
 para dar a caualleiros
 encomêdas, se feruiffem
 na factã guerra, & cõpriffem
 dous & quatro ãnos ãteiros.

173

Ha raynha
 dona ioana
 excelente fe-
 nhora, ha
 raynha dona
 Líanor, ha
 raynha &
 Princefa, ha
 raynha dona
 maria, ha
 raynha dona
 Líanor hir-
 mãã do im-
 pador.

Tres rainhas adjunctadas
 vijmos em Lixboa estar
 vijntocto annos foffegadas,
 poucas vezes espalhadas,
 se ha peste daua lugar:
 ha que viuouo primeiro
 he viua por derradeiro:
 vij tres mortas antes della,
 outra tornada a castella
 com joyas & com dinheiro.

174

Vijmos costume bẽ chão
 nos reys tẽer esta maneira,
 corpo de deos, sam joam
 auer cãnas, prociffaam,
 a hos domĩgos carreira,
 caualgar pella cijdade
 com muita folennidade,
 ver correr, faltar, luctar,
 dançar, caçar, montear
 em feus tempos & hidade.

175

Quãdo hos principes fahiã
 dias sanctos, caualgauam,
 todos feus pouos hos viã,
 elles viam & ouuiam
 todos quantos lhe fallauam.
 Ninguẽ pode fer querido
 de quem nõ he conhescido,
 que hos olhos haãn de olhar,
 para ho coraçam amar
 ho q̃ tem visto & sabido.

176

Muy prezada & estimada
 vijmos a gineta fer,
 destrãgeiros muy louuada,
 tam ricã, tam atilada,
 q̃ era muito pera veer.
 de granadis, de africanos,
 de andaluzes, castelhanos
 era portugall o cume;
 agora por mao costume
 se perdeo em poucos ãnos.

177

Vijmos cadeas, collares,
ricos tecidos, espadas,
cinctos, & cinctas lauradas,
punhaes, borlas, alamares,
muytas coufas esmaltadas:
arreos quanto luftrauam,
durauã muito & honrauam:
foo com vestidos frifados,
com taes peças arrayados
hos galâtes muito andauã.

178

Agora veemos capinhas,
muito curtos pelotinhos,
golpinhos & çapatinhos,
fundas pequenas, mulinhas,
gibõeszinhos, barretinhos,
estreitas cabeçadinhas,
pequenas nominaszinhas,
estreitinhas guarnições,
& muyto maas inuencões,
pois q̃ tudo sam coufinhas.

179

E vijmos em noſſos dias
ha letra de forma achada,
com q̃ a cada paſſada
creſcem tantas liurarias,
& a ſciencia he augmētada.
tēe Alemanha louuor,
por della fer o auctor
daqueſta couſa tam digna;
outros affirmam na China
ho primeiro inuentador.

Achouſe em
Alemanha.

180

Descobriho
ho conde da
Videgueira.

Outro mundo nouo vijmos,
per noffa gente se achar,
& ho noffo nauegar
tam grande, q̃ descobrimos
cinco mil leguas per mar.
& vijmos minas reaes
douro, & doutros metaes
no reyno se descobrir;
mais que nunca vij faber
ingenho de officiaes.

181

Vijmos rir, vijmos folgar,
vijmos coufas de plazer,
vijmos zombar, apodar,
motejar, vijmos trouar
trouas que eram para leer.
vijmos homẽs estimados
per manhas auentajados,
vimos damas muy fermosas,
muy discretas, & manhofas,
& galantes affamados.

182

E depois vijmos cuydados,
paixões, descõtêtamentos,
muitos malenconizados,
muitos sem causa agrauados,
fobejos requerimentos:
vijmos desfagardecidos,
vijmos outros esqueecidos
que deuiam de lembrar,
vijmos muito pouco dar
pollos desfauorecidos.

183

Ordenada
por ha ray-
nha dona
Lianor, &
instituyda
per seu hir-
mão el Rey
dô manôel
no ãno de
ccccxcix.

Vijmos tambem ordenar
ha misericordia fancta,
coufa tanto de louuar,
que nõ fey quẽ nã fespanta
de mais cedo nõ se achar:
focorre a encarcerados,
& conforta hos justicados,
a pobres da de comer,
muitos ajuda a fostêer,
hos mortos sam soterrados.

184

Mufica vijmos chegar
aa mais alta perfeiçam,
Sarzedo, Fonte, cantar
Francisquilho affi juntar
tanger, cantar, sem razam:
Arriaga que tanger!
ho cego que gram saber
nos orgãos! & ho Vaena!
Badajoz! outros q̃ a pena
deixa agora defcreuer.

185

Pinctores, luminadores
agora no cume estam,
ouriuizes, esculptores
sam mais fotijs, & melhores,
q̃ quantos passados sam:
vijmos ho gram Michael,
Alberto, & Raphael;
& em portugal haa taes,
tam grandes & naturaes,
que vem quasi aao ho liuel.

186

E vijmos singularmente
 fazer representações
 destilo muy eloquente,
 de muy nouas enuênções,
 & factas por Gil vicente:
 elle foy ho que inuentou
 isto caa, & o vfou
 cõ mais graça & mais dotrina,
 posto que Ioam del enzina
 ho pastoril começou.

187

Lixboa vijmos crescer
 em pouos, & em grandeza,
 & muito se nobrescer
 em edificios, riqueza,
 em armas, & em poder.
 porto & tracto nõ ha tal,
 ha terra non tem ygual
 nas fructas, nos mâtimētos,
 gouerno, bõos regimentos
 lhe fallefce, & non al.

188

Hos mais dos governadores,
 q̃ haa india forã mãdados,
 vij mortos ou accusados,
 caualleiros, sabedores
 non vij destas escapados:
 hos mais sam la soterrados,
 & hos vindos demãdados,
 socrestadas has fazendas,
 hũos presos, a outros cõtēdas,
 & libellos prócessados.

189

Vijmos muyto espalhar
portuguefes no viuer,
brafil, ilhas pouoar,
& aas Indias yr morar,
natureza lhes squeezer:
veemos no reyno metter
tantos captiuos crescer,
& yremse hos naturaes,
que se assi for, feram mais
elles que nos, a meu veer.

190

E vijmos cōmunicar
el rey cō ho preste Ioam,
embaixadas se mandar,
coufa, que nella fallar
parecia admiraçam:
vijmos caa vijr elefantes,
outras bestas semelhantes
trazer da india per mar,
por mar has vijmos mādār
a Roma muy triumphātes.

191

E vijmos mōstros na terra,
& no ceo grandes finaes,
coufas sobrenaturaes,
grādes prodigios de guerra,
fomes, pestes, coufas taes,
dizē q̄ em chipre foy visto
muy grande numero disto,
Roma, Milā, outras partes.
vijmos nigromantes artes,
que remedam Antechristo.

192

Ho conde de
Mirãdula.

Vijmos grãdes fabedores
muy pouco tempo viuer,
sem lhes valer feu faber.
Mirandula feus primores
non acabou defcreuer,
e algũos religiosos
em doutrina copiosos
vijmos, & de autoridade ;
mas follapou vãidade
edificios tam pomposos.

193

Para que se algũ cauide
de vãa gloria, se ha tem,
lembrelhe que vijmos bem
a frey joam datayde
mais humilde que ninguem :
que viueo tam sanctamête,
que era julgado da gente
sendo cortefão por sancto :
fezse frade, foy ho tanto
que fez milagre euidente.

194

Deixou conde datouguia,
& nam quis fer regedor,
deixou rendas, fidalguia,
honras, priuança, valia,
por feruir noſſo Senhor ;
& quem bem quifer olhar,
he muito pouco deixar
por Deos quãto caa se alcãça,
pois ha bẽauëturança
com iſſo pode alcançar.

195

E vijmos em ha christãdade
mouer grãdissimas guerras,
muito grãde mortindade,
destruidas muitas terras
com muy grãde crueldade:
& tal batalha passou,
que segũdo se affirmou
quarenta mil pereceram:
hos homêes alli morreram,
e ho odio viuo ficou.

196

Vimos hos bõos descaydos,
e hos maos muy leuãtados,
virtuosos defualidos,
hos sem virtudes cabidos
per meos falsificados,
ha prudencia escondida,
ha vergonha sobmettida,
ho mentir muy desfaçado,
ho saber defestimado,
ha falsidade crecida.

197

Ha cubiça muy lembrada,
nobleza bem esquecida,
manhas nõ valerẽ nada,
deuaçam desbaratada,
caridade destruyda,
hos sefudos mal julgados,
fandeus defemuergonhados
valer com seus artificios,
estrangeiros com officios,
& senhores engãados.

198

Vijmos hōrar lifongeiros,
 & folgar cō murmurar,
 & caber mixiriqueiros,
 hos mentirofos medrar,
 delmedrar hos verdadeiros:
 vijmos tambem villania
 preceder haa fidalguia,
 ha razam, & ha vontade,
 ha franqueza, & liberdade
 fobjectas da tirania.

199

Vijmos moços gouernar,
 & velhos delgouernados,
 fracos, em armas fallar,
 & vijmos muytos mandar
 que deuiam fer mandados:
 vijmos os bēes estoruados,
 hos males acrescentados:
 vimos clerigos viuerem
 cō molher, & hos filhos ferē
 dos beneficios herdados.

200

Outras fymonias callo,
 grandes trocas & partidos,
 & beneficios vendidos
 a taes, que de foo fallalo
 scandaliza hos ouuidos:
 Mōesteiros muy honrados
 de mitra & bago, ordenados
 para tēer abbades beentos,
 vijmos liures & ifentos,
 dados a homēes cafados.

201

Vijmos ricos acquerir
riquezas mal adjuntadas
com mal comer, mal vestir,
sem pagar, restituyr,
& cõ vidas muy cansadas :
trabalham por adjuntar
ho que haa caa de ficar
por vêtura a maos erdeiros,
& thesouros verdadeiros
non querem entefourar.

202

Hos ães fam íoo Deos amar,
& guardar seus mãdamêtos,
esmolar & não pecar,
fazer bem, non contentar
de baixos contentamentos :
jejũos, & oraçam,
lagrimas, & contriçam,
& confissam verdadeira
com satisfaçam inteira
entefouram saluaçam.

203

Estas coufas dam prazer,
& riquezas dam cuydado,
estas fazem non temer
terremotos, nem morrer,
& mais viuer descansado :
riquezas fam maas de auer,
& muyto maas de fostêr,
quẽ mais tẽ moor desejo,
ho amor dellas sobejo
faz ho amor de Deos perder.

204

Vijmos tristeszas nas vidas,
 nojos, descontentamentos,
 com merces distribuydas,
 per vontade repartidas,
 & non por merecimentos :
 merecer sem galardam
 faz perder ha deuaçam
 de virtude, de bondade
 desforço, saber, verdade :
 tudo mata ha sem razam.

205

Muy mal se pode sofrer
 com fiso nem paciencia,
 veer a hũos muito valer
 sem esforço, sem saber,
 virtudes nem eloquencia,
 & veer outros questo tẽem,
 & sempre seruiram bem,
 viuer sempre melterosos,
 sem fauor & desgostosos
 da gram sem razam q̃ veem.

206

Para serem confundidos
 os maos, nõn haa mor certeza
 que veerem restituydos
 hos bõos, & fauorecidos :
 isto lhes daa gram tristeza ;
 pois hos maos se entristecẽ,
 & cõ veer bẽ aos bõs padecẽ,
 q̃ faraã hos bõos por veer
 hos maos cõ hõra & poder,
 & que os bõos lhe obedecẽ.

207

Coufa he de confufam
veer hos maos permanecer,
e hos bõos cõ oppreffam,
fem ordem nem cõcrufam
maos fubir, & bõos defcer :
mas deuem fe confolar
em faber que ham de pagar
hos maos quãto mal fezerã,
& ho exēplo que deram
para outros mal obrar.

208

Vijmos mill ordenações,
& demãdas non ceffarem,
vijmos malfis & bulrões,
vijmos maas conuerfações
boas vôtades dãnarem,
vijmos algũs grãponados
em muy pouco prosperados,
foo com officios tēer,
& outros por dar vij fer
do que non tinhã louuados.

209

Vijmos eferilidades,
peftes, & aares non sãos,
vfuras, & crueldades,
veemos cõprar nouidades,
& reuendellas chriſtãos :
ha aij de Deos pouca lêbrãça,
pouca fee, muita eſperança,
& hũa vãa preſumpçam,
bõos coſtumes mortos ſam,
juſtiça poſta em balança.

210

E vijmos maos pagadores
 deuer, sem querer pagar
 a quem sam deuedores,
 nem comer, vestir, calçar,
 se nõ de alheos senhores,
 & hos mais indeuidados
 folgã, dormê, descansados,
 & viuem sem têer de veer
 cõ pagar, nê com morrer,
 nem fatiszazer criados.

211

E vijmos ja lauradores
 pagar feus dizimos bem,
 pagar bem a seus senhores,
 darlhe Deos ãnos melhores
 dos que lhes agora veem:
 trigo, ceuada, centeo
 furtam quasi de permeo,
 & deitam terra no pam;
 sam tã maos os ã maos sam,
 que de Deos nõ tem receo.

212

Veemos em ladrões fallar:
 se hos ha nã sam achados,
 ou nõ hos querem catar:
 vijmos ja officios dar
 a homês nõ bem julgados;
 poucas vezes vi buscarem
 homês bõos para lhos darê;
 vijmos cõ muitos officios
 homês de erros & vicios,
 vijmos aas partes clamarê.

213

Hũo foo mao official,
que haa ã hũa cijdade,
destrue ha cõmunidade;
veede bẽ se faram mal
muitos desta qualidade.
Deos & el rey nõ sã feruidos,
hos pouos sam destruydos,
ha policia dammnada,
ha republica roubada,
& hos pobres oprimidos.

214

Vij grãdes perdas no mar,
maas nouidades na terra,
muitas mudanças no aar:
nos verãos, no inuernar
veemos jaa tambẽ que erra:
pã, carnes, fructas &inhos,
& hos peiscados marinhos,
azeytes, & todo ho al
se nos vay de portugal,
& nõ sey per que caminhos.

215

Vijmos os muy comedidos
nõ lembrarem se nalceram,
& hos muy entremettidos
vijmos em cousas metidos,
q̃ elles nunca mereceram:
vijmos muito mais valer,
mais medrar, mais ricos ser,
hos muy importunadores,
que hos grandes feruidores,
q̃ acertam vergonha tẽer.

216

Vemos poucas amizades ;
se has ha sam cõ respectos ;
veemos odios, imizades,
veemos parcialidades
secretas por seus prouectos,
officiaes & priuados
vemos ser muy aguardados,
mil amigos na bonança,
se lhes fallece ha priuança,
logo sam desemparados.

217

Vijmos hos escrupulosos
poucas vezes acertar,
& hos muito regurofos
ferem poucos piedosos,
& muy maos de cõuersar :
vijmos bebados, golosos,
tafures, & luxuriosos
nã olhar mais q̃ ho presente,
acabarem pobremente
entreuados, & gottosos.

218

Vijmos ingratos negar
beneficios recebidos,
coufa para castigar,
& coufa para chorar
non ferem os taes punidos :
quando roma prosperaua
por gram crime se accusaua
em juyzo ingratidam,
& como gram traçam
se punia, & castigaua.

219

Vijmos hos muy cõfiados
confiarem pouco nelles,
& vimos desconfiados,
brigofos, apaffionados,
enfadinhos os mais delles :
vijmos hos pecos fallar
fora de tempo, & logar,
hos fefudos, & sabidos
no fallar muy cõmedidos,
cheos de ouuir, & callar.

220

Vijmos muitos ociofos
fem querer nada fazer,
deixar ho tempo perder ;
& dos bõos, & virtuosos
nõ lhes minguar que dizer :
pollas praças, pellas ruas,
fem verem has vidas fuas,
andam vagamudeando,
ho tempo muy mal gafiado,
& has mãos, & linguas cruas.

221

Vijmos os muy fofpectofos
viuer fempre com paixam,
& vijmos hos enuejofos
foturnos, presumptuosos,
de peruerfa, & maa naçam :
enueja vem de torpeza,
pois quẽ viue cõ tristeza,
por veer a hos outros bem,
e nenhũo defcanfo tem,
tem peñar, door, & vileza.

222

Glofadores, maldizentes,
desfazedores de quem
hos faz viuer descontentes,
com amigos, nem parentes,
nõ tem ley, nem cõ ninguẽ:
vij fracos de coraçam,
asperos fem criaçam,
trabalhar por tẽer imigos,
& deixar perder amigos,
por sua maa condiçam.

223

Vijmos hos muito ciosos
nõ viuer, nẽ descansar,
penfatiuos, & cuydosos,
orgulhosos, comichosos,
pollo vento, & aar olhar:
vijmos outros descuydados,
folgazões, defenfadados,
começos nom atalhar,
depois vijrem acabar
em deshonorados cuydados.

224

Em medos, & aduerfidades
veemos propósitos tẽer
de emendar, & correger
has mas vidas, & maldades
a honesto, & bom viuer:
mas como passa ho temor
torna tudo a fer pior,
porque nos a nos tornamos,
& de nouo começamos
ter a ho mundo mais amor.

225

Gastos muy demasiados
vemos nas dōnas casadas,
em joyas, prata, laurados,
perfumes, & desfiados,
tapeçarias dobradas,
has conferuas, ho comer,
vestidos, donzellas tēer,
has çamas, & hos estrados ;
vijmos per vijnte cruzados
luuas de coiro vender.

226

Aas portuguefas hóradas
vijmos por deshonna auer
no rostro & face pōer
& trazer auerdugadas,
& tambem vinho beber.
por defoneftas auiam
as que taes coufas faziam,
depois foram tam vladas,
todos q̄ haã q̄ has passadas
nē sabiam, nem viuiam.

227

Hos portugueses fohiam
fer nas armas muy destrados,
mollicias tēer non sabiam
hos homēs muy delicados
por homēs fracos auiam.
non lhes lembraua tractar,
nem muyto negociar :
eram com pouco contentes,
com amigos, & parentes
costumauam de folgar.

228

Depois forã tam polidos,
tam ricos, tam attilados,
tam doces, & tã luzidos,
& tam cheos desfaltados,
cabelleiras, & tingidos,
& em gastar defordenados,
& tantos trajos mudados,
tanto mudar de viuer,
tanto tractar, reuoluer,
tanto fer negociados.

229

Veemos muy âtecipadas
has vidas dagora todas,
moços com capas, espadas,
moças com moços caçadas,
ante tempo fazer vodas.
quem deue fer infinado,
reprendido, castigado,
muito mal pode infinar,
casa e filhos gouernar,
se deue fer gouernado.

230

Vij foberba nos villãos,
& baixeza nos honrados,
vij cubiça nos prelados,
descuydo nos anciãos,
& defordêes nos estados.
vijmos mortes apressadas,
& vidas muy encurtadas,
doenças non conhescidas,
muitas canseiras nas vidas,
poucas vidas descansadas.

231

Hos reys por acrescentar
has peffoas em valia,
por^r lhe feruiços pagar,
vijmos a huõs ho dom dar,
& a outros fidalguia:
ja se hos reys nõ haã mester,
pois toma dõ quẽ ho quer,
& armas nobres tambem
toma quem armas nam tem,
& da ho dom aa molher.

232

Vij muytos matos rõper,
grandes paûles abertos,
muitas herdades fazer
em terras, matos desertos:
veemos ho pam mais valer,
veemos tudo leuantar;
mantimêtos maos de achar,
officiaes mercadores,
logreiros, alugadores,
tudo muy caro custar.

233

Vijmos em Euora valer
hos moyos de pam yguaes
quinze vijnte mil reaes,
agora hos veemos vêder,
a septenta mil, & maes:
anno vij tam abaftado,
q̃ a octo reaes comprado
foy ho alqueire de pam,
outro vijmos em que nam
se achaua por hũo cruzado.

No año de
vinte & hũ.

234

Vijmos os câpos coallados
de aues, & de caçadores,
ho mar cheo de pescados,
muito bõos, muito p̃zados,
& de muitos pescadores:
perdesse ha altanaria,
non haa pexes que sohia,
nem gaviães, nem relee,
nê sey onde isto hee,
pois de tudo tanto auia.

235

Porque ho
principe dô
Afonso fol-
gaua muito
cô elles.

Vijmos tanto costumar
todos arcos de pelouros,
tanto com elles folgar
nas cijdades, ortas, mar,
como agora com tesouros:
nam auia homẽ algũo,
que se contentasse de hũo;
auia delles mil tendas,
muitas cõpras, muitas vêdas,
agora nõ vemos nenhũo.

236

Vijmos jogos de mãcaes.
tambẽ da pequena péla
infinitos, & geraes
entre pouuo e principaes,
em portugal, & castella:
isto com tempo passou,
pela grande começou,
começou fluxo, primeira
rumfa ficou derradeira,
& como tudo acabou.

237

Hos jogos, nojos, prazeres,
costumes, trajos, & leys,
virtudes, manhas, saberes,
& bõos & maos pareçeres
sam segundo querẽ reys :
que como sam adorados,
a ho que sam inclinados
todos vemos inclinar,
tudo lhes vemos louuar,
ainda que vaam errados.

238

Com herefias, & manha
vijmos ho falso luterio
conuerter em Alemanha
tanta gente, que he façanha
na moor força do imperio:
contra nossa fee pregando,
e do papa brasphemãdo,
dos b̃pos, dos cardeaes,
venceo batalhas campaes
ha gram gẽte do seu bando.

239

Com sua lingua maligna,
& preceptos deshonestos
femêa sua doutrina,
chea de luxuria indigna,
& vergonhosos incestos :
ho que mais deue doer,
he q̃ vemos extender
este veneno a mais terras,
& com pestíferas guerras
tarda remedio p̃oer.

240

Vijmos ha astrologia
 mentir toda em todo mūdo,
 que toda juncta dizia,
 q̄ em vinte & quatro auia
 de auer deluuiō segundo;
 & lecco vimos ho anno,
 & bem claro ho engano,
 em q̄ astrologos estauam,
 pois dātes tanto affirmauã
 por chuuas auer gram dāno.

241

Vijmos tambē fouerter
 em graada muitos logares,
 & muita gente morrer,
 & tal terremoto fer,
 que ferras foram algares.
 na Ilha a quem da terceira
 hũa grande villa inteira
 neste anno se fouerteo,
 & todo ho pouo morreo:
 foy grã caso em grã maneira.

Na illa de
 sã Miguel,
 & morrerã
 cccc. pef-
 foas, & foi
 no año de
 D.xxij.

242

No año de
 D.xij.

Vij que em Lixboa cahio
 da costa gram cantidade,
 duas ruas destruhio,
 duzentas casafumio,
 foy gram temor na cijdade.
 aquestes tremores taes,
 & outros muytos signaes
 vemos, sem termos lêbrãça,
 de Deos, nem fazer mudãça
 de nossas vidas mortaes.

243

Hos pouoos de alemanha
vijmos todos leuantados,
cõtra os grãdes adjûtados,
& entrelles guerra estranha:
hos grandes desbaratados,
hos fidalgos non oufarem
de parecer, nem falarem,
hos villãos victoriosos,
foberbos, & poderosos,
em bufca delles andarem.

244

Tãbẽ vijmos em castella
guerras das cõmunidades,
& muitas batalhas nella,
em villas, & em cijdades,
muitos mortos na querella:
depois veo ho imperador,
& castigou com feruor,
justiçou, & desterrou,
patrimonios tomou,
biípo matou com rigor.

245

Em valença & fua terra
vimos q̃ os mouros se alçarã,
contra os christãos pellejarã:
ouue ahi tam grãde guerra,
que muitos nella accabarã:
& depois se concertaram,
todos christãos se tornarã,
nenhũa arma lhes ficou,
& el rey os ifentou,
trebutos mais nõ pagaram.

246

E vijmos tambem el rey
de Dinamarca perdido,
desterrado, & destruydo
pellos seus, sem dar por ley,
e em flândres acolhido.
vijmos ha triste Raynha,
sua molher, a qual vinha
trabalhar por lhe valer,
em terra alhea morrer
desemparada, mezquinha.

Morreo é flã-
dres, & era
yrmãa do
iperador.

247

Principe dos Chiprianos
vij em Roma requerer
seu reyno, q̄ por engãnos
lhe tem hos venezianos
de absoluto poder.
vij ho cõsigo trazer,
hũo seu hirmão, & nõ tēer
de comer, nē quē lho desse,
nē a quē se focorresse
para lhe poder valer.

248

Vij Carlos imperador
de seus auós herdar tanto,
que foy jaa mayor senhor
que ho carlo magno sancto,
& ditoso vencedor:
herdou grã parte despanha,
flândres, borgonha, alemanha,
napole, aragam, Cecílias,
nauarra, austria, & as ãntilias,
terra rica, & muy estranha.

249

Quãtos vijmos alcançar
ho que muyto defejaram,
quã poucos se cõtentaram,
outros, sem nada acabar,
suas vidas acabaram :
hũos, & outros nõ oueram
descanfo, nem ho teueram,
porque nõ haa descansar,
nẽ plazer, nem contentar,
se nã nos que bẽ morreram.

250

E vijmos el rey de França
com todo frança cõsigo
pellejar cõ sua lança
na moor força do perigo,
donde victoria se alcança :
vijmollo por hũo senhor,
capitã do imperador,
preso, & desbaratado,
& a Castella leuado,
e em toda França door.

No ãno de
D.xxv.

251

Porq̃ os pr̃cipaes morrerã,
pr̃derã hos principaes,
& quanto tinhã perderam,
tantas perdas receberam,
que nã podiam ser maes:
que perderã fidalguia,
capitães, cauallaria,
seu rey, & suas fazendas,
arrayaes cõ muitas tendas,
& com toda artelharia.

252

No áno de
D.xxvij.

Tomãdo Roma morreo
este meſmo capitam,
que era ho duq̃ de borbam,
& ſua gente prendeo
ho ſancto padre em priſam,
& ſaqueou ha cijdade
com muy grãde crueldade,
captiuou hos cardeaes,
deſtruhio todos hos mais
ſem nenhũa piedade.

253

Has igrejas deſtruydas
de todo foram roubadas,
has reliquias vendidas,
has cruzes eſpedaçadas,
entre ladrões repartidas.
ho rico pontifical,
q̃ laa foy de portugal,
tomado pellos ſoldados,
& biſpos foram jugados
a hos dados & jogo tal.

254

Fezeram grãdes cruezas,
grandes deſhumanidades,
roubaram ſuas riquezas,
ſuas pompas, vãidades
lhe tornaram em triſtezas:
mulheres, freiras forçadas,
has nobres caſas queimadas,
& mortos os moradores,
principaes, & mercadores,
ſem porque, aas cutilladas.

255

Neste tempo acodio
a roma tal mortindade
de peste, qual se nam vio,
& tambem esterilidade,
mayor que nũca se ouiuo,
que morriam cada dia
mil pefsoas, & valia
a sessenta mil reaes
ho moyo de trigo, & maes ;
ninguem auello podia.

256

Defuenturada cijdade,
mal auenturada terra,
tẽendo tanta sanctidade,
te perdeste per maldade
em poucas horas de guerra :
maldito ho pouo christão,
que sem cauza pos ha mão
em tanta coufa sagrada,
hos que matã com espada
com espada hos mataram.

257

No ãno de
D.xxj.

Vij que em africa aq̃ceo
ser morte, & fame muy forte :
cauallos, & gado morreo,
muita gente perefceo,
nunca foy tal fome & morte :
hos paes hos filhos vendiã,
duzentos reaes valiam,
muitos se vinham fazer
christãos caa, foo por comer,
nos campos, praças morriã.

258

Ho reyno de Feez ficou
cõ dous ou tres mil caualllos :
de Tremecem se formou,
laa, & mais longe mandou
muita gente a comprallos,
que foy tanta perdiçam,
que nam ficou geeraçam
para poderem geerar :
has eguas mandou buscar
para fazer criaçam.

259

Se neste tempo teuera
portugal soo que comer,
leuemente se podera
tomar fez, & se ouera
com pouca força, & poder :
mas caa mesmo entã ãdaua
tanta fame, que custaua
trigo alqueire a cruzado,
carne, vinho, & pescado
tudo com pena se achaua.

260

Morreo no
ãno de D.xxj.
a xij. de de-
zembro.

Neste anno se finou
ho gram rey dom Manoel :
quantos consigo leuou
ha morte triste cruel !
que rey, que gēte matou !
duzētos homēs honrados,
em q̃ hiã muitos destados,
vijmos que entam se finarã
de modorra, & escaparam
muitos ja quasi enterrados.

261

Vimos gram plâto fazer
 pollos reys, quando morriã;
 burel, grande doo trazer,
 coufa muy digna de fer,
 pois tam grã perda perdiã:
 vijmos burel defendido,
 & vijmos pouco sentido
 hũo rey, que depois morreo;
 porque ho doo se perdeo,
 foy tambem nojo perdido.

262

Vij el Rey noſſo Senhor,
 quando foy por rey alçado:
 nunca foy tã grande eſtado,
 nem rey cõ tanto primor
 ſe vio nunca alleuantado,
 com tanto eſtado real;
 iſſantes, & cardeal,
 duqs, marqueses, Prelados,
 condes, fidalgos honrados,
 com ha frol de portugal.

Foy no anno
 de D.xxj. a
 xix. de de-
 zembro, hũa
 quinta feira.

263

Em Lixboa aſſi ſahio
 dos paaços polla ribeira,
 gente ſem conto ho ſeguiu,
 gentileza non ſe vio
 nũca em rey tam verdadeira,
 a cauallo muy galante,
 & todos a pee diante.
 do gram triumpho nõ fallo,
 & has redeas do cauallo
 a pee leuaua ho Iſſante.

Ho ifante dõ
 Fernando.

264

Ho iffante
dom Luis.

Pollas ruas nouas hia,
& ho Iffante feu hirmão
com estoque alto na mão;
rey do mundo parecia
em poder & perfeiçam:
nos alpendres foy defcido
de íam domingos, & subido
nũ estrado triumphal,
por noffo rey natural
foy alli obedefcido.

265

Filho de pay excellente,
& de mãy muy virtuofa,
de grandes reys descendēte
desdos godos, que foy gente
no mũdo muy poderofa;
nepto del rey dom Fernãdo,
de grã poder, de grã mando,
da poderofa raynha
dona Ifabel, que tinha
grande nome gouernando.

266

Marido da esclarecida
raynha noffa fenhora,
deſte gram fangue naſcida,
no mũdo muy eſcolhida,
de Deos grande feruidora:
por creſcerem ſeus eſtados
deulhe Deos mais acabados,
mais reaes octo hirmãos,
q̃ nũca antre reys chriſtãos
naſceram tam eſmerados.

267

Veemos-lhe altos defejos,
& propósitos fundados,
hos espiritus apurados,
grã saber, graça, despejos
nos logares despejados,
em publico grauidade,
grã cõdiçam, grã bondade,
magnanimo, liberal,
em tudo grande, real,
ifento, fem vãidade.

267

Em obras muito polido,
real edificador,
em tudo muy entendido,
em plazeres cõmedido,
em monteiro, & caçador,
em jogos muy temperado,
em comer muyto reglado,
bem falado, bem regido,
muy fõtil, leydo, sabido,
humano, muy auifado.

269

Seus cõcertos, cõcertados
de muy reaes paramêtos,
riquissimos atilados,
na capella esmerados,
sumptuosos ornamentos;
em esmolas caridoso,
em virtudes, virtuoso,
no que cõpre gastador,
do que tem conferuador,
alegre, muy amoroso.

270

Veemo-llo sempre ocupado,
 nūca ho vemos ocioso;
 tem gram fiso, gram recado,
 tem feu reyno soffegado,
 na justiça he piedoso:
 quanto bem faz fallo elle,
 pollas grãdezas q̃ haa nelle,
 & non ho faz por ninguê,
 que feu natural he bem.
 se fizer mal nõ vem delle.

271

Veemos-lhe pax cõ xp̃ãos,
 cõ mouros guerra, imizade,
 nõ como os Reys comarcãos;
 fez christãos muitos pagãos,
 accrescenta ha christandade;
 nūca em ligas quis entrar
 cõ reys xp̃ãos, nê quer dar
 a mouros pazes que pedem;
 soo por Deos se nõ cõcedem,
 polla fee sancta exalçar.

272

E veemos ho gram poder,
 q̃ em guinee, & indias tem
 tantos reynos de softêr,
 tantos reys a feu querer,
 de que pareas lhe veem,
 tantas villas, & cijdades,
 terras, & cõmonidades
 ganhadas per cruas guerras,
 cheos hos mares, & terras
 de suas prosperidades.

273

Tem laa noble fidalguia,
muy valentes caualleiros,
mil victorias cada dia,
gram somma de artelharia,
bõbardeiros, marinheiros;
tem gastos demafiados,
& hos retornos dobrados,
tẽ grã nome, gram louuor
de poder, & vencedor,
tẽ muitos xpãos tornados.

274

Cijdades, & villas suas,
em q̄ sempre se faz guerra
a mouros dêtro ẽ sua terra,
quatro sobre vijnte duas
têem, se me a pena nõ erra:
trezentas naos & nauios
traz nos mares, & nos rios
de seus reynos alongados,
cõ has quaes tẽ sobjugados
muitos reys, & senhorios.

275

Tem Ceita, tanger, arzilla,
alcacer, paacer, çafim,
Mazagã, s. george, arguim,
çofalla muy rica villa,
chaul, ceilam, & cochim,
moçanbique, sancta cruz,
malaca, goa, & ormuz,
maluco, & cananor,
coulam, sam tomee, Zamor,
quilloa, Chaale, Aguz.

276

Vijmos ho feu casamento
com hirmãa do imperador,
vijmos tâ gram jûtamêto,
em eluas tanto senhor,
que fallar em mais he vento :
cinco mil encaualgados,
grandemente atauitados,
muito ricos, muy galantes,
com hos senhores Iffantes
na raya foram juntados.

277

Ho ouro, ha pedraria,
cãnotilhos, & borlados,
has perlas ha chaparia,
hos forros, hos esmaltados
nam tem conto nem valia :
em estremoz se juntaram,
has vodas hij celebraram,
nunca tai par se juntou,
Deos affi os conformou,
q̃ em tudo se conformaram.

278

Veemos-lhe largar ha mão
grãdemête em dar dinheiro,
vijmo-llo tam boõ hirmão
da hirmãa tam verdadeiro,
como sabem quantos sam :
polla fazer moor senhora,
que foy no mûdo tee agora
de imperio, & reynados,
hũo cõto douro ê cruzados
lhe deu de dote em hũo ora.

279

Ho duque de
beja, ho duq
da guarda, o
Duque de
barcelos, o
Duque da nei-
ro.

Vijmos-lhe condes fazer,
quatro duques crescentar,
bispados novos criar,
& marqueses nobrecer,
& outros muitos honrar :
vijmos como focorria
cō dinheiro alrey de vngria,
focorro muy abastante ;
se elrey non mataram ante,
ja ho focorro laa hia.

280

A crescentou grãdemēte
hos seus defembargadores,
fez muitos corregedores,
& no reyno juntamente
fez mais tres gouernadores ;
& fez leys muy prouectosas,
a hos pouos amorosas,
para hos fectos breuiar,
& justiça conseruar,
mais blãdas q̄ rigurosas.

281

Ha corte de portugal
vijmos bem pequena ser,
depois tanto ennobleſcer,
q̄ nō haa outra ygual
na christandade, a meu ver :
tem cinco mil moradores,
em q̄ entrã muitos señores,
a q̄ elrey dá assentamentos,
moradias, casamentos,
tenças, merces, & honores.

282

Ho reyno vijmos valer
 sessenta contos, nom mais ;
 as rendas tanto crescer,
 q̃ agora ho veemos render
 duzentos milhões de reaes,
 india, mina non entrando,
 que estas duas affomando
 hos gastos, & hos prouectos,
 duzentos contos bem factos
 rendem forros, nauegando.

283

A veadores da fazenda
 vij hũo contrato fazer,
 que bem se pode dizer,
 sem nisso auer contenda,
 outro tal nunca se veer :
 venderam juncto ẽ hũo dia
 em drogas; especiaria,
 septecentos mil cruzados :
 outros lhe vij contractados
 de pouco menos contia.

284

Vijmos quatro ẽbaixadores
 na corte junctos andar,
 q̃ sam dos moores senhores,
 & dignidades mayores,
 que se podem alcançar :
 sam do papa, imperador,
 rey de França, do senhor,
 que preste Ioam se chama,
 conhecido soo por fama,
 mas nam por embaixador.

285

No tēpo de agora veemos
ho que non sey bem louuar,
tã singular rey qual tēemos,
raynha tal qual queremos,
ambos taes que nō tēem par :
tēemos tambē octo iffantes,
tam perfectos, & abastantes
de virtudes, graças, manhas,
q̄ noue irmãos nas espanhas
nūca ouue semelhantes.

286

E vijmos de que maneira,
ho duque darcos casou
cō moça pobre, estrangeira :
estando ja quasi freira
de Odiuelas ha tirou,
sem ha veer, nem conhescer,
nem fallar, nem escreuer,
nē tēer mais q̄ soo ser bõa :
veo por ella a Lixboa,
sem ella mesma ho faber.

287

Tomou assi esta impressa
por vontade ou deuaçam,
de modo que em cõclusam
foy assi facta duquesa,
sem sabermos ha razam :
elle a el rey ha mão beijou,
e com elle soo falou,
foy delrey bem recebido,
cõ grande hõra despedido,
ricas joyas lhe mandou.

288

No ãno de
D. & xxx.

Em Lixboa entam se vio,
& vijmos mula parida,
para iffo ahij trazida
de punhete, onde pario,
de todos vista & sabida:
& ho filho, que criaua,
perante todos mamaua:
no reffio, na ribeira
foy vista desta maneira
de muita gente q̃ olhaua.

289

Apareceo no
ano de D.
xxx. no ve-
rão.

E depois appareceo
hũo cometa muy famoso,
que nõ mingou, nẽ creſceo,
nẽ andou, nẽ se moueo,
& non era luminoso:
coufa branca, muy cõprida,
directa com gram medida,
bem quinze noctes se vio,
pouco & pouco se fumio,
tee ſer defapareſcida.

290

No ãno de
D. xxx. no
começo doi-
tubro.

E depois diſto em roma,
foo com tres dias chouer
em octubro, e ho Tibre toma
agoa tâta, em tâta fomma,
que foy eſpanto de veer:
toda a cijdade allagou,
ha agua dizẽ que chegou
tee hos ſegundos ſobrados,
hos baixos foram lagados,
foo nos mõtes non tocou.

291

Infundas casaf cahiram,
castellos todos inteiros
leuados do rio vijram,
edificios se fumiram,
casaf, fortes, mõeiteiros,
& pellas ruas andauam
grandes barcas, que faluauã
a gente també com ellas :
poderam yr carauellas,
pois tam alto neuegauam.

292

Muita gente se fumio ;
foy muy gram destruiçã,
ha moor q̄ se nunca vio
desta forte, nem ouuio
do Tibre tal perdiçã :
& morreo gram quãtidade
de bestas, & na cijdade
se perderã vinho, & pam,
& coufas de prouisam,
tudo em geeralidade.

293

Segundo todos dizião,
non foy coufa natural
o damno que recebiam,
mas por castigo ho auiam,
& temiam vjr mais mal :
muitas prociffões fezeram,
& grandes esmolas deeram,
& ho Papa a todos deu
por consillam jubileu,
foo porque a Deos temerã.

294

E no Ianeiro do anno
 logo seguinte finaes
 espantofos vijmos, taes,
 q̃ nõ basta ingenho hvmano
 a hos boquejar non mais ;
 ante manhã quinta feira
 foy em tam grande maneira
 terremoto em portugal,
 que se no vio outro tal,
 nem Deos que se veja queira.

295

Veyo primeiro hũo rayo,
 apõs elle hũo trouãm,
 & gram terremoto entãm,
 tam grãde, q̃ pos desfmayo,
 qual nã vijram, nem verãa,
 tal, que a todos parecia,
 q̃ ho mũdo se destruhia,
 para nõ auer mais mũdo,
 & que tudo era de fundo,
 & ha terra se fouertia.

296

Obra de hũo credo durou ;
 se mais fora destruyra
 tudo, por terra cahira,
 morrera quem escapou,
 ha moor parte se fundira :
 em hũo poncto punctual
 foy em todo portugal,
 na estremadura moor,
 que nõ foy todo ygual.

297

E aas fepte horas do dia
foy outro tremor eſtranho,
que pos medo, & couardia ;
& depois do meo dia
outro, porē nō tamanho ;
& em outra quinta feira
ante manhã, da maneira
que foy ho grãde, eſpãtoſo,
foy outro muy temeroſo,
outro ante aa terça feira.

298

Deste grãde a ho primeiro
cincoēta dias ouue,
nos quaes todos per inteiro
tremendo deu tal marteiro,
qual teegora ſe non ſoube.
hũo anno todo tremeo,
mas pouca couſa, & perdeo
ha gente ja ho temor :
aprouue a noſſo ſenhor
que ceſſou, non eſqueeceo.

299

Gretas, buracos fazia
ha terra, & ſe abrio,
agua, & arēa ſahia,
que a enxufre fedia ;
iſto em Almeirim ſe vio :
& porque logo vieram
grãdes chuvas q̃ chouerã,
& algũos dias duraram,
has aberturas taparam,
que nũqua mais pareſcerã.

300

Todos cō medo q̃ auiãm
 deixaram casaf, fazendas ;
 nos campos, plaças dormiã,
 em tēdilhões, & em tendas,
 casaf de ramas faziam ;
 has mais das noctes velando,
 temendo, & receando ;
 porq̃ tremor nō cessaua :
 ha gente pasmada andaua
 com medo, morte esperãdo.

301

Dous meses affi estiuerã
 na moor força do inuerno,
 aguas, ventos fofteueram,
 tormētas, trouões soffreram,
 bradãdo por Deos eterno :
 todos logo confeffados,
 cafos grandes perdõados,
 fectas grandes deuoções,
 romarias, prociffões,
 em efmolas ocupados.

302

Tambēe se fentio no mar :
 fem vento mares se alçaram,
 nauios foram tocar
 no fundo cō quilhas dar,
 como perdidos andaram :
 todas has coufas nascidas
 foram quasi amortescidas,
 feras, domesticas, bestas,
 caães, & aues, coufas destas
 estauam efmorescidas.

303

Muros, & torres cahiram,
villas, paços, mōesteiros,
igrejas, casafs, celleiros,
quintas, & has mais abrirã :
nō cahiam pardieiros,
pedras se viam rachadas,
& em pedaços quebradas,
& coufas de muitas fortes,
quãto mais rijas, mais fortes,
tanto mais eípedaçadas.

304

Hinfinda gente morreo,
grandes perdas receberam,
grande perda se perdeo ;
muitos maa morte morrerã,
porque de nocte aqueeceo.
coufas per noffos peccados
nunca vistas dos passados
nestes regnos, nem ouuidas !
Deos nos liure noffas vidas
de cafos tam defastrados.

305

Thomas filho
de Manoel
Thomas no
anno de D.
xxij.

Em euora vij hū minino,
q̃ a dous ãnos nō chegaua,
& entendia, & fallaua,
& era ja bem latino ;
respondia, & perguntaua,
era de marauilhar
veer feu saber, feu fallar,
fendo de vijnte dous mefes :
monstro entre portugueses
para veer, para notar.

306

Estas nouas nouidades,
mudanças, & grâdes fectos
em papas, reys, dignidades,
em reynos, villas, cijdades,
vijmos fectos, & desfectos:
& pois tudo vij passar,
começar, & acabar,
& desta mūdana gloria
nõ ficar mais que memoria,
desta me quis adjudar.

307

Esta deuemos de tēer
deste mūdo tam mudado,
para disso recolher
quem teuer sifo, & saber,
que ho por vijr he passado:
tudo accaba, senam
amar Deos de coraçam,
& feruillo de vontade;
todo ho al he vāidade,
& cousas que vem, & vaã.

308

Porque soo Deos tē poder,
elle soo he ho que sabe,
ninguē pode cōprender
seus juyzos, & saber,
& poder que nelle cabe;
elle he toda bondade,
elle he toda verdade,
elle he ho summo bem,
elle daa fer, & softeē
nossa fraca humanidade.

309

Que se elle fosse esq̃cido
de nos outros hũo momẽto,
tudo seria perdido,
& ho mundo destruydo,
pois he nossa vida vento.
tomarey logo daqui
destas cousas que escreui,
& de quanto foy, & hee,
louuar Deos, tẽer firme fee,
veer quẽ sam, como nasci.

Conclusam.

310

Muy poucos adjudadores
acha quem quer fazer bem ;
& se alguem bem fecto tem,
sam tantos hos glosadores,
q̃ ho nõ faz ja ninguem.
has cousas ante de achadas,
nem vistas, nem practicadas,
he muyto quẽ has bem achada,
& muy pouco porlhe tacha
quẽ has deseja tachadas.

311

Ho caminho fica aberto
a quem mais quizer dizer :
tudo ho quefcreui he certo,
non pude mais efcreuer
por nã tēer mais defcuberto ;
fem letras, & fem saber,
me fuy naquifto metter,
por fazer á quē mais fabe,
que ho que minguar acabe ;
pois eu mais nã fey fazer.

Deo gratias.

*Foy impressa esta Miscellanea de Garcia
de Reefende em ha cijdade Euora, em
casa de Andree de Burgos impressor
do Cardeal iffante, &c. accabouse
a ho fim de Mayo do anno
do nacimiento de noſſo
señor Iesu Christo
de 1554.*

MISCELLANEA

¶ Conclufam.

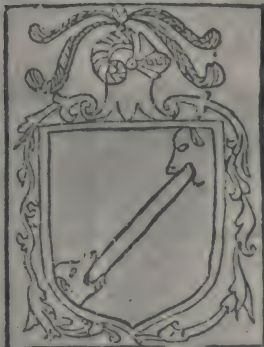
Muy poucos adjudadores
acha quem quer fazer bem
& se alguém bem feyto tem
fã tantos hos glosadores
q̃ ho nõ faz ja ninguem:
has coufas ante de achadas
nem vistas nem practicadas
he muito quẽ has bem acha
& muy pouco por lhe tacha
quẽ has defeja tachadas.

¶ Ho caminho fica aberto
a quem mais quifer dizer
tudo ho que creui he certo,
non pude mais escreuer
por nã tẽer mais defcuberto
sem letras & sem saber
me fuy naquisto metter
por fazer a quẽ mais sabe
que ho que minguar acabe,
pois eu mais nã fey fazer.

¶ Deo gratias.

¶ Foy impressã esta Miscellanea de Garcia de Reesende
em ha cidade Euora, em casa de Andree de Burgos
impressor do Cardeal iffante, &c. accaboufe a
ho fim de Mayo do anno do nacimiento
de nõsto seõor Iesu Christo de

1554



NOTAS E ESCLARECIMENTOS

Estâncias 2 — 3

Vimos ho turco tomar
etc.

Refere-se a Mahomet II, chamado o *Conquistador* [1430-1481], afamado pelo número e extensão das suas vitórias, e sobretudo pela tomada de Constantinopla em 29 de maio de 1453. A conquista do império de *Trebizonda* — *Trapisonda* —, como diz Resende, situada na Asia-Menor, sôbre o Ponto Euxino, em 1461, foi seguida da de Medelin em 1463 e da Bósnia em 1463. Anos depois submeteu Albânia, tomou aos Venezianos em 1470 o Negroponto e de vitória em vitória chegou ao Isonzo obrigando em 1470 Veneza a fazer a paz. Pode dizer-se que o seu reino terminou por uma derrota em frente de Rodes em 1480. O seu poder foi realmente extraordinário, o que justifica o como que espanto com que se lhe refere Resende. A ed. de 1622 escreve na décima 2.^a, v. 8.^o *Erodes* !

Ests. 4 — 5

O 2.º verso desta estância 4.ª foi miseravelmente deturpado. A ed. de 1622 imprimio á tôa

Tem gram forma

o que deixa o verso sem sentido e errado. A ed. de 1798, da Universidade, não foi mais feliz :

Tẽ gram forma e autoridade

Que admirar, pois, que a moderna ed. de 1902 imprimisse :

Tem gram forma de vaidade

Tudo derivou da má fé e propositada adulteração executada na ed. de 1622 sob os olhos da « S. Inquisição, Ordinario & Paço ». O elogio feito nestas duas estâncias a Mahomet II que, não obstante a sua política tolerante, se manchou com crueldades odiosas, podia passar no que respeitava às suas conquistas e às suas fabulosas riquezas, menos no que Resende declarava

Tẽ grã força, tẽ verdade.

Exemplos maiores desta falta de probidade e respeito devido á memória dum autôr encontrá-los hemos adiante.

Ests. 6 — 7

É de notar-se o elogio a Portugal censurando ao mesmo tempo os outros reinos cristãos. É por culpa dêstes que o sultão da Turquia é tam poderoso.

Eles não têm entre si *paç nem amor*, não têm para ele *mãos* e por isso o deixam medrar. Lembra o nosso Épico naquele passo do Rastelo :

Não tens junto contigo o Ismaelita ?

Em vêz das expedições longinquas, difíceis e perigosas o Velho aponta o inimigo que está às portas. A diferença entre Camões e Resende está em que este isenta Portugal de censuras... porque vive longe da Turquia. Estivesse ele mais perto !

Que ja sendo mais a geito
Tal empresa do que jaz
Elle a tomara a peito
Como em Africa tem feito
E contino em Asia faz.

Est. 8.

Foi o imperador Constantino Magno quem fundou Constantinopla em 330. A cidade perdeu-se em 1453 tendo morrido, combatendo, o seu último imperador, tambem de nome Constantino. A ed. de 1622, e portanto todas as demais, emendaram o 5.º v. imprimindo

Da Cruz que Deus nos salvou
em vêz de
Da cruz que tantos salvou.

Não se percebe bem o intuito da emenda.

Est. 9

O *Tamorlam* — famoso conquistador tártaro (1335-1405) assinalado por numerosas vitórias, que

estenderam o seu domínio por quase toda a Asia-Menor. O seu nome é *Timour-Leng*, isto é, *Timour o Côxo*. Pelas suas crueldades inauditas comprehende-se o terror que difundiria em volta de si e como haveria fundamento para o denominar o « açoute da cristandade ».

Est. 10

Ho gram cã... Deve aludir ao sultão turco Bajazet II que reinou de 1481 a 1512. Empreendeu subjugar os Mamelucos senhores da Síria e do Egipto, assolou o vale do Danúbio, a Carníola, a Stíria, a Caríntia, fez a guerra a Veneza e tomou Modon, Coron, Patras, Lepanto, Durazzo. Foi obrigado a abdicar perante uma revolta comandada por seu filho Selim e sustentada pelos janízaros, acabando por ser envenenado em 1512. O termo *Cã* ou *Cão* é o mesmo que *Khan*, que quer dizer *senhor*, e era o título dos chefes das tribos tártaras.

Est. 11

Os editores de 1622 não compreenderam o princípio desta estância, substituindo o termo *vozes* da ed. príncipe por *vezes*. O sentido não é muito explícito.

Eu interpreto assim :

E vimos por eleição
(como papa) se eleger
por vozes o grão soldão
etc.

Resende registava, como insólita e extraordinária, a eleição do Soldão para o seu alto cargo, não por

sucessão hereditária, como era de costume, mas por *vozes*, por *votos*, como se procedia para a resignação dos Pontífices. *Quantos cristãos se lançaram no Cairo...*

O Cairo estava na posse dos turcos. Os cristãos renegavam a sua fé em troca das honrarias recebidas dos inimigos de suas crenças.

Est. 12

Xeque ismael sophi. — É decerto o que vulgarmente na história se denomina o Shah Ismael I, fundador da dinastia dos *Sofis* da Pérsia, de 1487 a 1525. Conquistou a província de Aderbaïdjan em 1500 e a seguir a Pérsia.

Depois da tomada de Merv (Khorassan) ordenou a matança de todos os Ouzbeks. Atacado pelo sultão Selim I foi derrotado em Tchaldir em 1514, sendo reverenciado pelos muçulmanos como um santo.

Schah, Chah, Shah ou, em bom português, *Xeque* era título que os reis da Pérsia juntavam ao seu nome próprio, como equivalente a imperante.

Est. 13

Toda a estância desapareceu da ed. de 1622 e das subsequentes e a razão é facilmente atingível, — a mesma que já fez adular o 2.º v. da décima 4.ª.

Est. 14

Resende refere-se certamente a D. Afonso V, o Magnânimo (1385-1458), rei de Aragão por morte de seu pai Fernando I em 1416, e de Nápoles em 1442,

tomando o título de rei das Duas-Sicílias, e recebendo a investidura dos Papas Eugénio IV e Nicoláo V. Esclarecido e tolerante, foi o protector das artes e das sciências e o fomentador de larga e benéfica administração nos países, que governou, sendo como prova de reconhecimento intitulado o *Magnânimo*.

Est. 15

Tam grandes feitos fazer
Vimos em França a Põcella
Etc.

A *Põcella*, a *Pucella* — Jeanne d'Arc nascida em Domrémy, nas fronteiras da Champanha e da Lorena em 1412, cujo papel na história de França é inutil relembrar. Símbolo o mais augusto do patriotismo, martir da dedicação á sua causa e á sua fé. Ela representa a grande alma dessa Pátria no que póde haver de mais nobre e glorioso. Foi queimada viva em 30 de maio de 1431. *Põcella* ou *Poncella* (ed. 1622) ou *Pucella* é o termo francês *Pucelle*, s. f., *Fille vierge*, como antonomasticamente foi designada Joana d'Arc. As outras eds. substituíram *creo* do 5.º verso por *cuido*.

Vimos duque de Milão

Resende quer referir-se a Francesco Alessandro Sforza (1401-1466), que foi Príncipe de Milão desde 1450. Lutando à frente dos seus *Condottieri* contra inimigos poderosos soube pouco a pouco subjugá-los, adquirindo acima de todos um prestígio considerável. Teve poder para arredar a prepotência do imperador Frederico III e ganhar a amizade de Luís XI, de França. Acolheu benevolmente nos

seus estados os gregos expulsos de Constantinopla, sendo na realidade, como diz Resende, « *gram Capitão* ».

Est. 16

Vimos seu filho, que herdou
Que foi Duque Galeação

Galeazzo-Maria Sforza (1444-1476) é personagem antipática pelas suas crueldades e devassidões, chegando a sêr acusado de têr feito matar a própria mãe. Morreu, vítima duma conspiração, sob um punhal, na igreja de Santo Estevão.

Est. 17

Ludovico seu irmão

É Ludovico-Maria Sforza, cognominado o *Mouro*, que foi duque de Milão e era o 4.º filho de Francisco Sforza (1451-1510). Subindo à custa de sangue e das maiores violências vio-se, por sua vêz, abandonado de todos tendo de se expatriar para Alemanha. Recuperando o ducado, de novo foi abandonado pelos seus partidários e entregue aos Francêses, sendo preso e encarcerado em Loches às ordens de Luís XII.

Ests. 18 — 19

D. Alvaro de Luna foi condestavel de Espanha, cujo monarca o encheu de força e prestígio nas lutas contra os nobres. Poderoso, sobretudo após a vitória de Olmedo em 1445, acabou por decaír das graças de D. João II, vindo a sêr preso e executado em Valladolid em 1453.

D. Fernando, 3.º duque de Bragança, subio ao cadafalso em Évora em 1483.

Resende pormenoriza a sua morte na *Crónica de D. João II*, cap. XLV.

Est. 20

Mui poderoso e servido
El-rei D. Henrique era

Trata-se de Henrique IV (1425-1474) que, elevado ao trono de Castela pelos escuros meandros da revolta contra seu pai João II, se rodeou de aventureiros favoritos por quem se deixou dominar.

Est. 21

Henrique IV foi deposto pelos nobres, depois das mais condenáveis e vergonhosas peripécias, tendo sido eleito para governar seu irmão Afonso em 1465.

Ests. 22 — 23

O D. Fernando de quem se ocupa esta e a estância imediata é *Fernando V*, o *Católico*, rei de Castela e Aragão, e também de Sícia e Nápoles, casado com *D. Isabel*, irmã de Henrique IV, rei de Castela. Esta união, causando a união política espanhola foi a causa do seu engrandecimento, coroado pela conquista de Granada, último baluarte do poder muçulmano, realizada em 2 de janeiro de 1492.

Resende singulariza na estância 23 o facto da expulsão dos Judeus, que se deu em 1492, e a dos Mouros em 1499-1502, que privaram a Espanha duma colaboração preciosa.

Est. 24

E vimos a poderosa
Rainha D. Isabel

Naturalmente o elogio do rei Fernando chamava o de sua Esposa, D. Isabel (1450-1504), figura superior de mulher, que desempenhou notavel papel em todas as grandes reformas politicas do seu reinado, sendo ela quem principalmente concorreu para a gloriosa emprêsa da descoberta do Novo Mundo levada a cabo por Cristovão Colombo.

Est. 25

El-rei Luys. Trata-se de *Luis XI*, o célebre filho de Carlos VII e de Maria de Anjou (1423-1483), altivo, prepotente, orgulhoso, cujo reinado foi profundamente perturbado pelas suas lutas com Carlos, o *Temerário*, e outros famosos senhores feudais. O poeta contrapõe-lhe na duração da vida e nas qualidades seu filho Carlos VIII, o *Afavel*, (1470-1498), que morreu subitamente em Amboise, precedendo-o na morte os três filhos que tinha tido de Carlota de Saboia.

Est. 26

Elrei D. Afonso andou

D. Afonso V empreendeu a sua primeira viagem à Africa em setembro de 1459 e saindo de Setubal com uma armada de 220 vélas acompanhado de seu irmão o infante D. Fernando e da maior e melhor parte da nobreza tomou, depois de porfiados com-

bates, a praça de Alcaçer-Ceguer, onde ficou como governador D. Duarte de Meneses. Em 1463 embarcou de novo para a conquista de Tanger, em que não foi feliz. A tomada de Arzila e Tanger foi em 1471. Dous anos depois, em 1473, dirige-se a Castela com vinte mil homens e depois da batalha de *Toro* (maio de 1476) resolve-se a embarcar para França julgando atrair à sua política o astuto Luís XI.

Na cota marginal Resende menciona a visita do monarca português ao santuário célebre de *Santa Maria de Guadalupe* na diocese de Toledo. [Veja-se a nossa ed. da *Cronica do Condestabre de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira*, Coimbra, 1911, pg. 219].

Depois dum reinado de quarenta e tres anos cortado dos mais interessantes episódios, o *Africano* veio a falecer com quarenta e nove anos de idade [1432-1481] precisamente no mesmo quarto do paço de Sintra, onde tinha visto a luz.

Est. 27

Sobe ao trono D. João II, a quem Resende tece os maiores elogios, como seria de prevêr e era de justiça. É a êste monarca que êle dedicará todo o carinho na *Cronica*, que lhe consagrou. Aqui só toca dois ou três pontos — e em primeiro logar a conspiração dos nobres, donde resultou a morte no cadafalso do Duque de Bragança em Evora em 31 de junho de 1483, e a do Duque de Viseu em 23 de agosto de 1484 sob o punhal do próprio rei.

Est. 28

É um facto inegavel que D. João II procurou fazer verdadeira e proficua administração, não olhando a privilégios de ninguem, mas só aos seus mereci-

mentos. Os exemplos da sua justiça, talvez cruel, mas sempre, por ventura, necessária e imposta pelas circunstâncias de ocasião, são conhecidos de mais para precisarem de ser lembrados aqui. Sobre este tal « *Livro* », diz Resende na sua *Cronica* [*Prefácio*, pg. xix] que era escrito por sua mão dele D. João 2.º « que algum nunca o soube senão depois de sua morte, no qual tinha feito todos os homens a que mais obrigado era, cada hum em sua cantidade, em capitulos, que diziam : Fôão me tem feito taes serviços, lembrarmeá quando cousa vagar, que nelle caiba de o prover... este livro tenho eu em meu poder. E assi tinha outro livro em segredo, em que tinha escrito todos os homens actos para delles se servir nas cousas pera que eram, cada hum em seus titulos, huns pera Capitães de cousas grandes, outros de outras somenos... »

Ests. 29 — 33

Seguem as alusões às deslumbrantes festas realizadas por ocasião do casamento do Príncipe D. Afonso com D. Isabel, filha e herdeira dos reis de Espanha.

Leiam-se os caps. cxvii e segs. da *Crónica*, até o cap. cxxxii, onde se narra o epílogo trágico da morte do Infante, numa 3.ª-f., 13 de julho de 1491.

Ests. 34 — 35

A Princesa D. Isabel regressara no meio do luto e da viuvês, inconsolavel, a Espanha, trocando os *brocados* de preciosas sedas pelo pobre *saial* de dó. Confessara mesmo que se faria religiosa para chorar no silêncio a sua mágoa sem termo. Mas lá a foi acordar a esse torpor a política prestigiosa do rei D. Manoel, a que ela acedeu, todos sabemos com que

condições! [Vide o nosso trabalho — *Os Judeus em Portugal*, Coimbra, 1895, pg. 284 e segs.]

Est. 36

Vimos Portugal, Castela
Quatro vezes adjuntados

Com efeito : 1) D. Afonso V casa em segundas núpcias com D. Joana em 27 de maio de 1475 na cidade de Placencia. D. Joana era herdeira dos reinos de Castela e Lião por morte de seu pai D. Henrique IV. Sam do domínio da história as particularidades dêste enlace, que se não consumou, vindo D. Joana a recolher-se no Convento de Santa Clara de Santarem com o simples título de *Excellente Senhora*. 2) O Príncipe D. Afonso casou com D. Isabel, a filha e herdeira dos reis de Espanha, como dissemos a propósito das estâncias 29 — 33. 3) Foi com esta Princesa viuva que se efectuou o casamento de D. Manoel em Valença de Alcântara em outubro de 1497. O nascimento do Principe D. Miguel, fruto desta união, custou a vida à rainha, sua mãe. 4) D. Manoel casou pela segunda vês com princesa espanhola, — D. Maria, em 1500. Era esta infanta a terceira filha dos reis católicos. Diz Resende :

Principe natural dela
todos vimos
em breve tempo morrer

Foi o Principe D. Miguel, acima nomeado, que faleceo com 22 mêses de idade. A conclusão que dêstes factos deduz o Poeta é a seguinte :

Portugueses, Castelhanos
Não os quer Deos juntos vêr.

Pois a edição de 1622 e, portanto, todas as demais escreveram precisamente o contrário, sem notar o absurdo que resultava daí :

Portugueses, Castelhanos
Já os quer Deos juntos vêr !

Est. 37

Resende fala duma maneira geral, sem atender precisamente ao rigor cronológico. Na cota marginal escreveu « No ano de 1536 nem o Papa... », etc. Ora o Pontífice reinante ao tempo era Paulo III (anos do Pontificado 1534-1549; nasc. 1466) em quem se não verifica a exactidão. Seria por isso que os editores de 1622 imprimiram em vêz de « Papa » — « *Duques* » ?

Est. 38

Alusão ao Imperador Maximiliano I filho de Frederico III de Austria, que governou de 1493 a 1519. Tutor de seu filho Felipe, o Belo, teve de reprimir constantes revoltas dos Flamengos, a mais séria das quais foi a de Bruges em 1488 em que ele chegou a sêr prisioneiro, conseguindo a sua libertação sómente à aproximação dos exércitos de seu pai.

Ests. 39 — 40

A conquista de Granada realizou-se ao fim dum ano de cêrco em 2 de janeiro de 1492. Sabe-se que a Rainha Isabel foi, de facto, a alma da luta tenacíssima e porfiada contra os Mouros. Os elogios de Resende nesse particular não podem ser acoimados de descabidos.

Est. 41

D. Alvaro de Portugal viveu, com efeito, junto dos reis católicos cercado das maiores honras e dignidades. O seu feito lembrou a Resende o caso de Caio Múcio Scévola, célebre patriota romano [por 507 A. C.], que tendo resolvido matar o principal inimigo da sua pátria saiu de Roma e passou ao campo Etrusco, onde ferio o secretário em vêz do rei Porsena.

Est. 42

Entre as acções cavalheirescas dos mouros Resende cita a praticada em Coin, cidade a 37 quil. a S. O. de Málaga. Tais façanhas não eram invulgares.

Est. 43

O rei Duarte de Inglaterra é o 4.º na ordem dos monarcas dêsse nome e reinou de 1461 a 1483. O seu govêrno foi perturbado pela guerra das *Duas Rosas*, em que os respectivos partidários praticaram as maiores atrocidades para obter o triunfo da sua causa.

Est. 44

O Papa Alexandre VI (Rodrigo Bórgia) nascido perto de Valença, em Espanha, sobrinho de Calisto III, primeiramente advogado, depois soldado, teve de Rosa Venozza cinco filhos. Em 1456 foi viver junto de seu tio em Roma, sendo mais

tarde nomeado arcebispo de Valença, cardeal e vice-chanceler da Igreja. Com a morte de Inocencio VIII em 1492 conseguiu fazer-se eleger Papa. Os actos do seu pontificado escandalizaram a consciencia católica.

Est. 45

Os reis de Escocia e Ungria

De Escócia pode sêr o rei Jacques II, (n. 1430, rei 1437, m. 1460) que morreu no cêrco de Roxburgh dos destroços dum canhão, que explodiu. Seu filho Jacques III (n. 1453, rei 1460, m. 1488) em seguida à batalha de Bannockburn, fugio sendo apunhalado por um desconhecido no local onde procurara guarida. Resende poderia tambem aludir a Jacques IV, filho do precedente (n. 1473, rei 1488, m. 1513), que tambêm foi vencido e morto na batalha de Flodden.

Da Hungria — podia ter em mente Ladisláo V, que reinou depois de 1440 e foi vencido e morto na batalha de Varna a 11 de novembro de 1444.

O *Duque Charles* é Carlos, o Temerário, Duque de Borgonha, que morreu em frente de Nancy em 5 de janeiro de 1477, « *de quem França medo havia* », diz Resende e com razão, pois sabe-se bem o que a sua destemida coragem, a sua ambição insaciavel, e tambêm a sua crueldade espalharam de terror à volta do seu nome.

Napoles tam triumphante

etc.

Duas vezes no sec. xv Napoles, então capital do reino do seu nome, caíu sob o poder dos Franceses, no tempo de Carlos VIII em 1495 e no de Luís XII em 1500.

Est. 46

De facto o Príncipe *D. Afonso*, filho de D. João II e D. Isabel faleceu junto a Santarem nas circunstâncias trágicas que se sabe em 1491. O outro Príncipe do mesmo nome, filho de D. João III e da rainha D. Catarina nasceu em 1526 e morreu de poucos anos, não havendo, em verdade, ao tempo, novas garantias de sucessão ao trono.

Est. 47

Sim. Para D. Manoel poder sêr rei foi preciso que desaparecessem todos os herdeiros directos. O *Venturoso* era primo de D. João II.

Teve por devisa esfera

A *esfera* era, de facto, a emprêsa de D. Manoel. Resende gostou do trocadilho, que o duplo emprego igual dos termos *esfera* e *espera* naturalmente sugeria.

Esperou e foi *àvante*. Na cota apontou os príncipes, *que todos houveram* (= haveriam) *antes dele, de reinar*.

Est. 48

Em 1498, na cidade de Toledo foram jurados Príncipes herdeiros de Castela el-rei D. Manoel e a rainha D. Isabel sua molher (28 abril). Há decerto equívoco na cota à margem, que fixa o ano de 1493. *Dat a pouco*, a 10 de julho de 1499 chegava a Lisboa a nova da descoberta do caminho marítimo para a Índia, e a 29 do mesmo mês Vasco da Gama entrava no porto do Tejo.

Est. 49

O pensamento da construção da torre de Belem foi de D. João II, tendo sido o próprio Resende quem fez o desenho (*Crónica*, cap. CLXXX), mas foi D. Manoel quem executou essa idéa, sob novos planos. [Vide Damião de Goes, *Cron. de D. Manoel*, 1.ª p., cap. 53].

Ests. 50 — 61

Já aludimos na est. 48 ao facto do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Esta e as estâncias seguintes documentam o assombro dos contemporâneos perante as notícias que iam chegando todos os dias dos novos mundos descobertos. Resende passa a descrever alguns dos factos que *bem sabia*, começando por citar a antropofagia dos habitantes da Guiné e Manicongo (= Muni-Congo) e as distinções de dignidades e poder por alguns processos pintorescos, o que, aliás, nada tem de extraordinário, de « *cousa estranha* ». Menciona na est. 56 os estranhos costumes dos povos de *Beni*, país da Guiné setentrional, na margem direita do Baixo-Niger.

Fala da escravidão (58), da multidão de escravos que todos os anos vêm para Portugal (59), da fauna e flora da região (60), etc.

53

O Congo ou Manicongo, como escrevem os antigos cronistas, foi descoberto em 1485 por Diogo Cão quando pela segunda vêz foi por capitão duma frota à costa da Guiné. D. Manoel para cativar o mo-

marca desse país mandou-lhe um escudo de armas com mais outros vinte para a nobreza principal. Cfr. Damião de Goes, *Cron. de D. Manoel*, 3.^a p., cap. 38. Cunha Rivara, *Panorama*, iv, 109, deu o teor do mesmo decreto de fôrma um pouco diferente. É curioso como o rei do Congo, usando a princípio desse título apenas e de « senhor dos Ambudos », ao depois, certamente por espírito de imitação com o monarca português fazia-se intitular « D. V. por divina graça augmentador da conversão da fé de Jesus Cristo, defensor della nestas partes de Ethiopia, rei do antiquissimo reino do Congo, Angola, Matamba, Veangá, Cundi, Lulha e Sonso, Senhor dos Ambudos e dos Matambulos e de outros muitos reinos e senhorios a elles comarcãos daquem e dalem e do mui espantossissimo rio Zaire... etc. ». Rivara, *Ibidem*.

A antropofagia era costume inveterado em muito largas regiões de Africa. Falando dos habitantes das Célebes diz Duarte Barbosa : « estas gentes comem carne humana e se el-rei de Moluco tem alguma pessoa que queira fazer morrer por justiça, pedem-lha em graça para comer como se comeria um porco ». Pg. 380, do vol. II das *Noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, Lisboa, 1813.

Est. 58

Falando da venda de escravos notava um velho marinheiro portuguez : « vem aqui [ao reino do Congo] infinitas caravanas de negros, que trazem ouro, e escravos para vender, em parte dos que eles aprizionão na guerra, e em parte dos proprios filhos que os pais e mãis conduzem para o mesmo fim, parecendo-lhes que fazem o maior beneficio do mundo, em os mandar por este meio, habitar noutros paizes mais abundantes ; todos elles võem nus,

como nascerão, tanto macho como femeas, do mesmo modo que se fosse hu rebanho de gado : recebem por resgate contas de vidro de diversas cores, e varias quinquilharias de cobre ou latão, panos de algodão de diferentes cores e . . . levão depois os escravos à ilha de S. Thiago, aonde de continuo chegão navios com mercadorias de diversos paizes e provincias, principalmente da Índia descoberta pelos Hespanhois, os quais recebem algumas mercadorias em troca, e querem sempre ter tantos machos, como femeas. . . ».

Cfr. *Navegação de Lisboa à ilha de S. Thomé escrita por hum Piloto português*, pg. 88, no vol. II das *Noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, já cit.

O número de escravos que entrava cada ano em Portugal era consideravel. Não falando nos que vinham da Mauritânia, Índia e Brasil, só da Negrícia eram exportados 22 000 negros ! [Damião de Goes, cit. em F. Denis, *Portugal*, 219]. Clenardo pasmava da grande abundância de escravos que encontrou por todo o país. Parece que sam mais que as pessoas livres ! escrevia o célebre flamengo.

Est. 60

Entre os diversos animais cita-se o *Gato de Algália* ou civeta, pertencente à fauna das costas africanas, cujo perfume algália ou pivête adquiriu fama na Europa.

Est. 62

Começando a tratar da Índia a primeira cousa que Resende nota é a separação das castas. [Compare-se com o que diz Camões, *Lus.*, VII, 38-39 e o P. João de Lucena na *Vida de P. Francisco Xavier*,

liv. II, cap. XI, ed. 1600]. Seguem-se depois referências aos produtos, riquezas, indústrias, etc. Não podia esquecer uma referência aos elefantes, que enchiam de pasmo os europeus pela sua fina inteligência. E a ingenuidade de Resende quando escreve (est. 71) àcerca dêles :

.....
 E mui certo se provou
 Que hum elefante fallou
 Em Cochim palavras certas
 Claras, altas, descubertas
 Do qual se cá fé mandou.

Com igual credulidade escreve Goes : « ...o Elephante antre totalas alimarias he o que mais juizo natural tem... Dos Elephantes se escreve que se viram alguns que sabião ler as letras gregas, & escrever, o que meu não podera persuadir senão soubesse por cousa mui certa, que estando Diogo Pereira homem nobre, & Diogo de fé na corte delRei de Narsinga, na cidade de Bisanaga, que mandara elRei trazer ao terreiro dos seus paços hum Elephante, & que perante elle escrevera no chão com a ponta da tromba letras, que se podiam ler, que acabado lhe mandou o que o regia que dicesse o que comera, ao que respondeo em voz clara, que se entendeo de todos, que comera arroz & Bethel... ». (Vide *Cron. de D. Manoel*, 4.^a p., cap. XVIII).

Com tais predicados como não faria o perspicaz animal parte muito destinta do presente que D. Manoel enviou a Roma ao Papa Lião X pelo seu embaixador Tristão da Cunha, e no qual precisamente figurava como secretário o nosso Garcia de Resende ! (Goes, *Cron.*, cit., 3.^a p., cap. 55). D. João de Castro tambem se refere à intelligência dêsses animais : « todo aquillo que aquelles que em cima andam lhes mandam o fazem tam comprida-

mente como se fosse criatura racional ». *Roteiro de Viagem*, pg. 113.

O que foi para Roma de presente a Lião X até chorou ao deixar Lisboa! Cfr. Goes, *Cron.*, mesmo cap., pg. 429.

Est. 63

Menciona Resende diferentes produtos indianos notáveis no comércio pelas suas propriedades. Além dos muito conhecidos aparecem mencionados o *tincal* de que se fazia grande comércio, o *lenhe loes* ou seja *lenho aloes*, a *águila*, a *cássia*, etc., espécies que com outras vêm citadas no *Livro de Duarte Barbosa*, já cit., pg. 392 sob a rubrica « *Dragoarias e preços que elas valem em Calicut, e no Paiz do Malabar* ».

Est. 64

Entre as pedras preciosas cita Resende *espinellas*, sobre as quais se lê em Duarte Barbosa: « há outra espécie de Rubis, a que nós chamamos *Espinelas* e os Índios Carapuch, que nascem do mesmo modo que os Rubis finos em o Reino do Pegu e se achão nos montes, à flor da terra. Estes não são tão finos, nem de tão boa côr, antes se assemelhão às granadas: os que são perfeitos e limpos valem ametade menos que os Rubis. (Cfr. *Livro de Duarte Barbosa*, no vol. III da *Collecção de noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, já cit.).

Est. 65

Entre os diferentes tecidos Resende cita os *sina-bafos*, que passavam entre os naturais de Bengala, como os melhores e mais finos e que êles mais apre-

ciavam para camisas. (Cfr. *Livro*, de Duarte Barbosa, pg. 362 das *Noticias*, já cit.).

Ests. 77 — 85

Relativamente aos sacrifícios humanos destes povos sabe-se como êles representavam um facto imposto pela superstição. E não era só na Índia. Quando se descobriu a América encontraram-se lá costumes análogos. O sacrifício das viúvas, de que falam as estâncias 83 — 84, era um uso típico, cuja descrição podemos lêr em Bernardes, *Nova Floresta*, I, pg. 133 no estilo colorido do célebre oratoriano.

Est. 87

Com efeito escreve Duarte Barbosa: «...como algũa he de idade de doze até quatorze anos pera poder chegar homem ha ela, mandaom chamar fóra do reyno aigũu mancebo de linhagem de fidalgos, que laa ha assinados pera isso, mandando lhe dinheiro e dadivas pera que venha haver de virgindade aquela moça; ele vindo fazem lhe muyta honra, festa, e cerimonias, como se houvesse de casar; entam ele lhe ata ha no pescoço hũa joia douro pequena, que ela tras toda sua vida em sinal de lhe haverem feito aquela cerimonia, pera daly por diante poder fazer ho que quizer de sy... ela daly por diante toma qualquer Bramem que quer, e toma quantos quer...». (No *Livro*, pg. 312, das *Noticias*, vol. 2.º, já cit.).

Est. 88

Sôbre o uso dos cascaveis, a que tambem alude o Epico, *Lus.*, x, 122, leia-se esta curiosíssima passa-

gem de Duarte Barbosa, que descrevendo os costumes do Pegu, afirma que os homens « saom muy legeriosos (luxoriosos?) trazem suas naturas nhũs cascaveis redondos, cerados, e muy grandes, cosidos e soldados por dentro antre ho couro e carne, por fazerem grande soma, e trazem muitos destes até sinco, deles saom douro, outros de prata, ou metal segundo hos que hos trazem, e quando andaom fazem grande som, ho que haom por grande honra, gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais; has mulheres folgaom tanto com iso que nom querem homeins que hos nom tenhaom, e nom digo mais deste costume pela desonestidade ». (Pg. 366 das *Noticias*, já cit.).

Est. 90

É rigorosamente exacto o nosso Cronista. Escreve Duarte Barbosa: « aquy nesta tera costumaom de cozer has naturas hás filhas quando nascem, da qual maneira andaom sempre até que casaom e has entregaom ha seus maridos, entam lhe tornaom ha cortar aquela carne, que esta soldada como se asy nascera. Isto vi eu por experiencia, porque me achey na tomada de Zeila de que já atrás fiz mençaoom; honde tomamos muytas crianças femeas que achámos asy. (*Livro*, pg. 244, nas *Noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, já cit.).

Est. 92

Rejaos — rajás, radjahs, rajahs — título dos príncipes que governavam certas regiões do Indostão e que, antes da conquista da Índia pelos Mongóis, eram independentes, sendo hoje tributarios da Inglaterra.

Ests. 94 — 95

Leia-se esta passagem de Goes : «...don Garcia de Noronha seu sobrinho [de Afonso de Albuquerque] lhe pedio licença pera se vir pera o regno, que lhe deu, & embarçam em huma nao, na qual lhe mandou que levasse quinze Reis cegos com suas molheres, filhos e criados que estavam em Ormuz, pera os em Goa entregar ao Capitam, a que screveo que os tivesse a bom recado, & lhes desse tudo o que lhes fosse necessario, o que fez por nam ficar da casta destes Reis senam o que regnava então, por não recrecerem no regno algumas revoltas, & alevantamentos, porque estes todos eram herdeiros, & seus filhos delles, os quaes os tirannos, que governavam já de muito tempo atraz aquelle regno, tinham por costume, para mais a sua vontade tirannizarem tudo elegerem muitos moços, & como estes regnavam cinco, seis meses, ou um anno ao mais os cegavam, pondo-os todos em boa guarda por lhos não furtarem, & assi cegos lhes davam tudo o que lhes era necessario, da renda do regno ». (*Chron.*, cit., 3.^a p., cap. 8o).

Est. 101

« Estes Nayres vivem sobre sy, fora de povoaçam, apartados de outras gentes... , nom se tocaom com nenhũa outra gente, nem comem senam com Nayres, nom bebem vinho, nom dormem com mulheres baixas, tudo isto sob pena de morte; quando vaom por caminho ou rua, vaom bradando ha hos vilãos que se afastem de per honde haom de passar; e nom querendo fazer, ho Nayre ho pode matar sem pena... ». (Duarte Barbosa, *Livro nas Noticias*, já cit., pg. 329).

Est. 102

« Has mulheres Nayres de sua linhagem, saom muy isentas, e fazem de sy ho que querem com Bramenes e Nayres, porem nom dormem com homem mais baixo que sua casta sob pena de morte ». (*Livro de Duarte Barbosa*, pg. 326).

Est. 104

« Nesta tera do Malabar ha outra ley de gente que chamaom Nayres, e antre eles saom fidalgos, nem tem outro officio senam servirem na guerra, e continuadamente per honde quer que andaom trazem suas armas, e saom espadas e adargas, e outros com arquos e frechas, e outros com lanças; vivem todos com Elrey, e com outros grandes Senhores, porem todos tem assentamento delRey ». (*Livro de Duarte Barbosa*, pg. 325).

Est. 109

« Quando algũu more, hos parentes ou amigos do morto ho comem asado desta maneira; fazem hũa grande fogueira em hũu tereiro, sobre ha qual armaom tres paos em que, ha maneira de forca, e do meo deles penduraom hũa cadea com dous guanchos de fero, dos quaes penduraom pelas curvas ho corpo morto, honde ho estaom asando seus filhos e parentes, fazendo grande pranto, e despois de bem asado, com muytos vasos e taças de vinho, começaom ha cortar e comer, bebendo e pranteando; e ho mais chegado parente ho começa primeiro ha ençetar, e aly ho acabaom de comer, e nom ficaom senam hos osos, que acabam de que

mar e fazer em cinza...». (Duarte Barbosa, *Livro*, pg. 370 no 2.º vol. das *Noticias*, já cit.).

Ests. 109 — 119

A 27 de nov. de 1518 chegou Duarte Coelho de Albuquerque a Sião, onde arvorou um padrão com as armas reais de Portugal. *Amboino* (est. 111) é uma ilha do arquipélago das Molucas. *Célebes* (est. 112) é uma ilha da Malásia, descoberta pelos portugueses em 1525.

Dêstes e doutros logares dá Resende notícia do que mais o impressionava e de que tinha conhecimento, deixando de contar muitas outras cousas « para não enfadar » (est. 121).

Est. 111

A antropofagia existia em diversas regiões, não havendo exagero no que escreve Resende. Falando de Camatra [*Livro*, pg. 375 do vol. 2.º das *Noticias*, cit.] diz Duarte Barbosa: « Ha nesta ilha outro regno de Gentios... que comem carne humana, e qualquer pessoa estrangeira que podem haver, comem sem nenhũa piedade... » (Cfr. atrás o comentário às ests. 53 e 109).

Est. 113

Lá o diz igualmente Duarte Barbosa: « ha nesta tera hũas arvores ha cuja rais chamaom Braechagua e he tam peçonhenta que ha toda cousa que ha come mata; ha fruyta desta propia arvore ha que chamaom Miralexty tem tal virtude que mata toda peçonha, e ha qualquer homem apeçonhentado que

ha come, daa vida, ainda que coma ha propria raís ou outra qualquer forte peçonha ». (Cfr. *Livro*, pg. 308 no vol. 2.º das *Noticias*, etc., cit.).

Est. 122

Ficou-nos o hábito de *tratar*, isto é, de commerciar, do nosso contacto com a Índia. Pegou-se-nos o que antes se reputava *baixesa* e que havia de vir a dar nos condenáveis abusos, a que se refere outro poeta, o Sá de Miranda, na Egloga ao Senhor de Basto :

Como eu vi correr pardãos
Por Cabeceiras de Basto
Etc.

Est. 123

Trata-se de D. Filipe, arquiduque de Austria, cognominado o *Belo*, filho do imperador Maximiliano e de Maria de Borgonha, casado com a segunda filha de Fernando e Isabel, os *reis Católicos*, a infanta D. Joana, e por isso proclamado herdeiro do trono de Espanha. D. João Manoel, embaixador de Castela junto da cõrte de Maximiliano, adquirio sobre o fraco Felipe um funesto ascendente, podendo dizer-se que a ele se deviam todas as intrigas políticas que se desenrolaram à volta de Felipe.

Est. 124

O rei de Inglaterra deve sêr Henrique VII primeiramente conhecido por Conde de Richemont (n. 1458, rei 1485, m. 1509) que teve de se refugiar

na Bretanha por causa da guerra das *Duas Rosas*. O rei de Escócia era nessa época Jacques IV (n. 1473, rei 1488, m. 1513) vencido e morto na batalha de Flodden.

Est. 125

Esta estância é alusiva a Ricardo, duque de York, iniciador da guerra civil conhecida na história de Inglaterra pelo nome de « *das duas Rosas* ». Foi morto em 1460, em Warwick. Como se sabe, os respectivos partidos traziam nos seus escudos uns uma *rosa branca*, os da casa de Yorck, outros uma *encarnada*, os da casa de Lancastre.

O *Visagudo* de que fala a cota marginal foi Pero Vaz da Cunha, que matou às punhaladas o rei de Jelofo, Behomi, quando por D. João II fôra encarregado de o conduzir aos seus estados e aí o manter, caso que Resende miudamente descreve na *Cron.*, cap. 78.

Ests. 126 — 134

Resende espanta-se de tanta luta sanguinária entre Príncipes que se professavam cristãos, deixando viver na paz e ociosidade os inimigos da fé. Por seu lado escrevia o Épico :

Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tam longe

.....

IV, 101.

Est. 135

Esta estância falta na ed. de 1622 e, claro está, em todas as posteriores, que sam suas cópias servis.

Resende alude aos Papas Xisto IV (Francesco Della Rovera) [n. 1414, P. 1471-1484] e Julio II (Julien Della Rovera) [n. 1441, P. 1503-1513], tio e sobrinho, tendo sido aquele quem começou a grandeza da família. Xisto IV era filho dum pobre pescador da Savona, mas tomou o nome e as armas dos Rovera, de Turim. Apesar do elogio que o autôr faz ao Pontífice Júlio e merecido, porque o seu nome ficou vinculado às artes e letras da sua época, tendo ao redor dêle trabalhado Bramante, Miguel Angelo e Rafael, a estância foi suprimida na ed. de 1622 por causa da referencia à humildade do berço da família Rovera.

Est. 136

Não escapando à censura a estância 135 muito menos escaparia, sob o mesmo critério, é claro, esta que se não encontra senão na edição príncipe. Resende alude a um período calamitoso para a Igreja, em que a eleição e escolha dos Pontífices esteve por vêzes à mercê dos diversos partidos políticos, que retalhavam a Europa e nomeadamente a Itália. Em curto prazo ascenderam ao sólio pontifício depois de Alexandre VI (1492-1503), Pio III (1503), cujo governo durou apenas 27 dias, Júlio III (1503-1513) e Adriano VI (1522-1523).

Est. 137

O grande elogio ao Papa Júlio II considerado no ponto de vista político e nacional — como Príncipe e como italiano — é merecido. A construção de S. Pedro sob os magníficos desenhos de Bramante

foi iniciada em 18 de abril de 1506. Outras reformas materiais criaram-lhe nome imorredouro.

Est. 138

Chipre era reino desde os fins do sec. XII e foi-o até 1489 estando em poder da família de Lusignan, que deu ao governo sucessivamente dezoito príncipes. Pelos fins do sec. XV os Venezianos apossaram-se da ilha que conservaram até 1571.

Pela época a que se refere Resende estava Chipre governada por Jacques II de Lusignan (1464-1473) que morreu assassinado em 5 de junho de 1473. Sucedeu-lhe seu filho Jacques III, que morreu na idade de dous anos (1475). Foi em 1489 que Veneza tomou posse da ilha, tratando desde então de a aproveitar em seu serviço. Cfr. um art. interessante no *Panorama*, I, 193.

Est. 139

Pedro de Medicis, filho de Cosme, governava em Florença, quando o gonfaloneiro Nicolao Soderini suscitou uma revolta em 1465, que foi bem depressa reprimida, só servindo para firmar o prestígio dos Medicis. Quando morreu Pedro, formou-se nova conspiração contra seus filhos Lourenço e Juliano, sendo este morto na igreja catedral. Depois de várias lutas e com o apoio de Luis X, começou a governar Lourenço de Medicis, que os contemporâneos denominaram o *Magnífico*.

Esta estância e a imediata desapareceram na ed. de 1622, sendo agora publicadas pela segunda vês. É um quadro abreviado das desordens e escândalos da Italia política e religiosa daquela época.

Est. 141

Leia-se para intelligência desta estância o cap. 155 da *Cronica de D. João II* do mesmo Resende, que principia: « No anno de mil e quatrocentos e noventa e dous estando el Rey na cidade de Lisboa lhe veio recado como el Rey de Manicongo, muito grande Rey e senhor em Guiné e muito alem da Mina, era feito christão e de como se fez e seu reino e terra se descubrio, foi na maneira seguinte : . . . »

Est. 142

Da forma como D. Manoel se houve na expulsão dos Judeus e das peripécias que por êsse facto ocorreram póde vêr-se o nosso trabalho *Os Judeus em Portugal*, Coimbra, 1895, especialmente o cap. VI.

Est. 142

A expulsão dos Judeus de Espanha no tempo dos *Reis Católicos* deu origem pouco mais ou menos aos mesmos episódios. Veja-se a obra cit. na estância anterior.

Est. 144

Com effeito, os Judeus prosperavam sob a tolerância com que desde o principio do reino haviam sido recebidos. Embora vivendo em bairros separados exerciam o seu culto e celebravam as suas festas sem incomodarem ninguem, nem ninguem os incomodar. Dai o regosijo que imprimiam com as suas cerimoniaes típicas quando saíam das judiarias e

vinham expandir-se cá fóra, associando-se às festas dos cristãos, por motivo de solemnidades reais. Então, diz o Cronista :

Festa de mouros avia
Tam bem feita se fazia
Que non podia ser mais.

Est. 145

Descrevemos o que foram essas scenas de verdadeira barbárie no cap. vi do vol. *Os Judeus em Portugal*, já cit. Em tres dias o número das vítimas subio a quatro mil ou mais !

Ests. 146 — 147

D. Manoel não estava na capital. Recebeu a notícia em Áviz « de que foi muito triste e anojado », diz Damião de Gois. Tendo seguido para Setubal, foi dêste logar que procurou fazer justiça contra os excessos cometidos. (Cfr. *Os Judeus em Portugal*, pg. 313 e segs.

Est. 148

Hum frade pobre abaixado... Refere-se a Ximenes de Cisneros (1436-1517), que era filho dum cobrador de dizimas e se fez monge franciscano. Aceitou o arcebispado de Toledo em 1485. Foi conselheiro íntimo da rainha Izabel, tendo tomado parte em todas as medidas políticas que assinalaram o governo dos Reis Católicos. É a êle que se deve a idéa de ir combater os infieis até em Africa, tendo ido êle próprio numa expedição assinalada pela

tomada de Mers-el-Kebir. Numa segunda expedição feita à sua custa, apoderou-se de Oran em 1509.

A ed. de 1622 substituiu o termo *abaixado* do 1.º verso por *humilhado*. Porque ?

Est. 149

Referência realmente exacta ao grande número de casas nobres e poderosas que se constituíram em Espanha sob o governo dos Reis Católicos.

Est. 150

D. Henrique de Vilhena, Marquês de Vilhena, filho do rei de Aragão, Fernando 1.º, grão-mestre de Calatrava, (1384-1456) tradutor da *Eneida*, da *Divina Comédia* e autor do poema *Trabalhos de Hercules*. Acusado de feitiçaria, as suas obras foram queimadas, não restando senão uma espécie de poética — a *Gaya Sciencia*.

João de Mena (1411-1456), celebrado poeta da côrte de Castela, com quem teve correspondência literária o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. O « primor » do Marquês de Santillana (1398-1458), o afamado autor do *Prohemio*, cuja descendência é cit. na cota marginal.

Ests. 151 — 152

Juan-Fernandes Pacheco, Marquês de Vilhena, favorito do rei de Castela Henrique IV, foi Grão-Mestre da Ordem de Santiago e exforçou-se por sustentar a causa de Joana, a Louca, que a princípio tinha declarado ilegítima contra Isabel, irmã de Henrique IV.

Ests. 153 — 154

Rodrigo Manrique, o pai de Jorge Manrique, não podia sêr esquecido nesta enumeração. É um dos contemporâneos mais ilustres e duplamente, pela sua valentia e pelo renome que adquirio com as « *Coplas* », que à sua memória dedicou o filho, coplas que o mesmo Resende sabia de côr como o Padre-Nosso. (Cfr. a sua *Cronica de D. João II*, cap. 201).

Est. 157

O « gram Capitão » é Gonçálvez de Córdova, duque da Terra-Nova, príncipe de Venòssa, por antonomásia, como o designa Resende — *Grande Capitão* (1443-1515), de cujas façanhas a história de Espanha da sua época está cheia. Foi nomeado por Fernando o Católico, « Condestavel » do reino, mas historiadores há que afirmam ter êle succumbido mais de tristeza, que de velhice, quando vio que havia perdido a confiança do Monarca.

Ests. 158 — 159

Álêm do Bispo de Viseu que era D. Gonçalo de Figueiredo e do da Guarda, a cota marginal cita os titulares de grande valimento na côrte da época — o 1.º Marquês de Alvito, titular no sec. xv único da sua hierarquia; o *Conde-Prior*. — D. João de Menezes, Conde de Tarouca, Capitão de Arzila e Tanger, governador da casa do Príncipe D. Afonso, mordomór de D. João 2.º e D. Manoel, alferes-mór do reino; o 1.º Barão de Alvito, foi escrivão da puridade, chanceler-mór e védor da fazenda do Príncipe D. João

chamava-se João Fernandes da Silveira; enfim o 1.º Conde de Monsanto, que veio a morrer na tomada de Arzila em 1471. A todos êles se refere o sr. Braacamp Freire em diferentes logares da sua obra *Critica e Historia*, Lisboa, 1910.

Ests. 160 — 161

Em 3 de setembro de 1513 entrou vitorioso o Duque de Bragança D. Jaime na cidade de Azamor, que na noute precedente havia sido abandonada dos seus habitantes. O Duque consagrou a mezquita com a invocação do Espírito-Santo e mandou arvorear grande número de bandeiras nos muros. Logo se seguiram as conquistas das cidades Tite e Almedina, o que tudo velozmente se tornou conhecido na Europa, com grande aplauso para os Portuguezes e seu monarca D. Manoel, singularizando-se o Pontífice Lião X pelos festejos que mandou celebrar em Roma.

Est. 162

D. Jorge da Costa, natural de Alpedrinha, foi criado cardeal em 18 de dezembro de 1476 pelo Pontífice Xisto IV a instâncias do nosso monarca D. Afonso V. Foi arcebispo dos dous arcebispados que então havia em Portugal — Braga e Lisboa. *Abadias*, em Portugal teve *sete* da Ordem de S. Bento e *seis* da de S. Bernardo; *bispados* — foi bispo de Evora, Porto, Viseu, Algarve, e Ceuta.

Fez dous irmãos arcebispos — de Lisboa a D. Martinho da Costa, e de Braga a D. Jorge da Costa. Etc. (Veja-se a numeração dessas escandalosas prebendas e honrarias no *Anno Historico* de Francisco de S. Maria, II, 550).

Est. 163

Trata-se do valeroso D. Garcia de Meneses, filho de D. Duarte de Meneses, 3.º Conde de Viana. Distinguio-se na batalha de Toro, foi por general duma armada a Itália contra os turcos, quando estes se haviam apossado de Otranto e indo depois a Roma aí pronunciou na presença do Papa Xisto IV e dos Cardeais uma Oração latina, inspirada num grande patriotismo e num vivo amor da fé cristã.

Voltando a Evora entrou na conjuração do Duque de Viseu contra D. João II, pelo que foi encerrado numa cisterna seca do castelo de Palmela, onde morreu em 1484.

Est. 164

O valente D. Francisco de Almeida merecia bem os elogios de Resende. Depois o cantaria na tuba épica o grande Camões. (*Lus.*, x, 26 e segs.).

Os Rumes — segundo João de Barros (*Dec.*, iv, l. 4, c. 16) os Mouros da Índia por diferença dos da provincia de Turquestam davam êsse nome aos naturais da Grécia e da parte da Trácia, onde está Constantinopla. O nome etimologicamente liga-se a Roma. Gonçalves Viana diz (*Apostilas*, II, 375) que os Portuguezes dos sécs. xvi e xvii davam tal nome aos turcos europeos.

Est. 165

Não há interesse em desenvolver a cota marginal, onde as personagens sam citadas episodicamente.

Est. 166

O Conde de Monsanto foi memorado na cota marginal da estância 159.

Vasco da Gama (1450-1525) recebeu de D. Manoel além de trezentos mil réis de tença, o título de *Dom*, o de *Conde* da Vidigueira, e o de *Almirante* dos mares da Índia.

Est. 167

Foi em 1506 que Diogo de Azambuja, a 21 de setembro, tomou com um punhado de portugueses a praça de Çafim, em África.

A povoação era então rica de gente, forte, e centro de largo comércio. O acto de bravura causou assombro uma vez conhecido e por isso Resende o menciona como « *feito mui sinalado* ».

Que é preciso dizer de Afonso de Albuquerque? (1453-1515). *Os Comentários* escritos por seu filho Brás de Albuquerque (1500-1580) e as *Cartas* dele próprio dizem o que foi essa gigantesca figura do nosso império colonial. As estrofes dos *Lusiadas* gravaram-no no bronze eterno.

Est. 168

Bintão, ilha do mar das Índias, ao sul da península de Malaca — foi conquistada por Pedro de Mazcarenhas com alguns poucos centos de portugueses, que obraram prodígios de destreza, de valor e de temeridade. (Veja-se esta acção pormenorizada em Barros, *Dec.* IV, liv. 1, c. 2.º, que o Épico menciona em x, 56-57).

Est. 169

Jorge de Albuquerque, aqui mencionado, era um verdadeiro destemido. Leia-se para exemplo o que escreve Goes, *Cr. de D. Manoel*, 3.^a p., cap. 79, e 4.^a p., cap. 66.

De Duarte Brandão ficaram as histórias cheias da sua valentia e bravura. Duarte, rei de Inglaterra fê-lo general duma armada contra os francêses. Cheio de honrarias veio de Inglaterra de propósito para armar cavaleiro da Jarreteira, ordem a que ele pertencia, a el-rei D. Manoel, que seguidamente o cumulou de mercês. Faleceu em 1512.

Est. 172

Damião de Goes dá na sua *Crónica de D. Manoel* (3.^a p., cap. 56) notícia dos assuntos gerais e particulares que Tristão da Cunha tratou em Roma com o Papa Lião X. «... os pontos speciaes das terças & dizimas concedeo a el Rei, para elle & pera seus successores de todas as Egrejas Cathedraes, Parrochiaes, & Abadias, que rendessem de cincoenta cruzados pera cima, em quanto fizessem guerra aos Reis de Fez, & Marrocos, nam entrando nisso engano, & se fizesse em effecto, & assi concedeo os mosteiros, & egrejas pera comendas. Mas quanto as terças, & dizimas el Rei as não quis levar...». Etc.

Est. 173

Devem ser as rainhas mencionadas pelo Cronista:
— D. Joana, esposa de D. Afonso V, que em 1478 entrou no convento de Santa Clara, em Santarem, com o simples título de *Excelente Senhora*.

— D. Leonor, molher de D. João 2.^o que viveu de 1458 a 1525.

— D. Maria, 2.^a molher de D. Manoel, irmã da 1.^a D. Isabel e que faleceu em 1517.

— A 3.^a esposa de D. Manoel foi outra rainha de nome Leonor, que era irmã do Imperador Carlos V, filha de Felipe I, de Castela, e da rainha D. Joana, herdeira do reino de Aragão, filha dos reis católicos D. Fernando e D. Isabel.

Ests. 174 — 178

E não eram precisas as festas maiores de Portugal, como a do Corpo-de-Deus ou S. João para os reis se distraírem, como o diz Resende. Todos sabemos aquella passagem de Lopes, no cap. xiv da *Cron. dél-rei D. Pedro*, em que se vê o monarca *meter-se em dança* com os moradores da cidade, chegando a descer dos seus paços, a despertá-los e bailar com eles até de manhã! Falando do próprio D. João II Resende na *Cronica* [no *Prefácio*, pg. xviii] afirma que ele foi *singular dançador em totalas danças e muito bom cavalgador da gineta...* » etc.

Referindo-se um pouco adiante [Pg. xxii] às festas escreve que o grande Rei « guardava os antigos costumes dos Reys seus antecessores, convem a saber no Natal consoada, na Pascoa Resurreiçam, dia de Corpus Christi procissam e touros, vespóra de S. Joam grandes fogueiras, e no dia canas reaes, e assi dia de S. Jorge fazia sempre festa por causa da garrotea que elle muito prezava... »

Resende compara os tempos idos e já se lamenta, como Sá de Miranda, por identicos sentimentos, de terem desaparecido. Teriam razão ?

Nesses dias de festa havia « serão de sala de danças, e bailos... E nestes dias e assi em os Domingos e Dias Santos cavalgava polla Cidade e muytas vezes

com trombetas, e atabales, charamelas e sacabuxas, e com muito estado andava as ruas principais, de que o povo e todos recebiam muito contentamento...» [*Ibid.*, pg. XXI].

Est. 179

A imprensa, a « letra de fôrma » foi introduzida em Portugal passado pouco tempo depois da sua invenção.

Tem Alemanha louvor

.....

Outros afirmam na China.

É curiosissimo este passo do grande Bispo D. Fr. Amador Arrais [*Dialogos*, ed. 1604, pg. 106 v., 2.^a col.]: « Diuina invenção foy por certo a da Impresam... Porem Gutêbergo não se glorie ser o primeyro inuentor della no anno de mil & quatrocentos, & quarenta, Porq̃ os nossos sabẽ em Iapã, e no Imperio dos Abexis auer impressores de forma de ferro ha muitas cêtenas de annos ».

Est. 180

O Conde de Vidigueira é, como dissemos [Cfr. est. 166] Vasco da Gama.

Est. 183

Sabe-se que a Rainha D. Leonor, irmã de D. Manoel, se distinguio pela sua muita piedade e religião, tendo fundado o Hospital das Caldas a que deu muitas rendas e ricos ornamentos para o serviço divino com grande soma de roupas para camas e serviços das pessoas, que se ali viessem curar, assim

ricos como pobres, instituindo também a confraria da Misericordia e várias outras obras de beneficência. (Vid. Damião de Gois, *Cron. de D. Manoel*, 4.ª p., cap. 26).

Est. 184

Dos músicos citados nesta décima encontrei notícia dos dois principais *Vaena* ou *Baena* (Gonçalo de) e de *Badajoç* (João de), ambos compositores e organistas da câmara de D. João III. [Cfr. E. Vieira, *Dicc. biogr. de Musicos Portug.*, *Historia e bibliogr. da Musica em Portugal*, Lisboa, 1900].

A estrofe cita, parece, como cantor *Fonte*, que seria *Matheus de Fontes*, citado como mestre da capela real de D. Manoel e que era cónego da Sé, *ibid.*, s. v.

Est. 185

Dentre as grandes figuras do Renascimento no ramo das artes cita Resende o grande Miguel Angelo Buonarrotti (1474-1564), Alberto Dürer (1471-1528) e Raphael Sanzio (1483-1520). Quanto é para sentir que Resende não possesse em nota à margem, pelo menos, aqueles de quem dizia :

E em Portugal ha tais
Tam grandes e naturais
Que vêm quasi no nivel.

Est. 186

Está bem. Gil Vicente foi precedido em Espanha por João del Enciña (1469-1529) mas, diz Menendez y Pelayo (*Antologia dos Poetas liricos castelhanos*, .vii) « Gil Vicente vale más, mucho más que Juan del

Enzina, y en sus últimas obras apenas conserva nada de él... » que como diz o nosso autôr :

Gil Vicente

... foi que inventou
isto cá, e o usou
com mais graça e mais doutrina.

Est. 187

Lisboa ia-se transformando pouco a pouco graças às riquezas que nos vinham da Índia. Um viajante polaco que esteve em Lisboa nos princípios do séc. xvii ficou surpreso com a sumptuosidade do viver. « Um comerciante portuguez... preparou-me um aposento tão precioso, tão alcatifado e aromatisado de suavíssimos perfumes, que o próprio rei da Polonia haveria podido habitá-lo. Esta casa possuía preciosidades sem número e cousas raras das Índias. As lojas e casas de comércio de Lisboa estavam cheias de semelhantes objectos, e ao entrar dentro parecia que se estava vivendo naqueles países ». Thiago Sobieski, *Peregrinação*, apud Conde de Vila Franca — *D. João I e a aliança inglesa*, pg. 206.

Est. 190

A 18 de fevereiro de 1514 recebo o nosso monarca D. Manoel um embaixador de Etiópia, chamado vulgarmente o Preste João, que lhe trazia uma carta do seu Príncipe e outra de Helena, sua mãe, que governava o império na menoridade do filho.

Est. 192

A erudição de Pic de Mirandola espantou os homens da sua época. Viveu apenas 31 anos (1463-

1494) e entretanto apresentou em 1486, em Roma, 900 teses que se propunha defender contra quem quer que aparecesse e atacá-las.

Ests. 193 — 194

Em 1507 morria pobrissimamente o padre Fr. João de Atayde, 3.º conde de Atouguia, filho do 2.º D. Martinho de Atouguia e de D. Felipa de Azevedo. Tendo casado com D. Brites da Silva, após o falecimento da consorte, deixou a pátria e as riquezas e passando a Castela desconhecido vestio o hábito de S. Francisco, só voltando a Portugal a instâncias de D. João II. (Cfr. o que diz Resende na sua *Cronica*, cap. 178).

Est. 226

Os embaixadores italianos Tron e Lippomani, que vieram a Portugal em nome da República de Veneza cumprimentar Felipe 2.º, notavam ainda esta mesma circunstância: « As mulheres portuguesas sam singulares na formosura e proporcionadas no corpo... as que nos pareceram mais formosas foram as de Lisboa; postoque as castelhanas e outras hespanholas arrebiquem o rosto de branco e encarnado para tornarem a pele que é algum tanto, ou antes muito trigueira mais alva e rosada, persuadidos de que todas as trigueiras são feias... » (Cfr. A. Herculano no *Panorama*, 1843, pg. 98).

Est. 227

Na ed. de 1622 em vêz de *mollicias*, etc., do 3.º verso imprimio-se

Animosos ser sohiam

repetindo escusadamente a rima para evitar, talvez, qualquer alusão a costumes contemporâneos, quem sabe ?

Est. 238 — 239

Lutero arvorou-se em rebelião contra a Igreja principalmente a contar do dia 31 de outubro de 1517 em que afixou nas portas da catedral de Vitenberg as suas 95 teses. Em 1520 foi excomungado e é desde essa época incansavel na propaganda da sua heresia. A guerra dos Camponeses encheu várias partes da Alemanha de sangue e de ruínas.

Est. 240

Não era só o grande Gil Vicente que se ria da astrologia. Nas Coplas a Felipe Guilherme [Cfr. a nossa ed. das *Obras*, III, 258] rediculariza certos sábios :

Ansi que por esta via
Es de los sabios el cabo
Que sin ver astrolomia
El toma el sol por el rabo
En cualquiera hora del dia.

Coitados ! Os sucessos desmentiam-nos. Tinham anunciado, diz Resende, um grande dilúvio para esse ano de 1524: Foi um sequeiro horroroso !

Est. 241

O terramoto na ilha de S. Miguel, no séc. xv, precisamente no dia 22 de outubro de 1522, numa 4.ª f., pelas duas horas da manhã, foi espantoso, tendo arrancado serras, e montes e grandes quantidades

de terra, lodo, penedos, etc. Na povoação de Vila Franca os melhores palácios e várias igrejas ficaram um montão de ruínas. Resende não exagera quando diz « *que serras foram algares* ». O número das vítimas ascendeu a alguns milhares.

Est. 244

Os habitantes de Toledo e doutras cidades de Castela levantaram-se contra o govêrno de Carlos V em defesa de certos privilégios *das comunidades*. Chamaram-se *Comuneros*. Foram vencidos em Villalar em 1521.

Est. 245

Valença constituiu um reino que foi conquistado aos Mouros no séc. XIII pelos Aragoneses, foi reúnido a Espanha nos fins do séc. XV e guardou a sua legislação peculiar até 1707.

Est. 246

El-rey de Dinamarca — era Cristiano II, apelidado o *Cruel*, filho de João II, nascido em 1480, rei da Dinamarca e da Noruega em 1512, casado com Isabel, irmã de Carlos V, em 1515.

Est. 247

Vêr sôbre Chipre o que dissemos a propósito da est. 137.

Est. 248

Fala de Carlos V, filho de Felipe, o *Bello*, arquiduque de Austria e de Joana a *Louca*, (1500-1558),

rei de Espanha, imperador da Alemanha, cujo reinado encontrou numerosos historiadores.

Ests. 250 — 251

O *rei de França* é Francisco I (1494-1547), que derrotado na batalha de Pavia em 24 de fevereiro de 1525 foi levado prisioneiro para Espanha, donde não conseguiu libertar-se senão com a assinatura do tratado ruinoso de Madrid em 1526.

Ests. 252 — 256

Trata-se de Carlos de Bourbon, o famoso Condestavel (1489-1527), que morreu dum tiro de arcabus no cêrco de Roma em 6 de maio de 1527. O exército indisciplinado que comandou em Itália cometeu as maiores barbaridades e as mais crueis selvagerias para com os habitantes de Roma.

Ests. 257 — 259

Portugal e Espanha, como o norte de África, sofreram no ano de 1521 graves calamidades. A uma série de anos ferteis e abundantes, succedeu esterilidade pavorosa. Os campos, as árvores, queimadas pela secura, não deram frutos que alimentassem as populações famintas. Em África acrescia o calor natural da região, de modo que a miséria era mil vezes maior, sobretudo em Azamor e Safi. Os mouros procuravam os cristãos, a quem, em troca de alimento, se vendiam. Tivesse Portugal que comer (259) e facilmente se apossaria de Fez! (Cfr. Schaeffer, *Hist. de Portugal*, III, 350).

Ests. 260 — 261

D. Manoel morreu em 1521 com cincoenta e dois anos de idade. Goes na *Chr.*, 4.^a p., cap. 83, descreve « o falecimento del Rei dom Emanuel, e de como foi sepultado no mosteiro de Bethlem ».

Est. 262

Com efeito D. João III foi aclamado rei a 19 de dezembro de 1521. Sôbre D. João III nas obras de Gil Vicente, veja-se o 3.^o vol. das suas *Obras*, pg. 322, da minha ed., Coimbra, 1914.

Est. 263

E as redeas do cavallo
a pé levava o Infante.

Lá o diz Gil Vicente no *Romance*, que dedicou à aclamação de D. João III :

O Iffante Dom Fernando
outro seu irmão carnal
ao estribo direito
a pé ; não lhe estava mal
porque em tal solenidade
tudo lhe veem natural.

Obras, ed. cit., I, 379.

Est. 264

Lá vem também confirmado em Gil Vicente em I, 379. Era quem levava o estoque. Os elogios que

faz Resende a quem os contemporâneos chamaram « *Delicias de Portugal* » sam, afinal, gerais em todos os historiadores, que se referem a êste Infante.

Est. 265

D. João III era filho de D. Manoel e de sua 1.^a molher D. Isabel, filha mais velha de Fernando e Isabel de Castela e Aragão, os *Reis Católicos*.

Est. 266

A ed. de 1622 e todas os que a copiáram substituíram a palavra *Marido* que abre esta décima pela de *Nacido*, com o que não ganhou a técnica do verso, e não pôde dizer-se necessário para salvar a verdade histórica. Mantemos, pois, o texto primitivo.

Ests. 276 — 277

D. João III casou no dia 5 de fevereiro de 1525 na vila de Alvito com a rainha D. Catarina, irmã do Imperador Carlos V, filha de Felipe I de Castela e da rainha D. Joana, herdeira dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel. A rainha veio acompanhada do bispo de Siguenza e do Duque de Bejar, que na raia de Badajoz e Elvas a entregaram aos infantes D. Luís e D. Fernando.

Est. 278

O contrato matrimonial da Infanta D. Isabel, filha de D. Manoel e de sua 2.^a molher a rainha D. Maria, com o Imperador Carlos V, estipulava que D. João III

pagaria a passagem da Imperatriz até à raia de Portugal e levaria de dote 900.000 dobras de ouro castelhanas, do valor de 365 maravedis cada dobra e que na soma dêste dote entrariam 23.066 dobras, que importavam os 8 contos, que a mesma Infanta herdara da rainha sua mãe, e se abateriam também no mesmo dote 165.232 dobras e 16 maravedis do referido preço, que o Imperador devia a el-rei D. João para cumprimento do dote da rainha D. Catarina, sua mulher, irmã do Imperador; e ainda se abateriam 51.369 dobras e 315 maravedis do mesmo preço, que el-rei D. Manoel emprestara ao Imperador no tempo das Comunidades de Castela. Carlos V estipulava como arras outras importâncias, de forma a que a Imperatriz viesse a têr em cada ano 50.000 dobras de ouro. (Vid. *Anno Historico*, já cit., III, 183-184).

Ests. 294-304

O terramoto de 7 de janeiro de 1531 foi horroroso, fazendo-se sentir em quase todas as povoações de Portugal, nomeadamente em Lisboa e seus arredores. A descrição de Resende é interessantíssima pelos pormenores que relata.

RELAÇÃO

DOS INDIVÍDUOS MENCIONADOS NA *MISCELANEA* (1)

- | | |
|---|---|
| Adriano (Papa) — 136. | Alexandre (Papa) — 44
e 136. |
| Afonso (Príncipe D.) —
235. | Almeida (D. Francisco
de), 1.º Vizo-rei da In-
dia — 164. |
| Afonso (D.) rei de Na-
poles — 14. | Alvaro (D.), de Portu-
gal — 41. |
| Afonso V (D.) — 26. | Alvito (Barão de) — 159. |
| Afonso (D.), filho de
D. João II — 46. | André (João) 16. |
| Afonso (D.), filho de
D. João III — 46. | Arriaga, músico — 184. |
| Aguilar (Gonçalo Fer-
nandez de, Duque de)
— 157. | Ataide (Frei João de)
— 193. |
| Albuquerque (Afonso de)
— 95 e 167. | Azambuja (Diogo de)
— 167. |
| Albuquerque (Jorge de)
— 169. | Badajoz, músico — 184.
Bispo de Seuta — 165. |

(1) Alguns sam mencionados nas cotas marginais. De muitos não sam citados os nomes e por isso se não indicam neste índice feito com o intuito de facilitar qualquer busca. Resende tratando-se de personagens suas contemporâneas conhecidissimas não julgou necessário pôr-lhes os nomes. Dêste tipo sam as Ests. 284 e 285 e outras.

- Bispo de Coimbra — 165.
 Bispo da Guarda — 159.
 Bispo de Viseu — 159.
 Brandão (Duarte) — 169.

 Cão — 10.
 Carlos V^o — 248.
 Carlos, Duque de Bourbon, 252.
 Castro (D. Alvaro de) — 166.
 Charles (Duque de) — 45.
 Conde de Abrantes — 165.
 Conde de Atouguia — 194.
 Conde de Cantanhede — 164.
 Conde de Loulé — 164.
 Conde de Monsanto — 166.
 Conde de Tarouca — 164.
 Costa (D. Jorge da) — 162.
 Constantino (Imperador) — 8.
 Cristiano II, rei da Dinamarca — 246.

 Duarte (D.), rei de Inglaterra — 43.
 Duque de Arcos — 286.
 Duque de Aveiro — 279.
 Duque de Barcelos — 279.
 Duque de Beja — 279.
 Duque da Guarda — 279.
 Duque de Milão — 15.
 Dürer (Alberto) — 185.

 Elena (Mãe de Constantino) — 8.

 Enrique (D.), de Castela — 20.
 Enzina (João del) — 186.

 Felipe de Austria — 123.
 Fernando (D.), rei da Sicília — 22.
 Fernando (Infante D.) — 263.
 Fernando (D.), Duque de Bragança — 19.
 Fernando e Isabel, Reis Católicos, — 143.
 Fonte, Músico — 184.
 Francisco I — 250.

 Galeão (Duque) — 16.
 Gama (D. Vasco da) — 50 e 166.
 Gandia (Duque de) — 44.
 Garcia (D.), Bispo — 163 e 164.
 Gil Vicente — 186.
 Girão (D. Pedro), Mestre de Alcantara — 152.

 Isabel (D.), mulher de D. Manoel — 34.
 Isabel (D.), rainha de Castela — 39.

 Jaime (D.), Duque de Bragança — 161.
 João II (D.) — 27 e 46.
 João III (D.) — 46.
 Joana d'Arc (Pócella) — 15.

- Joana (D.ª), a Excelente
Senhora — 173.
- Julio II (Papa) — 135 e
137.
- Leonor (D.), irmã de
D. Manoel, instituidora
das Misericórdias —
183.
- Leonor (D.), 3.ª esposa
de D. Manoel — 173.
- Lião (Papa) — 172.
- Ludovico (Maria Sforza)
— 17.
- Luís (Infante D.) — 264.
- Luís (D.), rei de França
— 25.
- Luna (D. Alvaro) — 19.
- Lutero — 238.
- Manoel (D.) — 47 e
260.
- Manoel (D. João) — 123.
- Manrique (Rodrigo) —
154.
- Maria (D.), 2.ª mulher
de D. Manoel — 173.
- Mascarenhas (Pero) —
168.
- Maximiliano (Imperador)
— 38.
- Mena (Juan de) — 150.
- Meneses (D. João de)
— 195.
- Miguel Angelo — 185.
- Mirándola (Conde de)
— 162.
- Monsanto (Conde de)
— 159.
- Móroy (D. Afonso) — 18.
- Pacheco (D. João), Mes-
tre de Santiago — 152.
- Pio (Papa) 136.
- Prior do Crato — 165.
- Raphael — 185.
- Ribadeo (Conde de) —
155.
- Santilhana (Marquês de)
— 150.
- Sarzedo, Músico — 184.
- Scevola — 41.
- Sevilha (Duque de) —
151.
- Sisto (Papa) — 135.
- Tamorlam — 9.
- Tomás, criança prodigi-
giosa de Evora — 305.
- Vaena, músico — 184.
- Vilhena (D. Enrique de)
— 150.
- Vilhena (Marquês de)
— 153.
- Vila Real (Marquês de)
— 159.
- Visagudo (Pero Vaz) —
125.
- Xeque Ismael — 12.
- Ximenes (Cardeal) — 148.

EXPLICAÇÃO DALGUNS VOCÁBULOS (1)

Aceiro. — Est. 77 (de *aço* + suf. *eiro*, feito de *aço*) rima neste lugar com *marteiro*, que logo na est. immediata aparece na forma *martijro*.

Apendonados. — Est. 30 — *a* + *pendoñ* (*pendão*, bandeira ou estandarte) + suf. *ado*, como em *apasionado*. Est. 219 — gramponados da Est. 208, etc.

Atilados. — Ests. 228 e 269 — ornados com riqueza e esmero, a que não falta um til, perfeito.

Auçam aparece em duas Ests. 17 e 126, o mesmo que *acção* e encontra-se em J. Ferreira de Vasconcelos, na *Eufrosina* e noutros Quinhentistas.

Averdugadas. — Est. 226 — espécie de sáias que antigamente se usavam, caracterizadas pela enorme largura que lhes era dada por arcos postos em baixo.

Bago. — Est. 200 — fôrma popular de *báculo*, insignia episcopal.

Caña. — Ests. 18 e 29 — com o ~ etimológico, visto que o lat. escrevia *Canna*.

Daga. — Est 16 — e, por isso, na Est. 82 *Dagada*, formas decapitadas, como na Est. 101 *fastar*.

Devaçam. — Ests. 77, 78, 197 e 204 — sempre com igual grafia, como em Gil Vicente e comumente.

Geeralidade. — Est. 292 — o mesmo que *generalidade*, tambem empregado em Gil Vicente.

Glossadores. — No *Prólogo*, pg. 3 e nas Ests. 222 e 310 — no sentido de críticos maldizentes, que me-

(1) Não se mencionam alguns que vam explicados nas *Notas e Esclarecimentos* atrás inseridos.

noscabam o trabalho dos outros sem nada de util fazerem êles próprios.

Guinola. — Est. 144 — a significação é incerta. No *Dicc.* de Faria, vol. 2.º, pg. 226 lê-se; *Guinola*, s. f. (do esp. *quinola*?, em fr. ant. *quinelle*), significa escudeiro de Damas, v. g. « Vimos grandes judiarias, Judeus, guinolos e touras ».

Mas não designará antes, como *toura* neste lugar, qualquer divertimento ou jogo?

Homem. — Ests. 50 e 111 — tomado como pron. indefinido é de uso freqüente nos escritores antigos.

Jecto. — Ests. 15, 93, 98, 117, 132, etc. — rimando na estância 7 com *pecto*. Resende escreve invariavelmente assim — *fecto*, *accepto*, *respecto*, *provecto*, *directo*, *recepto*, *suspecto*, *subjecto*, etc.

Latino. — Est. 305 — astuto, manhoso, atualmente *ladino*.

Livel. — Ests. 24 e 185 — deriva do lat. *libella* e é melhor fórma, portanto, que o moderno *nivel*.

Logreiro. — Est. 232 — usurário, que dá ou empresta com *logro*.

Malenconiçados. — Est. 182 — melancolizados, que sofre ou foi atingido por *melancolia*.

Mancaes. — Est. 236 — diz A. Coelho que mancal era um páu ferrado com que se jogava o fito.

Marteiro. — Est. 298 — freqüente em outros escritores da época, como Gil Vicente, donde *martear*, o mesmo que *martírio* e martirizar.

Musalem. — Est. 159 — personagem a quem a Biblia attribuiu uma existência de centenas de anos. (*Gen.*, v, 21 e 27).

Mesterosos. — Est. 205 — de *mester* —, officio manual, dos que trabalham nas suas artes sempre.

Mollicias. — Est. 227 — como o seu étimo latino, languidez, sensualidades.

Nominaszinhas. — Est. 178 — deminutivo de *nomina*, prégos dourados dos arreios dos caválos.

Quisto. — Ests. 32 e 151 — usa-se atualmente só na forma composta *benquistos*, *malquistos*. Do étimo *quaesitus* designa aquilo a que se quer bem, que se estima ou tem em apreço.

Relé. — Est. 234 — termo de volataria, a ave ou o animal em que a ave de rapina costuma fazer prêsa.

Ressio. — Est. 288 — *rossio* com dois *ss*, o mesmo que agora erradamente se escreve *rocio*. *Ressio* ou *rossio* é como manda escrever Gonçalves Viana. Cfr. *Apostilas*, II, 382.

Rumsa. — Est. 236 — ou *Rumfa* como traz a ed. de 1622, devia sêr, como se deduz do contexto, certa espécie de jogo.

Servicio. — Est. 28 — empregado como adj. do lat. *servitium*, e no significado do mod. serviçal, i. é, prestadio.

Sinogas. — Est. 142 — fôrma equivalente a *sinagogas* lugar de reunião dos Judeus para a celebração das suas festas culturais. Dizia-se também *Esnoga*. Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v.

Soyça. — Est. 127 — Parece ser empregado no mesmo sentido em que o empregou Gil Vicente — de exercícos e evoluções semelhantes às dos militares.

Tafures. — Est. 217 — de *taful*, janota, com sentido pejorativo neste lugar.

Tendilhão. — Est. 300 — tenda de campanha.

Toura. — Est. 144 — é corrupção do vocábulo hebraico *Toráh*, que designava o Pentateuco, sobre o qual os Judeus faziam os seus juramentos. Cfr. o meu trabalho *Os Judeus em Portugal*, pgs. 386 e 428. Mas neste lugar seria qualquer espécie de divertimento ou jogo, no significado que tem o seu deminutivo *Tourinha* e vem explicado em Domingos Vieira, *Dicc*, v, pgs. 778, sub vb *Tourinha*.

Vagamundeando. — Est. 220 — errante pelo mundo, hoje mais freqüentemente *vagabundeando*.

Xpãos. — Ests. 272 e 273 — e noutros logares por extenso *cristãos*.

ERRATAS

RESSALVAM-SE AS PRINCIPAIS :

Est. 35, v. 8.º	<i>fayal</i>	em vêz de	<i>sayal</i>
» 43, v. 4.º	<i>fem</i>	» » »	<i>sem</i>
» 83, cota marginal,	<i>Narga</i>	» » »	<i>Narsinga</i>
» 246, v. 8.º	<i>salado</i>	» » »	<i>falado</i>

INDICE

Prefácio	v
MISCELLANEA	1
Notas e esclarecimentos	109
Relação dos indivíduos mencionados na MIS- CELLANEA	159
Explicações dalguns vocábulos	163
Erratas	000

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9231
R4M5

Resende, Garcia de
Miscellanea e variedade
de historias, costumes,
casos, e cousas

MENDES DOS REMEDIOS

<i>História da Literatura Portugêsa desde as origens até á actualidade</i> , 4. ^a ed., 1 vol. brochado, 1\$500. Cartonado...	1\$600
<i>Introdução á História da Literatura Portugêsa</i> , 3. ^a edição, muito melhorada	900
<i>Subsidios para o estudo da História da Literatura Portugêsa :</i>	
I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manuel de Mello, 2. ^a edição.....	300
II. — Poesias inéditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo xvii.....	300
III. — <i>Lusíadas</i> (3. ^a ed. anotada, para as escolas), brochado, 500. Cartonado.....	600
IV. — <i>Foguetario</i> (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal.....	300
V. — <i>Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança</i> (opera jocosa), de Antonio José da Silva	300
VI. — <i>Guerras do Alecrim e Mangerona</i> (opera joco-seria), de Antonio José da Silva	200
VII. — <i>Sentenças de D. Francisco de Portugal</i> , 1. ^o Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no « <i>Cancioneiro de Garcia de Rezende</i> »	300
VIII a X. — <i>Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel</i> , por Samuel Usque, 3 vols.....	800
XI, XV e XVII. — <i>Obras de Gil Vicente</i> , 3 vols., (completas) 1\$500	1\$500
XII. — <i>Memorias de José da Cunha Brochado</i>	250
XIII. — <i>Chronica do Infante Santo D. Fernando</i>	400
XIV. — <i>Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira</i>	500
XVI. — <i>Escritoras doutros tempos</i>	400
XVIII. — <i>A Castro</i> , de António Ferreira	400
XIX. — <i>Miscellanea</i> , de Garcia de Resende.....	500
<i>Filosofia elementar</i> , 2. ^a edição refundida, 1916, 1 vol. broch. 1\$700	1\$700
<i>Os Judeus em Portugal</i> , 1 vol. broch.....	1\$000
<i>Os Judeus Portugueses em Amsterdam</i> , 1 vol. broch.	700
<i>Sousa Martins e a Serra da Estrella</i> , (Exgotado).	
<i>Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V</i> , (Exgotado).	
<i>Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra</i> folh. (Exgotado).	
<i>Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra</i> (ensaio de catalogo)	200
<i>As Horas de Nossa Senhora da Bibliotheca da Universidade de Coimbra</i> , 1 folh. (Exgotado).	
<i>Philomena de S. Boaventura</i>	200
<i>Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus</i>	200

85.

